



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**FRANCISCO JOSÉ CORINGA COSTA**

**A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS E O SENTIDO  
DE LUGAR NA SUA EXPERIÊNCIA COTIDIANA**

Manaus  
2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FRANCISCO JOSÉ CORINGA COSTA**

**A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS E O SENTIDO  
DE LUGAR NA SUA EXPERIÊNCIA COTIDIANA**

Dissertação apresentada a Universidade Federal do Amazonas como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de mestre em Geografia. Área de Concentração: Amazônia: Território e Ambiente.

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Amélia Regina Batista Nogueira

Orientadora

Manaus

2009

**FRANCISCO JOSÉ CORINGA COSTA**

**A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS E O SENTIDO  
DE LUGAR NA SUA EXPERIÊNCIA COTIDIANA**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Geografia, na área de concentração: Amazônia: Território e Ambiente, à comissão julgadora da Universidade Federal do Amazonas.

Banca Examinadora:

.....  
Prof. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira – Orientadora/Presidente (UFAM)

.....  
Prof. Dra. Antonia Silva de Lima – Membro Titular (UFAM)

.....  
Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz – Membro Titular (UFAM)

Conceito:.....

Manaus, 24 de novembro de 2009.

Aos meus pais, pela vida e por todo amor que  
me dedicaram;  
À Chiara Lubich, por ter me doado o seu ideal.  
Dedico-lhes essa conquista como gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por seu infinito amor;

À minha família e ao Movimento dos Focolares, pelo apoio e força sempre presentes;

À Universidade Federal do Amazonas, e à CAPES/FAPEAM pelo apoio financeiro;

À Secretaria Municipal de Educação de Manaus – SEMED, que por meio do Programa Qualifica autorizou o meu afastamento para estudo;

À profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, minha orientadora, pela paciência e dedicação com as quais me acompanhou por todo este período;

Aos coodenadores do programa PPG-GEOG, e em especial à sua secretária Maria das Graças Luzeiro pela atenção e orientações sempre precisas;

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação;

Aos que contribuíram com sugestões e ajustes técnicos, em especial o Prof. Ms. Marcos Castro, Prof. Ms. Cláudio Sampaio, João Batista de Brito, Gláucia Lino e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com esta meta alcançada;

Aos diretores, professores e funcionários da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadelha, pelo incentivo e por terem possibilitado a pesquisa nessa escola;

Aos meus ex-alunos(as), sobretudo os alunos do 8º e 9º ano de 2008 que, gentilmente, aceitaram ser os sujeitos da presente pesquisa.

Quando vivemos o amor ao próximo não é apenas a nossa vida que se fortalece, mas tudo o que está à nossa volta recebe influência, qual onda de calor divino que se irradia e se propaga, penetrando nos tecidos humanos, aquecendo as relações entre as pessoas e entre os grupos, transformando pouco a pouco toda a sociedade.

Chiara Lubich

A geografia do mundo é unificada apenas pela lógica e visão humanas, pela luz e cor dos artificios, pelo arranjo decorativo, e pelas idéias de bom, verdade, e beleza.

David Lowenthal

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles estão existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos com que chegam à escola.

Paulo Freire

## RESUMO

O contínuo processo de exclusão de jovens de periferia e a necessária valorização da percepção do seu espaço motivaram-nos a estudar, nesta pesquisa, o tema da geograficidade dos jovens e o sentido que o lugar tem para eles em sua experiência cotidiana. Assim, buscamos compreender qual a geograficidade desses jovens, seu espaço vivido e como eles constroem sua identidade, partindo da problemática de que a valorização da geograficidade contribui para sua identificação com o lugar e inserção no mundo. Essa geograficidade se reflete nas várias maneiras como os jovens sentem e conhecem seus ambientes como o lugar, a rua, a escola, a igreja, locais de lazer e outros referenciais que lhes são importantes. Como metodologia de pesquisa foi adotada a abordagem cultural na geografia numa perspectiva fenomenológica, tomando como ponto de partida para a apreensão do problema, entrevistas com roteiro aberto e elaboração de Mapas Mentais dos alunos. Os sujeitos da pesquisa foram alunos e ex-alunos de Ensino Fundamental da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadelha, localizada no bairro Jorge Teixeira na Zona Leste de Manaus (AM) e os resultados mostraram que o resgate do espaço vivido desses jovens, revelou sua ligação afetiva e identidade com o lugar. Assim, consideramos a consciência de ser no mundo, fundamental para ações que possam configurar a participação desses jovens no bairro, uma vez que a cidadania se realiza no lugar de vida. Diante desses resultados, apontamos, neste trabalho, para a relevância do ensino da geografia, a partir da experiência e da significância que tem os lugares.

Palavras-chave: geograficidade, percepção, lugar, identidade, cidadania.



## ABSTRACT

The continuous process of excluding people from the periphery and the need to promote the perception of their space led us to study, in this research, the theme of geografcity for young people and the sense that the place has for them in their everyday experience. Thus, we seek to understand which is the geografcity of these young people, their living space and how they build their identity, starting from the problem that the valorization of the geografcity contributes to their identification with the place and insertion into the world. This geografcity is reflected in various ways in which young people feel and know their environment such as the place, street, school, church, leisure places and other references important to them. The methodology adopted in this research was the cultural approach in Geography in a phenomenological perspective, taking as starting point to the understanding of the problem, interviews with open scripts and development of students' Mental Maps. The research subjects were students and former students of "Themístocles Pinheiro Gadelha" Elementary Municipal School, located in Jorge Teixeira neighborhood in the Eastern Zone of Manaus (AM) and the results showed that the rescue of the livid space of this young people, unveiled their affective bonding and identity with the place. Thus, we consider the consciousness of being in the world, important to actions which may constitute the participation of these young people in the neighborhood, since citizenship is carried out in the place of living. Given these results, we point out in this work, the relevance of the teaching of Geography from the experience and the significance that have the places.

Keywords: geografcity, perception, place, identity, citizenship.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do bairro Jorge Teixeira, Manaus/AM, dividido em etapas.....	46
Figura 2 – Mapa da Unidade de Desenvolvimento Humano JORGE TEIXEIRA – João Paulo e a distribuição das Zonas Administrativas em Manaus/AM.....	47
Figura 3 – Mapa Mental de Ketlen Carla (14 anos).....	66
Figura 4 – Mapa Mental de Paloma (17 anos).....	67
Figura 5 – Mental de Bárbara Cristina (15 anos).....	68
Figura 6 – Mapa Mental de Danifranck (15 anos).....	70
Figura 7 – Mapa Mental de Karoline (15 anos).....	71
Figura 8 – Mapa Mental de Jeice (15 anos).....	72
Figura 9 – Mapa Mental de Girlan (15 anos).....	73
Figura 10 – Mapa Mental de Thiago (16 anos).....	74
Figura 11 – Mapa Mental de Adriano (13 anos).....	75
Figura 12 – Mapa Mental de Edcley (14 anos).....	76
Figura 13 – Mapa Mental de Ana Carolina (14 anos).....	77
Figura 14 – Mental de Andréia (13 anos).....	78
Figura 15 – Mapa Mental de Ingra (15 anos).....	79
Figura 16 – Mapa Mental de Aline (14 anos).....	80
Figura 17 – Mapa Mental de Mateus (15 anos).....	81

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 UMA ABORDAGEM CULTURAL DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA</b> .....	19
1.1 PERCEPÇÃO, GEOGRAFICIDADE, LUGAR, IDENTIDADE E CIDADANIA.....	21
1.2 A FENOMENOLOGIA EM ERIC DARDEL, DAVID LOWENTHAL, YU-FU TUAN, ANNE BUTTIMER E EDWARD RELPH.....	27
1.2.1 Eric Dardel e conceito de geofraficidade.....	28
1.2.2 David Lowenthal e a temática da experiência e da imaginação geográfica.....	32
1.2.3 Yu-fu Tuan e a topofilia.....	36
1.2.4 Anne Buttimer e sua perspectiva fenomenológico-existencialista.....	40
1.2.5 Edward Relph e o estudo do lugar.....	42
<b>2 A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS NOS LUGARES COTIDIANOS: O BAIRRO, A ESCOLA E OS OUTROS LUGARES</b> .....	44
2.1 O BAIRRO COMO LUGAR DE EXISTÊNCIA.....	45
2.1.1 A percepção e o sentido de lugar.....	48
2.1.2 Atitude: experienciação e participação.....	54
2.1.3 Valores: a visão de mundo construída no cotidiano do bairro.....	56
2.1.3.1 Valores sensíveis em relação ao bairro.....	57
2.1.3.2 Valores espirituais.....	58
2.1.3.3 Família.....	59
2.1.3.4 Amizade.....	61
2.1.3.5 Estudo e trabalho.....	62
2.1.3.6 Namoro.....	62
2.1.3.7 Valores pessoais.....	63
2.2 OS MAPAS MENTAIS: REPRESENTANDO O MUNDO VIVIDO.....	63
2.2.1 Conhecendo o lugar pelos mapas mentais.....	64
2.3 A ESCOLA, LUGAR DE CONFLUÊNCIA DA GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS.....	82
2.3.1 Imagens positivas e negativas que se formam em relação à escola.....	83
2.4 DESAFIOS NO ENFRENTAMENTO DE OUTROS LUGARES – A VIDA FORA DO BAIRRO.....	89
2.4.1 Da mudança para as escolas do centro da cidade.....	91
<b>3 DO LUGAR NO MUNDO A UM LUGAR NO MUNDO</b> .....	95
3.1 FRAGILIDADES NO LUGAR.....	95

<b>3.1.1 A violência como imagem negativa do bairro.....</b>	<b>95</b>
<b>3.1.2 “A área vermelha não é só aqui” .....</b>	<b>98</b>
<b>3.1.3 O enfrentamento dos estereótipos e preconceitos.....</b>	<b>101</b>
<b>3.2 RESISTÊNCIAS: O LUGAR, A IDENTIDADE E A CIDADANIA.....</b>	<b>106</b>
<b>3.2.1 A religiosidade como resistência.....</b>	<b>108</b>
<b>3.2.2 Os grupos e as “tribos” .....</b>	<b>110</b>
<b>3.2.3 O esporte e as Lan House: oportunidades de inserção no mundo.....</b>	<b>114</b>
<b>3.3 EXPECTATIVAS: UM FUTURO MELHOR.....</b>	<b>116</b>
<b>3.3.1 Por um lugar no mundo.....</b>	<b>118</b>
<b>CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

A utilização do conhecimento, vivido e percebido e o resgate da perspectiva relacional dos estudantes com o seu lugar, como meio capaz de valorizar a identidade com o lugar e a participação de jovens nas comunidades, poderiam se tornar um referencial importante nas práticas educativas. Isso posto, podemos afirmar que a valorização de procedimentos adequados e acessíveis, na educação formal, é indispensável para o desenvolvimento das capacidades ligadas à participação, à co-responsabilidade e à solidariedade, porque configuram situações reais que podem ser experimentadas pelos alunos.

Após quase dez anos de trabalho no ensino da geografia no bairro Jorge Teixeira, Zona Leste de Manaus (AM), pudemos constatar os grandes desafios característicos de periferias urbanas. No tocante à realidade juvenil, verificamos um contínuo processo de exclusão, reforçado pelas fragilidades de situações sociais e econômicas desfavoráveis em que estão imersos. Diante dessas situações vividas, o sentimento de pertença e identidade com o lugar e a noção cultural construída a partir da percepção do espaço não são suficientemente consideradas em sala de aula.

Este bairro, só lembrado durante as campanhas eleitorais, é marcado pelo preconceito dos outros habitantes da cidade, que no seu imaginário, o relaciona somente aos problemas de drogas e de violência. Esta imagem negativa é reforçada pelas páginas policiais dos jornais locais e programas televisivos de caráter populista e de interesses político-eleitorais. Neste espaço está localizado o sujeito deste trabalho, a sua juventude representada por uma amostragem de alunos e ex-alunos do turno vespertino da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadelha, em pesquisa realizada entre o final de 2008 e o início de 2009. A média de idade destes jovens está entre os 14 e 15 anos. De acordo com Watarai e Romanelli (2008), no plano internacional a OMS (Organização Mundial de Saúde) estabelece entre dez e 19 anos a fase da adolescência, no nacional o critério etário é o do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal n.º 8.069, de julho de 1990) que situa a adolescência entre 12 e 18 anos. Em grande parte, os jovens entrevistados são pobres, filhos de trabalhadores na

indústria, no comércio e no setor informal. Mais da metade deles nasceram em Manaus e o restante é do interior do Amazonas e de outros Estados, notadamente do Pará e do Maranhão. Quanto à origem dos pais, a grande maioria dos entrevistados tem seus pais nascidos em outros Estados; alguns no interior do Amazonas e outros em países vizinhos como Peru e Colômbia.

Partimos com estes sujeitos em seu ambiente escolar, porque entendemos que este é um espaço para o qual confluem todas as expectativas e experiências vividas pelos jovens: a busca de amizades e convivência; a aprendizagem formal; a experiência religiosa, com variadas denominações e crenças; a prática esportiva e recreativa; além de ser espaço de manifestação dos conflitos e crises.

Este contexto nos levou a eleger como problema a ser estudado a valorização da geograficidade dos jovens e do seu espaço vivido, que se reflete nas várias maneiras como eles sentem e conhecem seus ambientes – o lugar, a rua, a escola, a igreja, locais de lazer, e outros referenciais que lhes são importantes – contribui para a identificação com o lugar e inserção no mundo. O conceito de geograficidade, aqui é entendido como uma relação existencial com o lugar, e deverá ser retomado no decorrer deste trabalho.

Entre tantas motivações, além do compromisso ético e a necessidade que se impõe em dar uma contribuição teórica para o problema, três aspectos foram determinantes na construção desse estudo. O primeiro já acenado anteriormente, surgiu no exercício do ensino da geografia, em contato com a realidade dos alunos vivida no seu cotidiano: a pobreza, as deficiências escolares tanto estruturais como as de aprendizagem, as drogas e a violência. Foi necessário, então, adaptar o currículo proposto para o ensino desta disciplina, porque entendíamos que a escola, que deveria fortalecer a percepção do espaço vivido pelos alunos, e para onde confluem seus interesses, pode reforçar a exclusão à medida que não valorize ou até mesmo fragilize esta percepção. Assim, procuramos adequar os temas em sala de aula para dar subsídios e possibilidades a uma maior percepção do local e do global no dia a dia dos alunos. Valorizando as suas próprias experiências de espaço vivido e procurando elementos essenciais para entender a sua inserção no mundo. Buscamos, também, dar uma educação à mundialidade em contraponto ao processo de globalização excludente. Isto se concretizava por meio de uma educação para o diálogo, para a abertura ao outro, ao diferente, à diversidade cultural. Vivenciando a própria cultura colocada em relação com outras, num momento em que existe a tendência ao fechamento amparado na proteção que as semelhanças podem dar. A educação à mundialidade, naquele caso, significava, também, a procura da superação de barreiras no próprio bairro – áreas urbanizadas/áreas de risco; entre bairros – Zona

Leste/Centro Sul; o incentivo à acolhida aos imigrantes de outros Estados, especialmente alunos provenientes do Pará; e uma maior abertura e inserção no mundo através de levantamento de questões fundamentais que são exigidas hoje dos jovens no mundo globalizado deste século XXI.

Os outros dois motivos foram depoimentos de ex-alunos: o primeiro depoimento, surgido no reencontro com uma ex-aluna, agora como estagiária de prática de ensino em geografia. Em contato com ela foi possível verificar os desafios que passam os nossos alunos quando vão estudar nas escolas do centro para o Ensino Médio no enfrentamento do preconceito por morar na Zona Leste. O segundo, uma carta recebida por uma ex-aluna fazendo uma manifestação de agradecimento aos professores, citando seus nomes e o quanto foram importantes em sua vida. Fazia também um apelo para que não deixássemos a escola tão abandonada e deteriorada como ela estava vendo naquele momento. Afirmava o quanto a escola tinha sido importante, citando a sua ligação afetiva com aquele espaço físico que lhe tinha visto crescer e que a atual situação da escola lhe trazia um sentimento de dor.

Portanto, a relevância deste trabalho está na possibilidade de contribuir para o estudo da geografia do lugar, fornecendo subsídios por meio da compreensão da geograficidade e da valorização do sentido de lugar na experiência cotidiana dos jovens frente aos desafios vividos no bairro. Desse modo queremos partir de uma abordagem que considere todas as dimensões da pessoa e que revele por meio de suas percepções o mundo dos valores e experiências dos jovens a ser descoberto em suas atitudes e dinâmicas relacionais. Consideramos estes sujeitos como co-construtores deste trabalho, como agentes que possuem um conhecimento do seu mundo, antes mesmo que qualquer reflexão teórica possa explicar. Somente assim é que podemos nos defrontar com os jovens para refletir com eles sobre as suas vidas e o seu lugar, examinando o sentido de ser no mundo. Queremos, portanto, dar a possibilidade ao sujeito de desvendar a consciência de si e do seu papel no mundo. Que os próprios jovens possam geografizar seu mundo (lugar), deixando-os expressar seus conhecimentos a respeito de si e do seu ambiente a partir das suas experiências e percepções.

Inicialmente tínhamos colocado como título da pesquisa, “Geograficidade e cidadania do jovem na periferia: uma abordagem a partir da experiência da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadelha”. Contudo, à medida que íamos aprofundando a questão, percebíamos que este título não expressava completamente o que queríamos expor; além de ser muito longo e dar uma conotação negativa ao termo periferia. Daí que no exame de qualificação, realizado em dezembro de 2008, apresentamos o novo título dado à dissertação: “A geograficidade dos jovens e o sentido de lugar na sua experiência cotidiana”.

Este estudo foi construído com os seguintes objetivos:

1. Compreender a geograficidade que se estabelece entre os jovens e o seu lugar, tendo como referência a percepção deles. O lugar de partida será a escola;
  - 1.1 Buscar a aproximação teórica com conceitos e categorias na abordagem cultural da geografia numa perspectiva fenomenológica;
  - 1.2 Identificar como os lugares vividos pelos jovens são percebidos e concebidos por eles;
  - 1.3 Abordar o papel da escola como lugar de confluência da geograficidade dos jovens em relação ao seu espaço vivido;
  - 1.4 Verificar como os jovens do bairro percebem os outros lugares da cidade e como se sentem quando vão estudar nas escolas do Centro;
  - 1.5 Apresentar como vêem a imagem que foi construída do seu bairro pelos outros habitantes da cidade;
  - 1.6 Apontar suas fragilidades, suas resistências e suas expectativas.

Para atingir os nossos objetivos, tivemos como propósito buscar, confrontar e verificar no pensamento de alguns autores fenomenológicos um caminho metodológico que nos ajudasse a desvendar a problematização identificada: a necessidade da valorização da geograficidade dos jovens, o sentido que o lugar tem para eles na sua experiência cotidiana, e como constroem a sua identidade. Para tanto, buscamos compreender qual a melhor e a mais justa forma de nos colocarmos diante desses sujeitos, e juntos encontrar as respostas que pudessem dar a possibilidade de compartilhar o seu mundo vivido.

Pensamos em trabalhar com a perspectiva fenomenológica porque é a que poderia responder com mais proximidade às questões levantadas. E encontramos no pensamento de Buttimer, citado por Nogueira (2001, p. 22) essa concepção de fenomenologia que pode muito bem expressar a nossa intenção: “A fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominador comum na experiência dos outros”.

Os sujeitos da pesquisa, como já dissemos, compõem uma amostragem dos jovens do bairro formada por um grupo de 35 alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental do turno vespertino da Escola Municipal Themístocles P. Gadelha e de dez ex-alunos desta escola que estão em escolas de Ensino Médio do Centro de Manaus. Os trabalhos desenvolvidos foram compostos por entrevistas e elaboração de mapas mentais, ou seja, o desenho dos espaços



percebidos e vividos pelos jovens da escola. A escolha de dez ex-alunos foi somente uma amostragem de sujeitos para verificar como estão enfrentando os desafios de um novo ambiente e de estudo, e como vivem a sua identificação com o seu espaço de origem. Estes ex-alunos costumam ter um vínculo afetivo muito intenso com a escola, moram nas suas proximidades e alguns ainda a frequentam. Consideramos que este número de dez ex-alunos, foi suficiente para dar um confronto com as outras realidades que vivem quando saem da escola do bairro para o Centro.

A primeira aproximação com o ambiente escolar foi com a diretora da escola para apresentar, explicar os objetivos da pesquisa e pedir a autorização para a sua realização. Com a autorização da diretora marcamos uma reunião com os pais dos alunos para pedir que assinassem o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado, neste trabalho, como apêndice C), segundo a orientação do Conselho de Ética em Pesquisa da Ufam, que deu seu parecer favorável à pesquisa (anexo A).

Iniciamos então as atividades com as oficinas de mapas mentais (roteiro nos apêndices). O fundamento principal desta atividade é a compreensão do mundo a partir do olhar daqueles que nele vivem. Nela os alunos, como sujeitos adolescentes, são os atores principais desta ação pedagógica, através da elaboração dos mapas mentais de seus lugares de vida. A construção da própria Geografia a partir de informações e experiências vividas no lugar (bairro) e que revelam a geograficidade como condição existencial em cada pessoa.

Antes de iniciar o desenho e a pintura do mapa mental, introduzimos a atividade e nos dedicamos um pouco a aprofundar os conceitos de percepção, lugar e mapa mental, utilizando uma dinâmica na qual podemos apresentar que as diversas formas de olhar e perceber um lugar vai depender da pessoa, da ligação e do interesse que ela tem com este ambiente. Apresentamos então o olhar do engenheiro, do turista, do político, do policial entre outros e os mapas que se podem elaborar com estes interesses. E por fim apresentamos o olhar do habitante do lugar: os locais que lhe viram crescer; o amor ao lugar; o medo do lugar; o traçado das ruas; as casas da vizinhança; o bate-papo na esquina; a padaria; os problemas do bairro; a praça; o culto e a missa nas igrejas; a escola com professores e colegas. E daí se pode elaborar a representação desses lugares que estão guardados na memória que refletem o sentimento e a vida no lugar (bairro).

Feitas essas considerações, fizemos a pergunta: Qual o olhar mais completo? Qual o que mostra que tem mais ligação com o lugar? Logo, quem conhece mais este lugar? A partir destas perguntas propomos então o desenho e a pintura do lugar onde vivem. E, em conversa informal, observando os mapas desenhados foi possível que alguns alunos apresentassem e

explicassem o seu mapa mental. Porém como não era possível que todos o fizessem, pelo tempo insuficiente, pensamos em distribuir com eles algumas folhas nas quais puderam descrever os aspectos abordados por eles nos seus mapas mentais e a responder a pergunta: como você vê o seu bairro e como os outros habitantes de Manaus o vêem?

Como não poderíamos apresentar neste trabalho todos os 35 mapas mentais produzidos nas oficinas, recolhemos todas as informações que os alunos reportaram em seus desenhos e entre estes escolhemos, com caráter ilustrativo, 15 mapas que mais representassem as simbologias de suas relações cotidianas.

Quanto às entrevistas realizadas com os alunos e ex-alunos da escola (roteiro nos apêndices) procedemos da seguinte maneira: dividimos as turmas em grupos de cinco alunos, e durante as tardes de alguns dias, nos horários de aula e com a devida permissão dos professores, pudemos realizar estas entrevistas gravadas. Inicialmente de forma tímida e pouco a pouco iam se desvendando toda a beleza, o drama e a riqueza da vida daqueles jovens.

À medida que entrevistávamos os grupos, anotávamos no nosso caderno de campo os tópicos que vieram mais em relevo, destacando algumas falas que poderiam, posteriormente, ser evidenciadas na pesquisa. Porém, de um modo geral, podemos perceber o quanto as falas encontram respaldo nos autores por nós pesquisados para o aporte teórico desta pesquisa.

Partimos então da realidade e da experiência vivida pelos jovens, para em seguida fazer a aproximação teórica com alguns geógrafos de perspectiva fenomenológica, notadamente Eric Dardel, David Lowenthal, Yu-fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph. E ainda, como este estudo está dentro do contexto do ensino da geografia, fomos buscar no educador Paulo Freire, no seu viés também fenomenológico, o amparo dentro da questão de uma educação voltada para a cidadania.

Os objetivos alcançados resultaram numa organização estrutural deste estudo em três capítulos: no primeiro, intitulado “UMA ABORDAGEM CULTURAL DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA”, buscamos a aproximação teórica com conceitos e categorias tratados pela abordagem cultural na geografia como percepção, geograficidade, lugar, espaço vivido, identidade e cidadania. Ressaltamos, ainda, a perspectiva fenomenológica na segunda parte deste capítulo, quando evidenciamos o pensamento dos geógrafos citados no parágrafo anterior. As suas interpretações das relações do homem com o mundo, nos ajudaram na compreensão da geograficidade que se estabelece entre os jovens e o seu lugar, a partir de suas percepções.

O segundo capítulo, por sua vez, foi intitulado como: “A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS NOS LUGARES COTIDIANOS: O BAIRRO, A ESCOLA E OS OUTROS LUGARES”. Subdividimos este capítulo em quatro itens: no primeiro, descrevemos a percepção que os jovens têm do seu lugar, o bairro, tomando como fundamento teórico o conceito de topofilia (elo afetivo com o lugar) proposto por Tuan (1980) e os seus elementos formadores dados pela percepção, atitude e valores; em seguida, no segundo item, apresentamos os seus mapas mentais, representação do mundo vivido, com os quais podemos conhecer o lugar estudado; no terceiro item analisamos o papel da escola como confluência da geograficidade dos jovens e as imagens que eles formam da escola; e por fim, no quarto item expomos as percepções dos jovens no enfrentamento de outros lugares, em especial quando se transferem para as escolas do Centro da cidade.

Por fim, no terceiro capítulo com o título “DO LUGAR NO MUNDO A UM LUGAR NO MUNDO”, tratamos as questões relacionadas à identificação com o lugar e inserção no mundo. Abordamos, no primeiro item, as fragilidades vividas no cotidiano do bairro, o peso das imagens negativas que os outros habitantes da cidade fazem em relação ao bairro; no segundo, as suas resistências diante das fragilidades: o fortalecimento da identidade com o lugar e os espaços de expressão cultural, esportiva, religiosa e cultural que encontram no bairro; e no terceiro item, apresentamos as suas expectativas de um futuro melhor, por meio de suas esperanças e probabilidades relatadas por eles: os seus anseios por um lugar no mundo.

Finalizamos o trabalho com as CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES, onde discorreremos sobre alguns aspectos que evidenciam a contribuição que o ensino da geografia, a partir do mundo vivido, pode dar na construção de um mundo melhor. Apresentamos também, como possibilidade a elaboração de um mapa do bairro com as referências dos mapas mentais dos jovens. Este mapa poderá ser utilizado como recurso didático em sala de aula ou em reuniões com a comunidade escolar e do bairro, para a apreensão dos valores simbólicos que os alunos têm das referências do seu lugar, bem como a indicação de situações problema do bairro por eles identificadas.

## **1 UMA ABORDAGEM CULTURAL DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

A construção do pensamento geográfico, assim como o das outras áreas do conhecimento, não obedece a uma ordem cronológica, ele é construído em espiral, num confronto constante e profundo, no qual se retoma e se entrecruzam conceitos relacionados às questões da geografia e do seu método. As diferentes respostas e o contexto filosófico que permeia um determinado momento histórico dão origem às diversas correntes nesta disciplina.

Gomes (2000), em seu trabalho “Geografia e Modernidade”, afirma que a definição progressiva do objeto da geografia e as transformações metodológicas que contribuíram para a construção de um contexto epistemológico geral foram guiadas, ora, por alguns geógrafos que em momentos diversos, abordaram os problemas metodológicos na geografia, ora seguiram, parcialmente, as idéias filosóficas que influenciaram a evolução desta ciência. Delineia a co-existência de duas tendências opostas que caracterizam o desenvolvimento do pensamento geográfico moderno: o primeiro pólo epistemológico é um projeto de ciência iniciado no “século das luzes” cuja idéia central é a universalidade da razão. O outro pólo epistemológico, também fundado naquele período, mas em oposição às idéias racionais, são as contracorrentes.

Para o autor, esse debate, entre os dois pólos, norteia a ciência moderna e dá identidade à geografia. Ressalta, de um lado, a evolução do racionalismo moderno no pensamento da natureza: a natureza máquina e a ciência como cadeia explicativa; a natureza organismo e a ciência progressiva; e a natureza sistema e a ciência das estruturas. Do outro lado, como reação crítica ao pensamento anterior, desde o seu surgimento no “Século das Luzes”, as contracorrentes mais importantes são expressas pela Filosofia da Natureza, pelo Romantismo, pela Hermenêutica e pela Fenomenologia. Nestas concepções a razão é questionada e vem em evidência o particular das coisas, a compreensão da diversidade dos fenômenos, e a aceitação de várias vias para a formação do saber.

Consideramos, neste estudo, que o conhecimento científico baseia-se no saber vivido e experienciado, e que estar preso a um racionalismo utilitarista é perder a originalidade e diversidade dos fenômenos. Este pensamento, estando na contramão do racionalismo, se insere entre as bases conceituais das contracorrentes citadas por Gomes (2000), oferece indicações para a continuação do debate científico.

A relevância que tem a valorização do espaço vivido e da identificação com os lugares para o fortalecimento da cidadania nos jovens nas periferias urbanas nos impulsiona a buscar conceitos, concepções que venham ao encontro da necessidade de teorizar observações que até então só poderiam ser constatadas de forma empírica. Sabe-se da importância que os lugares exercem na vida de uma pessoa, do sentimento de ligação com estes espaços, ou das experiências positivas ou não-ligadas ao ambiente e que marcam uma existência. O problema foi detectado, e para abordá-lo de uma maneira mais adequada buscamos a aproximação teórica com conceitos e categorias da geografia cultural numa perspectiva fenomenológica. Neste sentido, encontramos respaldo na concepção de geografia cultural de Paul Claval, que reflete bem nossa intenção de como abordar a questão acima.

A geografia cultural está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar (CLAVAL, 1997, p. 89).

Tendo o homem no centro de sua análise, a moderna geografia cultural foi construída em torno de três eixos igualmente essenciais e complementares: parte das sensações e percepções; estuda a cultura como comunicação e entendida como criação coletiva; e, por fim, a cultura apreendida em função da construção de identidades. Ressalta-se, portanto, o papel fundamental do indivíduo e as dimensões simbólicas da vida coletiva (CLAVAL, 1997).

Mais adiante, numa conferência por ocasião do 3.º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura realizada no Rio de Janeiro (UERJ) em 2002, Claval, faz uma premissa para explicar as dificuldades que se encontra ao abordar a cultura no domínio da geografia. Inicialmente, a dificuldade reside no fato de que para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia cultural aparece como um subcampo da geografia humana, assim como a geografia econômica ou geografia política. No entanto, segundo o autor, para uma minoria, da qual ele se inclui, todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Portanto, esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural. A esta dificuldade está associado o fato de que no final do século XIX o interesse pela cultura ocorria paralelo ao da geografia humana. No entanto, foi relegado em favor da influência naturalista ou positivista na epistemologia da geografia. Como consequência, os geógrafos não deram à cultura o seu devido papel. Uma outra dificuldade, apontada pelo autor, é o desconhecimento da tradição geográfica, de nomes e obras da maioria dos geógrafos que tiveram um papel importante no domínio dos estudos culturais.

Neste trabalho, compartilharemos com Claval (2002) a consideração do termo “abordagem cultural na geografia” por entendermos ser mais universal, amplo e que não deixa evidenciar compartimentação, fragmentação e dualismo. Vale salientar, como se poderá ver em algumas citações, que este autor em vários momentos usou o termo “geografia cultural” em momentos anteriores ao seu discurso na conferência citada acima. O que nos faz entender que houve uma maior reflexão para construção do novo termo.

### 1.1 PERCEPÇÃO, GEOGRAFICIDADE, LUGAR, IDENTIDADE E CIDADANIA

Inicialmente faremos um percurso geral no pensamento de alguns autores, partilhando com eles alguns conceitos importantes para uma abordagem cultural na geografia. E como queremos dar um tratamento fenomenológico a este trabalho, na segunda parte deste capítulo retomaremos alguns deles e outros expoentes que iniciaram e trilharam estes estudos na geografia.

Como ponto de partida nos dedicaremos a conceituação de percepção porque entendemos que seja fundamental para a aceção dos outros conceitos que se seguirão.

Tuan (1980) em seu trabalho *Topofilia*, no qual faz um estudo sobre a nossa ligação afetiva com os lugares e da percepção do mundo com os sentidos do corpo, assim define percepção:

[...] Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980, p. 4).

Claval (1997) retoma este pensamento de Tuan, afirmando que a percepção do mundo se dá através dos sentidos, e se a geografia cultural busca entender a experiência que os homens têm de mundo, da natureza e da sociedade, ela deve partir daquilo que os sentidos lhes revelam. Logo, estes dois autores nos levam a entender que os sentidos do corpo revelam a ligação afetiva com o lugar: o olhar que captura uma paisagem; o tato que dá informações sobre o mundo; o ambiente sonoro; o odor espalhado no ar; os sabores tradicionais; são elementos que constroem a imagem dos lugares e nos fazem experienciar o espaço.

Essa experienciação do espaço que se dá pelas sensações, pela percepção e pelas representações vão confluir na concepção de geofricidade. Neste sentido,

Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma função existencial (DARDEL, 1990, apud: NOGUEIRA, 2001, p. 24).

O conceito pensado por Dardel, apresentado por Nogueira (2001), traz uma profunda intenção em elevar o homem como sujeito primordial da vida. Ele consciente de seu lugar, com o qual tem uma ligação afetiva, é capaz de absorver e vivenciar os elementos essenciais que estão à sua volta, criando referenciais de pertencimento apreendidos da sua percepção e da convivência com seus semelhantes.

Para Relph o espaço existencial ou vivido pode ser definido como

A estrutura mínima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural. Ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos (RELPH, 1976, apud: HOLZER, 2001, p. 106).

Portanto, a valorização da apreensão do espaço vivido que cada indivíduo carrega na sua própria história, essa experiência de mundo que dá a capacidade de ser e de construir com outros uma cultura, são expressão de uma geograficidade que poderia se dizer também coletiva. Essa compreensão do significado do ser no mundo nos é dada pela fenomenologia. Assim podemos afirmar que “[...] a fenomenologia busca estudar o mundo vivido valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo” (NOGUEIRA, 2001, p. 23).

No seu estudo sobre uma interpretação fenomenológica na geografia Nogueira (2004), baseada no seu aprofundamento do pensamento de Merleau-Ponty, Husserl, Buttimer e Dardel, traça um caminho no qual recupera os princípios da fenomenologia essenciais no estudo do lugar. Segundo a autora, estes princípios indicam uma outra forma de investigar e interpretar as coisas, os homens e o mundo: a descrição, feita a partir do sujeito que vive o fenômeno; a intencionalidade, que é a consciência de ser no mundo; a redução fenomenológica, considerada como a percepção da realidade independente da consciência; e por fim, a intersubjetividade, entendida como a experiência do mundo e a interrelação entre os homens que constrói o lugar (NOGUEIRA, 2004). Com estes princípios queremos nortear o nosso estudo, e reafirmar o caráter especial de dar voz ao conhecimento de quem vive os lugares.

A fenomenologia, já explicitava Buttimer (1985), não é fácil de se definir devido à variedade de descrições que refletem as diferenças fundamentais entre os próprios

fenomenologistas e as suas interações com outros campos. Portanto partiremos nesta abordagem do conceito proposto por Merleau-Ponty, que pensava a fenomenologia como

uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural. Mas é também uma filosofia para a qual o mundo está sempre 'ali', antes da reflexão como presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhes enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1989, apud: NOGUEIRA, 2001, p. 21).

Aplicando este conceito da fenomenologia à questão proposta por este trabalho, buscamos em Nogueira, a proposição do ser como o homem e o mundo como lugar de vida de cada ser, de cada homem que se constrói nessa correlação Ser-Mundo. Trazendo para o contexto da geografia a autora afirma que “o conhecimento elaborado nesta relação revela uma geograficidade em cada sujeito” (NOGUEIRA, 2001, p. 24).

Essa geograficidade, para a autora, só é possível na relação ser e mundo concebida pela fenomenologia, daí a importância de compreender a relação homem/terra na fundamentação de uma pesquisa nesta perspectiva. A terra, aqui é pensada como lugar de vida.

Outro aspecto relevante para esta abordagem é a noção de lugar. Este é imbuído de uma essência cultural e é concebido numa relação intersubjetiva que traz na sua essência a geograficidade expressa nas diversas experiências dos indivíduos. O lugar seria então,

O modo particular de relacionar as diversas experiências de espaço. Particular porque os lugares são singularizados ao atrair e ao concentrar intenções, ou seja, o significado do espaço, especialmente do espaço vivido, provém dos lugares existenciais de nossa experiência imediata (RELPH, 1976, apud: HOLZER, 2001, p. 106).

Nogueira (2001) comentando a categoria de lugar, própria do conhecimento geográfico, usada em seu trabalho, afirma que foi fundamentada em Merleau-Ponty, que não fala de lugar, mas de mundo vivido, o lugar onde habitam os homens. E propõe: “É preciso reaprender a ver o lugar; esta reaprendizagem se dá a partir das histórias narradas pelos que vivem os lugares” (NOGUEIRA, 2001, p. 38). A intenção da autora, portanto, é de contribuir para a construção de uma Geografia do lugar, a partir do saber concebido e interpretado por quem nele vive.

Quanto ao conceito de identidade, por muito tempo as questões a ele relacionadas foram inicialmente pouco tratadas na geografia cultural. Hoje, segundo Claval (1999), a abordagem cultural deste conceito teve um grande avanço. A natureza das identidades e a



maneira como elas são construídas é percebida “[...] através da análise da maneira pela qual cada um recebe uma bagagem de conhecimento e de atitudes, enriquece-a com a sua experiência, e a interioriza tentando assegurar sua coerência” (CLAVAL, 1999, p. 88).

Nesta busca da compreensão do processo de construção da identidade se encontra uma variedade de aspectos importantes quando se considera os problemas vivenciados pelos jovens. Uma primeira situação citada por Claval é a uniformização do mundo material que destrói símbolos físicos das identidades, exemplificados através das transformações políticas e econômicas a nível mundial que desvalorizam outras referências. Cita, também, o aumento da mobilidade e as telecomunicações que aproximam os outros e estes podem parecer perigosos, trazendo fechamento, regionalismos, nacionalismo e fundamentalismo (CLAVAL, 1999).

Outro aspecto, evidenciado pelo autor, é o desmesurado crescimento das cidades, cuja paisagem possui uma diferenciação muitas vezes fraca, e, no entanto o reflexo identitário é forte. Toma formas diferentes de acordo com as idades. Lembra que entre os jovens de bairros pobres, na sua maioria desempregados, a busca da identidade se manifesta pela formação de gangues que afirmam fortemente sua territorialidade (CLAVAL, 1999).

Haesbaert (1999) retoma a questão da territorialidade afirmando que o fato de tratar a identidade territorial como uma identidade social, não quer dizer que ignore “a indissolubilidade das dimensões individual, mais subjetiva, e social, mais objetiva, na construção das identidades” (HAESBAERT, 1999, p. 173-174). Para o autor isto é evidenciado no fato que várias personalidades, que aparentemente eram identidades individuais, se tornaram referência na formação de uma identidade social. O autor parte do pressuposto geral de que

[...] toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim a parte fundamental dos processos de identificação social (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Na sua concepção de identidade, Haesbaert (1999) afirma a inseparabilidade do território com algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. Na nossa abordagem entendemos que a territorialidade é dada pelo espaço vivido, expressão da geograficidade, conceito o qual já nos referimos anteriormente que nos remete à ligação existencial que o homem tem com a terra. Portanto, uma condição na qual o homem estabelece com o lugar uma ligação interna, íntima e com o qual se identifica. É esta a identidade com o lugar que queremos ressaltar e é verificada pela

“[...] inserção do homem no mundo [...] a manifestação do seu ser para com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 1952, apud: HOLZER, 1999, p. 159).

Para Claval (1997), a cultura serve para dar um sentido à existência dos indivíduos e dos grupos nos quais eles estão inseridos, ela fundamenta as identidades. As informações recebidas pelo corpo social inserem a existência de cada destino e lhe dão significação. Para este autor, a formação de identidades se verifica por um processo de interiorização e de reconstrução individual da cultura que ocorre na vida humana em todas as suas etapas. No tocante à fase da adolescência, afirma que os ritos de passagem neste momento da vida indicam a finitude de uma etapa, a infância, e o começo da interiorização do quadro de valores que insere os jovens em um destino coletivo:

É neste momento que a institucionalização do indivíduo termina e que ele tem acesso ao mundo pleno, o dos adultos. Ele adquire uma identidade que lhe dá um estatuto no grupo e o faz existir face às outras coletividades (CLAVAL, 1997, p. 97).

Nesse percurso pelas categorias da abordagem cultural na geografia numa perspectiva fenomenológica, passamos pela percepção, pela geograficidade, pelo espaço existencial ou vivido, pelo lugar e chegamos à acepção de identidade. O tratamento desses conceitos possibilita, neste estudo, a apreensão de conhecimentos advindos da valorização da percepção e da intuição existentes em cada pessoa. Habitar um lugar é uma atividade cultural construída a partir da geograficidade encontrada no indivíduo e partilhada numa intensa dinâmica relacional. Pensado assim o espaço vivido e experienciado pode levar à participação e à cooperação tão necessárias na convivência humana, na construção de espaços solidários e na superação de problemas a partir da organização de comunidades unidas por objetivos comuns.

A organização das comunidades, a necessidade de solidariedade, da participação e da libertação de situações-problema vividas no seu âmbito, nos faz pensar a importância da educação com a perspectiva da cidadania. Para Herbert (2008), o pensamento de Paulo Freire sobre a cidadania é compreendido como a apropriação da realidade, para nela atuar, participando conscientemente em favor da emancipação. O cidadão pode ser e deve ser o lavrador, a faxineira, o assalariado e todo ser humano consciente de sua cidadania. Esta tem características de coletividade, uma vez que a libertação dos homens é feita em comunhão. Manifesta-se por meio das relações sociais, pela vivência dos direitos e deveres dos indivíduos nos grupos sociais. Um relacionamento compartilhado e participativo é a condição para que haja cidadania.

Freire (1981, apud HERBERT, 2008, p. 74), define cidadania como “condição do cidadão, quer dizer, com uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão”. Nesse pensamento expressa a necessidade da consciência das necessidades e responsabilidades individuais e coletivas que se manifestam na vida humana. A condição de cidadania pode ser assegurada e vivenciada em um processo de aprendizagem no qual “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados no mundo” (FREIRE, 2005, p. 78). Em Freire, a própria educação é apresentada como um ato dialógico de libertação e de cidadania. Muito insistiu na necessidade de estabelecer um diálogo que é autêntica libertação. O diálogo que é o encontro entre sujeitos diferentes, ambos portadores da palavra, de vida, de ações. Nesse sentido, a palavra conduz a um diálogo vivido na própria cultura, um diálogo que se exprime como educação libertadora; gera participação, transformação e autonomia.

As aspirações de Freire concernentes à cidadania, não se esgotam aqui, e nos é impossível abarcar todo o conteúdo formulado por ele a esse respeito. Mas, encontramos, também, influências de suas intuições em tantos pensadores e organismos de caráter educativo que se interessaram em considerações, aprofundamento e aplicação de seus conceitos. Atualmente os Parâmetros Curriculares Nacionais-Temas Transversais (BRASIL, 1998), que consideram a cidadania como uma condição construída historicamente, e entre compreensões diversas de seu conceito afirmam:

Seu sentido mais pleno aponta a possibilidade de participação efetiva na produção e usufruto de valores e bens de um determinado contexto, na configuração que se dá a esse contexto, e para o reconhecimento do direito de falar e ser ouvido pelos outros (BRASIL, 1998, p. 54).

Feitas essas premissas, consideramos que a construção histórica da cidadania é mediada no lugar de vida, em comunhão com outros lugares. É efetivada a partir de um posicionamento crítico do próprio indivíduo e comunidade frente ao seu contexto social, político, cultural e físico. A tomada de posição pode contribuir para resgatar valores, identificar e agir quanto a problemas ambientais, promover mudanças e transformações na vida das comunidades. Este vínculo entre o olhar geográfico do indivíduo e a construção da cidadania, gera liberdade, em lugar de exclusão, e desenvolvimento em escala humana.

Falar em participação, liberdade e desenvolvimento nos remete ao pensamento de Amarthia Sen, Prêmio Nobel de Economia em 1998, que muito contribuiu para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD). Em seu livro

“Desenvolvimento como liberdade” (2007) a sua principal tese é que a liberdade é o principal fim e o meio mais importante de desenvolvimento. “O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (SEN, 2007, p. 10). Uma tese secundária deste autor considera que diferentes tipos de liberdade, como liberdades econômicas e políticas, oportunidades sociais, direitos civis, e garantia de segurança, ajudam a promover umas às outras, aumentam a liberdade humana geral na condição de agente livre para o desenvolvimento.

Nesse sentido é de suma importância permitir e viabilizar a percepção, valores e comportamentos sociais que possibilitam a vivência daquelas liberdades indicadas por Sen. Logo, na educação formal, é indispensável fomentar o desenvolvimento das capacidades ligadas à participação, à co-responsabilidade e à solidariedade, porque configuram situações reais que podem ser experimentadas pelos alunos. É na condição de agente, para nós pensada segundo aquela condição existencial de ser no mundo, que é possível apropriar-se do espaço das liberdades.

## 1.2 A FENOMENOLOGIA EM ERIC DARDEL, DAVID LOWENTHAL, YU-FU TUAN, ANNE BUTTIMER E EDWARD RELPH

Após apresentar algumas categorias dentro da abordagem cultural na geografia numa perspectiva fenomenológica – percepção, geograficidade, espaço existencial ou vivido, lugar, identidade e cidadania – dialogaremos com o pensamento de alguns geógrafos ligados à perspectiva fenomenológica e existencial: Eric Dardel, David Lowenthal, Yu-fu Tuan, Anne Buttmer e Edward Relph. A eles nos dedicaremos de forma mais profunda por compreendermos que as suas interpretações das relações homem-mundo, ou do homem com o lugar são as que mais se aproximam do nosso objetivo, que é a compreensão da geograficidade que se estabelece entre os jovens e o seu lugar, a partir de suas percepções. O lugar aqui é considerado a partir da experiência vivida cotidianamente pelos jovens, e que tem como referência a escola, um espaço para o qual conflui a geograficidade dos nossos sujeitos.

Ao pensarmos este estudo, uma preocupação nos vinha à mente: tínhamos esboçado algumas questões relativas à realidade vivida pelos jovens observadas em contato com eles durante a prática cotidiana do ensino de geografia durante um longo período. Todas as questões que tinham despertado nosso interesse para a pesquisa como o apego ao lugar, a identidade, os sentimentos, o comportamento, a experiência vivida no cotidiano e a cultura

não se ajustavam como categorias nas teorias e nas metodologias mais conhecidas da geografia. O aporte da fenomenologia na geografia, veio então como uma possibilidade de dar uma interpretação mais adequada àquele laboratório de vida dado pela cotidianidade, pela cultura e pelo significado do lugar para quem o habita.

### 1.2.1 Eric Dardel e o conceito de geograficidade

Werther Holzer (1992), em seu estudo sobre a geografia humanista que resultou na sua dissertação de mestrado, dedicou o quinto capítulo a Dardel, no qual faz um mergulho na sua principal obra: “L’Homme et la Terre. Nature de la réalité géographique”, publicada em 1952. Segundo, Holzer, ignorada por muito tempo, ela somente foi redescoberta nos anos 80 por André-Louis Sanguin, geógrafo da Universidade de Quebec. Por sua vez, Claval (2003), considerou a contribuição de Dardel muito original e “maravilhosamente bem escrito”, porém isolada e esquecida completamente pelos geógrafos franceses. Afirmou que foi retomada no começo dos anos setenta pelo geógrafo canadense Edward Relph, e influenciou muito na nova corrente humanista, nos países ingleses.

Esta divergência, no entanto, não tira a verdade que encontramos na afirmação de Holzer (1992) de que Dardel conseguiu melhor do que ninguém associar a filosofia com a geografia, e que a sua obra é hoje leitura obrigatória para quem quer trilhar os caminhos da geografia sob uma ótica da fenomenologia ou do humanismo. Considera a obra de Dardel, como uma geografia particular, relacionada com o nosso cotidiano, que analisa as experiências mais recônditas, primitivas e diretas do ser humano com a Terra; uma relação sem a qual nossa existência não teria sentido.

Como afirmou Claval (2003), Dardel foi influenciado profundamente pelas leituras de Heidegger que o ajudaram a progredir nas reflexões sobre a natureza da geografia no final dos anos trinta e nos anos quarenta. Mantinha, ainda, contatos com pessoas próximas ligadas à filosofia, etnologia, história e sociologia. Um meio intelectual completamente diverso do meio naturalista e positivista que predominava, então, na geografia francesa.

Compreendemos então que seria, portanto, lógico, que a sua preocupação inicial na sua obra fosse a definição de **espaço geográfico**, diferenciando-o do espaço geométrico:

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito; ele limita e ele resiste (DARDEL, 2006, pp. 11 e 12).

Nesta definição, encontramos a distinção bem evidente entre a geografia de influência positivista, da medição, da delimitação e da universalização, e uma outra geografia, para qual o conceito de Dardel traduz uma presença do homem no seu espaço e da sua ligação com a terra. Que revela “uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2006, p. 11).

A geograficidade da qual fala Dardel, conceito já reportado anteriormente, alia ao rigor da ciência a observação pessoal poética. É uma condição existencial humana na qual existe uma cumplicidade entre o homem e a Terra; tem no seu espaço material o seu lócus onde se desenrola e ao qual está sempre ligada, seja quando nos acolhe, seja quando nos ameaça (HOLZER, 1992, p. 85).

Um aspecto explorado por Dardel, no que diz respeito à espacialização da matéria é a **distância**. Ela é fundamental para estabelecer a estrutura, as relações e as situações que afetam homem.

Que o espaço geográfico aparece como essencialmente qualificado em uma situação concreta que afete o homem, é o que prova a espacialização cotidiana que o espacializa como afastamento e direção. As distâncias geográficas não provêm de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de distâncias previamente desenvolvidas. Ao contrário, o cuidado de medir exatamente resulta desse cuidado primordial que o homem carrega com ele, de colocar a seu alcance as coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade exprimida pelos termos **perto** ou **longe** (DARDEL, 2006, p. 17).

De fato pudemos observar no contato com os jovens que o grau de ligação com a escola ou com o bairro, muitas vezes, além do fato de ter nascido nesse lugar, é a proximidade da escola e de outros locais de suas espacializações. A qualidade, portanto está não no lugar em si, mas na proximidade que as distâncias exercem na sua vida cotidiana. Isto ficou evidente em expressões, ditas por eles, como: “gosto da minha rua porque tem um campo de futebol perto [...]”; “posso brincar perto de casa [...]”; “aqui tem tudo, e não precisamos ir ao centro [...]”; ou ainda, “estou nesta escola porque minha casa é do outro lado da rua”.

Outro elemento da relação existencial homem-Terra é a noção de **espaço primitivo**, que relacionado aos nossos pensamentos, nossas vontades e desejos. Engloba o espaço material e é mais próximo do espaço geográfico concreto que do espaço geométrico. Nele se descortina a existência, que é essencialmente extensão a procurar horizontes, direções, outras existências próximas e percursos a seguir, fáceis e acidentados, seguros ou incertos (DARDEL, 2006).

Por sua vez o conceito de **situação** depreendido das noções de direção e distância, parece evocar somente imobilidade e permanência: um sítio estável e inerte. No entanto, o sentido estático de situação subentende estradas que se entrecruzam, relações que se estabelecem, encontros, um vir de todas as direções. Portanto, não é um espaço inerte, mas um espaço que se move, um espaço vivo (DARDEL, 2006). Assim, nessas afirmações estão delineados os traços gerais da geograficidade; o sítio tem significado de lugar onde se fixa e se estabiliza a existência.

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o **lugar** de sua existência (DARDEL, 1990, apud: HOLZER, 1992, p. 87).

Esse conceito de situação, por nós entendida como lugar, além dos elementos do espaço material e do espaço primitivo inclui, também, os elementos produzidos pelo homem em suas relações: o espaço construído que toma forma na **paisagem**. Essa categoria espacial, para Dardel (2006), expressa a geografia compreendida como tudo o que está ao redor do homem como ambiente terrestre. A paisagem possui uma variedade de aspectos e implica “uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, une todos os elementos” (DARDEL, 2006, 33). Assim, para o autor, ela não é limitada a um círculo fechado, é muito mais abrangente: é geográfica pelo seu prolongamento, pelo sentido real ou imaginário que o espaço abre muito além do que a vista alcança. A paisagem é um horizonte e não uma linha fixa. Ela é o quadro de visões cotidianas e de ocupações habituais, no qual o homem exprime a sua relação geográfica com o mundo. Nela se verifica “a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu estar com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2006, p. 35).

Portanto, pensar a paisagem como uma forte e afetiva vinculação do homem com o lugar, nos remete às nossas aspirações quando tratamos anteriormente das questões relacionadas à identidade e à inserção dos jovens no mundo. Reafirmamos, então, que a construção da cidadania é mediada no lugar de vida, o “combate”, em comunhão com os outros lugares, a “manifestação do estar com os outros” como foi dito por Dardel.

Após examinarmos todos os elementos que ligam o homem à Terra, queremos evidenciar algumas considerações feitas por Dardel (2006), notadamente aquelas que trazem luz e suporte ao nosso estudo.

Esse autor considera que existe uma ligação entre a existência e a realidade geográfica. Para ele, a geografia não é a princípio um conhecimento, a realidade geográfica não é um “objeto”, e o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido depois com cores. Para Dardel (2006, p. 36), “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre”.

A questão primordial que se coloca aqui é o conhecimento vindo da própria experiência cotidiana de espaço. Também esta foi a ideia que norteou o nosso estudo quando pensamos em examinar a geograficidade que se estabelece entre os jovens e o seu lugar. Acreditamos que se esta condição, se resgatada e valorizada nas salas de aula, poderá contribuir para alcançar aquele propósito existencial do ser chamado a se realizar em sua condição terrestre. Esta condição, neste caso, do ser jovem, do ser adolescente, se dá por meio do sentimento e consciência de ligação com a Terra, com seu lugar. Como observa Dardel:

A realidade geográfica, para o homem, é então o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde trabalha, o horizonte do seu vale ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. A realidade geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela restringe e o aprisiona, o ata à ‘gleba’, horizonte estreito imposto pela vida ou pela sociedade a seus gestos e pensamentos (DARDEL, 2006, p. 36).

Neste sentido, a realidade dos jovens no bairro Jorge Teixeira, lugar do nosso estudo, é extremamente desfavorável. É permeada pelo encontro quase cotidiano com as drogas e a violência, a desarmonia social, o abandono de ruas e das pessoas. Uma realidade presente, não somente aqui e em outros bairros de Manaus, mas em qualquer grande metrópole do mundo. Estas realidades espacializadas nas esquinas e recônditos do cotidiano, restringem espaços e relações, criam um sentimento de medo ou mesmo de indiferença diante dos fatos que comumente se vêem e se percebe. No entanto, existem as resistências, a força da esperança e um sentido de futuro melhor, apesar de o presente ser diversamente contrário. Este confronto com a realidade nos conduz novamente a Dardel:

A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela vive, contudo, oculta e pronta a se revelar (DARDEL, 2006, p. 36).

Outra realidade geográfica que se verifica entre nossos jovens do bairro, é a presença de um grande número de filhos de imigrantes ou mesmo imigrantes vindos de outros



municípios, Estados, principalmente do Pará, Maranhão e Roraima, ou países como Peru e Colômbia. Em muitos se percebe o sentimento forte de inadequação com o lugar atual. A este propósito encontramos em Dardel a seguinte afirmação:

O afastamento, o exílio, a evasão tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer sob a forma da privação, do sofrimento ou da ternura. A nostalgia faz o país aparecer como ausência, sobre o fundo do expatriamento, de uma discordância profunda. Conflito entre o geográfico como interioridade, como passado, e do geográfico todo exterior do agora (DARDEL, 1990, apud: HOLZER, 1992, p. 90).

Este trecho numa linguagem poética e geográfica no seu sentido mais pleno, retrata de uma maneira clara e sensível o drama de estar longe do próprio lugar. É como se Dardel mergulhasse profundamente nas situações de privação, dor e nostalgia, doando sentido e interioridade a condição geográfica. A partir de sua obra os temas da existência e sentimentos humanos, a relação entre o homem e a Terra, a questão das distâncias e localizações na formação dos conceitos de lugar e de paisagem começariam a fazer parte dos estudos em geografia.

### **1.2.2 David Lowenthal e a temática da experiência e da imaginação geográfica**

David Lowenthal, segundo Holzer (1992), é considerado um dos precursores e fundadores da geografia humanista no início dos anos 60. Dedicou-se a desvendar o funcionamento da percepção humana com bastante empenho interdisciplinar no campo da antropologia, literatura e principalmente na psicologia. Posteriormente, teve uma considerável influência no aparecimento da geografia comportamental.

Nossa base de diálogo com este autor é o seu artigo “Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica”, publicado em versão ampliada pelo autor em 1961.

Ao iniciar o artigo o autor se reporta a um pensamento de John K. Wright proferido em 1946: “A mais fascinante *terrae incognitae*, entre todas, é aquela que se encontra no interior da alma e do coração dos homens”. Com estas palavras afirma que a intenção o seu estudo é considerar “a natureza dessa *terrae incognitae* e a relação entre o mundo exterior e as imagens em nossas cabeças” (LOWENTHAL, 1985, p. 103).

Para Lowenthal (1985), apesar das diversidades entre as nossas visões do mundo e a visão da geografia, esta é a ciência que mais se incorpora no cotidiano de nossas vidas. A

geografia compartilha, por meio da análise da vida humana e do meio ambiente, conhecimentos que são apreendidos na vida diária por bilhões de amadores em todo o globo.

A variedade de dados, de relações e sentimentos forma o conhecimento geral onde podem estar implícita a verdade e a mentira, tanto na ciência como no senso comum e na experiência. Esses, segundo o autor, são aspectos universalmente aceitos da visão do mundo. Porém, apesar do sentido de espaço comum, existe uma fronteira incógnita, um horizonte que ainda não foi desvelado.

A proliferação de novas ciências amplia nossos poderes de sentido e pensamento, mas suas técnicas rigorosas e as linguagens técnicas dificultam a comunicação; o campo comum do conhecimento torna-se uma fração diminuta do cabedal total (LOWENTHAL, 1985, p. 108).

Segundo o autor, para formar nossas imagens sobre o mundo, é necessário ter uma adequada capacidade dos sentidos, e que isso não existe em boa medida para todos, vai depender da idade, das condições de saúde física e mental. Afirma: “para ver o mundo mais ou menos como os outros o vêem alguém deve acima de tudo, crescer; os muito jovens, como os muito doentes, são incapazes de discernir adequadamente entre o que é para eles e o que não é” (LOWENTHAL, 1985, p. 110).

Neste sentido afirma que existe uma incapacidade nas crianças para ver o mundo mais ou menos como os outros o vêem, porque nelas se verifica uma etapa da vida na qual prevalece o animismo e o artificialismo, que só gradualmente, a medida que crescem, conduzem às explicações e perspectivas mecanicistas.

Destacamos aqui algumas situações observadas na nossa pesquisa: alguns adolescentes que defronte a uma realidade próxima com drogas e violência se refugiam em suas casas, numa possível segurança que a proteção familiar possa dar. Muitas vezes, por pressão dos próprios pais, não saem muito... seus percursos cotidianos são quase sempre o de ir para a escola, igreja ou fazer uma compra. O convívio com outros jovens é muito restrito. Os pais controlam esta convivência devido ao medo de influências negativas. Este fato de se isolar pode impedir um amadurecimento, gerando a incapacidade de perceber o mundo e as suas relações com mais profundidade. Isto mesmo que a fase do artificialismo nas percepções já deveria ter passado.

Em alguns adolescentes se pode perceber uma grande dificuldade de compreender as relações fora do seu mundo restrito: casa, rua, alguns espaços do bairro e no máximo o Centro da cidade para compras e diversão. A visão de mundo exterior a estes espaços é limitada,

formada apenas por imagens evocadas por informações sem uma dada conexão, provindas dos meios de comunicação, notadamente da TV e da educação formal. A baixa-estima e a apatia, também se manifestam, além daquela característica própria dos adolescentes de estar imersos nos seus próprios mundos e ausentes dos outros que possam existir.

No entanto, o autor considera que:

A visão compartilhada do mundo é algo transitório: não é o mundo que nossos pais conheciam nem aquele que os nossos filhos conhecerão. Não só a própria Terra está em constante fluxo, mas também toda geração encontra novos fatos e inventa novos conceitos para tratá-los (LOWENTHAL, 1985, p. 110).

Então é necessário que o olhar do geógrafo reflita uma geografia viva, que compreenda e valorize a realidade observada considerando o seu dinamismo, mutação e vivência continuada por gerações que se alternam e deixam suas marcas na superfície terrestre. “A visão do mundo que os geógrafos constroem deve ser criada a cada nova geração, não somente porque a realidade muda, mas também porque as preocupações humanas variam” (BELANGER, 1959, apud: LOWENTHAL, 1985, p. 112).

Afirma ainda, o autor, que, além do caráter transitório, a visão compartilhada do mundo é antropocêntrica e é fundamentada em elementos comuns. No entanto, mais adiante quando trata dos mundos individuais e dos consensos separados, afirma, se reportando ao pensamento inicial quando citou Wright, que:

A terra cónita pessoal é, em muitos modos, distinta do domínio compartilhado do conhecimento. É muito mais localizada e restrita no espaço e no tempo... que a Terra inteira é, assim, uma imensa miscelânea de miniaturas de *terrae incognitae*, partes dos mundos particulares não incorporadas na imagem geral (LOWENTHAL, 1985, p. 118).

Após a análise dos aspectos anteriores o autor nos leva a pensar relação entre a nossa visão geral de mundo e as variações da visão pessoal. Afirma que os indivíduos estão predispostos a observar segundo suas intenções. Isto lhes confere uma diversificação da visão de mundo, embora possam ter um embasamento cultural semelhante ou que falem a mesma língua. Considera que as intenções individuais modificam o caráter do mundo; a finalidade e as circunstâncias da observação alteram materialmente o que é visto segundo o sentido que se quer dar. Segundo o autor, o modo pelo qual se percebe uma paisagem (no nosso caso o lugar) depende de todas as circunstâncias que acompanham cada sentido, que por sua vez é influenciado pelos outros sentidos.

As sensações e compreensões que se têm dos fatos e das coisas são confirmações da experiência vivida. Desse modo, quando abordamos a visão de mundo dos adolescentes, nos deparamos com as suas intenções, circunstâncias e necessidades que traduzem suas relações com o lugar. O tempo e o espaço em que vivem revelam seus significados, afeições e medos direcionados aos seus ambientes no presente e às suas expectativas de um futuro melhor. As circunstâncias são dadas por situações reais vivenciadas no cotidiano do lugar: a falta de luz nas ruas (a escuridão traz o sentido de perigo); o mau cheiro dos igarapés; o lixo acumulado e a sensação de abandono; a violência que gera o medo e isolamento; as deficiências na aprendizagem; o próprio ambiente onde a escola foi construída, “num buraco que acumula água quando chove e que alaga tudo”, no dizer de uma perspicaz percepção de uma das alunas entrevistadas.

Apesar das circunstâncias cada pessoa responde distintamente a uma determinada realidade, ela tem uma explicação e uma reação própria. Nesse sentido o autor afirma que “Independente das circunstâncias, cada pessoa é indistintamente ela própria” (LOWENTHAL, 1985, p. 134). E citando Vernon, vai buscar no pensamento deste autor a afirmação de que o indivíduo percebe em qualquer situação com suas características e habilidades sensoriais, a inteligência, o interesse e as qualidades temperamentais.

Segundo o autor, “outra razão pela qual as visões particulares do mundo são incontestavelmente únicas é que toda informação é inspirada, editada e distorcida pelo sentimento” (LOWENTHAL, 1985, p. 135). Nesta linha de pensamento em que trata dos elementos subjetivos nas geografias pessoais, observa que os estereótipos influenciam o que aprendemos e o que sabemos de cada lugar do mundo. Para o autor as noções sobre um lugar são compostas de dados mais ou menos objetivos, verídicos e do modo pelo qual o sinto. Portanto a nossa percepção vai ser influenciada pelo sentimento, pela ligação com o lugar, ou pelo que escutamos sobre as suas histórias e características. O autor afirma ainda a importância da educação e do transcorrer do tempo para corrigir nossos estereótipos sobre os lugares, mas nunca são inteiramente modificados.

A questão dos estereótipos também pode ser observada no nosso trabalho, quando tratamos da visão que os outros habitantes de Manaus têm em relação aos moradores da Zona Leste da cidade, na qual se situa o bairro. Apesar do tempo que se passou desde a formação do bairro a partir de uma invasão, continua vivo o estereótipo de lugar violento. Isso recai fortemente como senso comum e coincide de alguma forma, quando aparece em respostas dadas por alguns adolescentes quando interpelados sobre o que pensam do seu bairro os outros moradores da cidade. Vem muito em evidência em algumas respostas a conotação de

violência ligada ao bairro, apesar da violência ocorrer, talvez com a mesma incidência em outros bairros de Manaus. Esses clichês, associados às imagens negativas construídas pela mídia, são as raízes do preconceito que se instala entre habitantes de lugares diferentes que não conseguem ver além das aparências. Emitem imagens que são impressas nas mentes e traduzidas nas atitudes; preferem emitir um pensamento generalizante e superficial, resultado da falta do conhecimento profundo do outro e do seu lugar. Contudo, o confronto entre estas visões de mundo e a participação da mídia na formação de imagens negativas do bairro será abordado posteriormente nos capítulos seguintes.

O autor considera que a visão estereotipada de alguns é somente por serem um pouco mais míopes do que qualquer outro; “é mais fácil deplorar tais generalizações do que substituí-las com imagens mais adequadas e convincentes” (LOWENTHAL, 1985, p. 135).

O papel do passado individual na percepção do meio, também, um tema recorrente na obra de Lowenthal: “O conhecimento pessoal, como também o geográfico, é uma forma de ocupação sequencial. Como uma paisagem ou um ser vivo, cada mundo particular teve uma carreira no tempo, uma história própria” (LOWENTHAL, 1985, p. 139). E ao concluir seu trabalho faz algumas considerações que selecionamos nos seguinte trecho:

Cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade (LOWENTHAL, 1985, p. 141).

O autor, como ele mesmo afirmou com suas considerações, propunha uma “geografia do mundo unificada somente pela lógica e ótica humanas, pela luz e cor do artífice, pelo arranjo decorativo e pelas idéias do bom, da verdade e da beleza” (LOWENTHAL, 1985, p. 141). Esta obra, segundo Holzer (1992), é um dos pontos de partida em direção a uma geografia que leva em consideração os aspectos subjetivos da relação homem-meio, que aos poucos foi se aproximando da fenomenologia.

### **1.2.3 Yu-fu Tuan e a topofilia**

Neste subitem nos dedicaremos em dialogar com Yu-fu Tuan, geógrafo sino-americano, considerado atualmente como um dos principais iniciadores da geografia

humanista. Utilizaremos como base deste diálogo sua obra mais famosa, publicada em 1974 nos Estados Unidos, e no Brasil em 1980: “Topofilia: um estudo da percepção, das atitudes e dos valores do meio ambiente”.

Em seu estudo, Tuan (1980), abordou os temas percepção, atitudes e valores, com o intuito de entender como os seres humanos percebem e valorizam seu ambiente físico. Para atingir este objetivo, o caminho metodológico que usou foi à estruturação do tema topofilia a partir do exame da percepção e dos valores ambientais em diferentes níveis: a relação distinta e mútua entre cultura/meio ambiente e topofilia/meio ambiente para a formação de valores; as mudanças de visão com o tempo e as atitudes ambientais; a busca do meio ambiente e por fim, as experiências ambientais. Para a compreensão desses vários níveis o autor parte com alguns conceitos preliminares:

**Percepção** é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. **Atitude** é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é de experiências. [...] As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. [...] **A visão de mundo** é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atividades e crenças estão estruturadas, por mais arbitrarias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva).

**Topofilia** é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, [...] (TUAN, 1980, p. 4-5).

Tuan (1980) considera este um estudo complexo devido a sua grande variedade de tópicos. Portanto, diante de tal complexidade, aportamos na nossa pesquisa aqueles que estão mais ligados à relação topofílica com o lugar, na qual a sensibilidade e a percepção estão mais presentes.

Quando foi pedido a alguns adolescentes para desenharem os seus mapas mentais (mapas construídos a partir dos elementos de ligação com o lugar em que são guardados na memória) referentes ao lugar onde moram, detectamos neles algumas referências muito interessantes: os locais que representavam para eles elementos de forte ligação afetiva estavam referenciados como “minha casa”, “minha igreja”, “casa da minha avó”, “padaria da minha casa” ou outros. Certamente abordaremos com mais profundidade estes aspectos no capítulo sobre os mapas mentais. Porém o que dissemos aqui nos remete ao tópico no qual Tuan discorre sobre o egocentrismo e etnocentrismo em relação à simetria e espaço:

Os seres humanos, individualmente ou em grupos, tendem a perceber o mundo com “self”, como centro. O egocentrismo e etnocentrismo (egocentrismo coletivo) parecem ser traços humanos universais, embora suas intensidades variem grandemente entre os indivíduos e os grupos sociais. [...] O egocentrismo é o hábito de ordenar o mundo de modo que os seus componentes diminuam rapidamente de valor longe do “self” (TUAN, 1980, p. 4-5).

De fato, na grande maioria dos mapas observamos que o ordenamento espacial se deu ao redor da própria casa, e embora tenha sido dado um papel para desenho relativamente grande (tamanho A3), os componentes do lugar desenhados eram limitados à proximidade dos locais que exerciam relação direta com o adolescente. As linhas, as formas e as cores eram bem definidas, e principalmente nos mapas das meninas traçadas com mais cura e detalhes. De um modo geral, nos deixou surpreendidos o gosto como o traçado foi desenvolvido, revelando uma representação do seu espaço vivido, mesmo se segmentado da visão de um todo, do qual é consciente, porém que não o representa por escapar às suas redes de relações e experiência diária.

A este propósito, Tuan (1980), considera que a criança, na sua fase dos sete aos 14 anos (nossos sujeitos da pesquisa em média estão entre os 13 e 14 anos), vive a maior parte do tempo no mundo vivido das sensações que os seus sentidos lhe oferece, o cheiro, o frescor, o sabor e o vigor, entre outras. Para esta fase, ao contrário da criança pequena, ele afirma que:

Ela é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões; gosta das sutilezas na cor e reconhece as harmonias na linha e no volume. Ela tem muito da habilidade conceitual do adulto. Pode ver a paisagem como um elemento segmentado da realidade ‘lá de fora’, artisticamente arranjado, mas também a conhece como uma força, uma presença envolvente e penetrante. Sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente do tempo, a criança está aberta ao mundo (TUAN, 1980, p. 65).

A este ponto a questão que nos colocamos foi: podemos falar de topofilia na relação dos nossos sujeitos com o seu lugar, o bairro e os locais nos quais compartilham as suas vidas? O que faz cada pessoa estar aqui? Que histórias de vida compõem esse lugar? Qual o significado que as suas experiências diárias têm no estabelecimento da afeição ao lugar? Certamente são questões que gostaríamos de, se não responder, dar uma chave para a sua compreensão. Aparentemente as condições em que estão imersos a maioria dos nossos sujeitos adolescentes não são favoráveis para uma boa valorização do lugar. Porém, existem laços afetivos que nos fazem ver um outro mundo de valor que vão além das aparências: retomemos o caso da aluna, colocado na introdução do nosso trabalho, que vendo a escola abandonada, tomou a iniciativa de escrever para sensibilizar os professores da sua dor em ver

aquele espaço, “que lhe viu crescer”, em um estado de destruição que lhe causava sofrimento. Ou, quando, perguntamos a outros se gostam do bairro, respondem que sim, justificando-se com o fato de ter nascido aqui e ter parentes e amigos neste bairro. Certamente, nestes casos, o elo afetivo com o lugar está no valor simbólico que ele tem, muito mais que na beleza e estética do ambiente. Eis o que nos diz Tuan:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética; em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até da sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de ganhar a vida.

A topofilia não é uma emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo (TUAN, 1980, p. 107).

Mais adiante Tuan afirma que a satisfação com o bairro vai depender mais da satisfação com os vizinhos, referindo-se à amizade e à respeitabilidade, do que das características físicas da área residencial. Geralmente, para o autor, as reclamações quanto à moradias inadequadas ou ruas inseguras provêm do desagrado sobre os hábitos e padrões dos vizinhos.

Aponta ainda para a visão de mundo vista das classes menos favorecidas é de um mundo estreito, desolado e ameaçador. Da parte dos jovens, que possuem mais energia, procuram compensar esta visão de mundo através da fuga para a fantasia ou por atos de violência. Este quadro descrito pelo autor é também encontrado em algumas afirmações dos nossos entrevistados quando se referem às situações de perigo que as drogas e a violência trazem. A rua, espaço do burburinho, do lazer, do “bate-papo” diário, principalmente para os adolescentes, pode se tornar feia e perigosa. Eles “são bem conscientes da sordidez de seu ambiente. E mais do que deterioração física, [...] sentem o perigo dos vagabundos e drogados. As ruas podem proporcionar excitação, mas uma tênue linha separa a excitação do medo” (TUAN, 1980, p. 254).

Encontramos em Tuan tal ressonância com os propósitos com os quais queríamos desvendar as nossas questões que não finalizaríamos mais de encontrar em suas originais observações luzes para tal empreitada. No entanto, queremos continuar mais adiante nos outros capítulos que se seguirão esse mergulho nas suas reflexões.



#### 1.2.4 Anne Buttimer e a sua perspectiva fenomenológico-existencialista

Anne Buttimer, segundo Mello (2005), um dos expoentes da geografia humanista, teve sua trajetória marcada por ensino e pesquisa em centros acadêmicos nos Estados Unidos, Canadá, França, Suécia, Escócia e Dublin, onde trabalha desde 1991. Sua obra busca revelar os valores e o entendimento de geografias íntimas e coletivas no mundo cotidiano.

Para Holzer (1992), Buttimer procurou fazer uma geografia baseada principalmente na fenomenologia existencial de Heidegger. Com este aporte, ponte de união entre as correntes filosóficas da fenomenologia e do existencialismo, é que se foi possível adaptar o método fenomenológico para a elucidação do mundo vivido à força que une o ser e o conhecer: conceito de “Lebenswelt”, ou vida diária.

Esta adaptação resolveria as questões da geografia voltada para a experiência e imaginação, ao destacar as dimensões pré-reflexivas da experiência e os significados não questionados, que são determinantes do comportamento (...). Na transposição conceitual para a geografia, cabe ao geógrafo tomar consciência do ‘Lebenswelt’, que implica no contato direto com sua experiência do mundo, na apreciação da autonomia de outros mundos vividos, e no engajamento em um diálogo aberto e respeitoso com eles (BUTTIMER, 1979, apud: HOLZER, 1992, p. 338).

Esta seria, segundo Holzer (1992), uma versão mais amadurecida do que seria mais apropriado para a geografia, considerando uma base fenomenológico-existencialista. Com esta base Buttimer enfatiza que a fenomenologia e o existencialismo não separam os valores dos fatos, ao contrário de outras filosofias ocidentais. A contribuição da fenomenologia é o acento dado ao problema do conhecimento e do significado, e por sua vez o existencialismo evidencia a conduta de vida (BUTTIMER, 1974, apud: HOLZER, 1992).

Para os fenomenologistas existenciais os valores emergem de um diálogo criativo entre o homem e seu ambiente, por meio do encontro intersubjetivo entre as pessoas e o seu meio. Neste sistema filosófico os valores e os significados específicos não são melhores que outros. A intersubjetividade para Buttimer é uma ponte entre a experiência individual e a experiência social que deve ser explorada a partir das relações interpessoais (BUTTIMER, 1974, apud: HOLZER, 1992).

Buttimer no seu artigo “Aprendendo o dinamismo do mundo vivido”, publicado em 1976, acentua, como uma nova perspectiva para a geografia, a noção de “Dwelling” (Habitação) no sentido usado por Heidegger: habitar um lugar, implica mais que morar, cultivar e organizar um espaço,

Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTNER, 1985, p. 166).

Este termo, “Dwelling” (Habitação), para Buttner é visto como uma possibilidade que os geógrafos têm de pensar a humanização da terra, e coloca os fenomenologistas como os que mais sistematizaram esses esforços. Mesmo que tanto a fenomenologia como o existencialismo, não tenha soluções prontas na solução epistemológica da ciência, mas devem ser vistos como perspectivas.

Quanto à utilização da fenomenologia pelos geógrafos, estes devem ter diante de si duas posições fundamentais: o conceito, fazendo a distinção entre espaço vivido e espaço representacional, e o método, ou seja, a maneira como a fenomenologia transcende o dualismo entre modos “subjetivo” e “objetivo” de compreensão da experiência. O modo subjetivo concentra-se na experiência única, já o objetivo procura a generalização e proposições testáveis acerca da experiência humana.

A autora propõe, para superar este dualismo cartesiano, um modo fenomenológico ou modo intersubjetivo, que se esforçaria para elucidar o diálogo entre pessoas individuais e a subjetividade do seu mundo. Portanto, um modo de conhecer a experiência que tenha como critério inicial,

A criação de um clima que o torna psicologicamente seguro para a outra pessoa ou evento ou fenômeno, revelar sua estrutura interna de referência: ambiciona encontrar, mais que dominar, o objeto a ser conhecido. [...] concentra-se na experiência individual única, [...]. As generalizações (o ‘modo da terceira pessoa’) deveriam derivar de um relacionamento mais básico entre os atores (primeira e segunda pessoas) dentro do drama do mundo vivido (BUTTNER, 1985, p. 175).

Quanto a este pensamento de Buttner, vem-nos à mente aquela motivação ética que nos impulsionou a fazer este estudo: a necessidade de como geógrafo fazer uma geografia comprometida em fazer-se criação dos sujeitos, evidenciando situações e relações que promova a vida. Portanto, consideramos o conhecimento participante, permitindo-nos passar de “observadores” a co-sujeitos junto aos outros, na inserção do lugar. Somente assim é possível conhecer a experiência e lhe dar uma real interpretação. Não estar no lugar como espectadores, ou mesmo um mero analista, mas como alguém que tem a capacidade de compreender, de estar dentro da realidade observada, construindo com o sujeito o conhecimento.

Da consideração de um conhecimento construído coletivamente, nos veio à intenção neste trabalho de usarmos a terceira pessoa, a das generalizações do modo como afirmou Buttimer, para indicar este inserimento no mundo vivido. Como atores dessa construção temos os jovens, o geógrafo pesquisador, o orientador e todos os estudiosos citados que contribuíram neste estudo.

### **1.2.5 Edward Relph e o estudo do lugar**

A Edward Relph, geógrafo canadense, coube, segundo Holzer (1992), ainda no início dos anos 70, apresentar a fenomenologia como aporte filosófico a todos os geógrafos, que como ele, não aceitavam ser incluídos como comportamentalistas. Para tanto, Relph iria propor o método fenomenológico, que iria permitir o reconhecimento e descrição das “essências” da estrutura perceptiva. Rejeitou, assim, o tratamento mecanicista da ciência, para valorizar o mundo da experiência humana e sua intencionalidade, ou seja, como o ser se relaciona com o mundo. A idéia de fenomenologia a que se referia é a seguinte:

A fenomenologia é uma filosofia que assume que o conhecimento não existe independentemente do homem, mas tem que ser obtido pela experiência humana do mundo. A partir deste ponto de vista o mundo pode ser entendido somente por sua referência ao homem, e somente através das intenções e atitudes do homem. Os métodos da ciência objetiva são considerados inválidos, exceto no que diz respeito às intenções limitadas dos cientistas. O método fenomenológico é oferecido como um procedimento de descrição rigorosa para a investigação dos mundos vividos da experiência humana (RELPH, 1970, apud: HOLZER, 1992, p. 189).

Ainda nos anos 70, Relph, embatia-se com o modo como as questões de cunho ambientalistas eram tratadas de forma mecanicista e simplificadora, disfarçadas de objetividade científica. A resposta dada a essas questões se encontra em seu livro editado em 1976, “Place and placelessness”: tinha como base as análises feitas a partir do fenômeno do mundo vivido – o lugar, onde a diversidade de experiências não se prestava ao estudo científico porque estão ligadas às questões subjetivas da vida humana, esperança, frustrações e confusões que são evitadas por cientistas sociais (HOLZER, 1993).

Segundo Nogueira (2001), para Relph, assim como Dardel, o lugar é onde ocorre a existência humana, onde não há limites a serem traçados entre espaço, paisagem e lugar, os lugares têm paisagens, e paisagem e espaço tem lugares. Nesta relação o lugar é o mais fundamental porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas.

Essa experiência do lugar se dá a nível individual e coletivo no uso cotidiano de um espaço, que por este motivo se torna lugar, e ganha o sentido de lar porque é o centro mais profundo da existência. Os lugares, na sua essência, se compõem de três elementos inter-relacionados: os traços físicos, as atividades ou funções observadas e os significados. A partir deles pode-se inferir o autêntico sentido de lugar como uma experiência direta e genuína na complexidade que lhe dá forma e essência (HOLZER, 1992).

Ao nos defrontarmos com os jovens sujeitos dessa pesquisa para refletir com eles sobre as suas vidas e o seu lugar, examinando o sentido de ser no mundo ao redor de si, queríamos com isto chegar àquele sentido de lugar proposto por Relph, no qual a expressão mais profunda é de lar. Com esta consideração, evidenciamos nos sujeitos a consciência de si e do seu papel no mundo. Que os próprios jovens possam geografar seu mundo (lugar), deixando-os expressar seus conhecimentos a respeito de si e do seu ambiente a partir das suas experiências e percepções. Portanto, “qualquer pessoa que examine o mundo ao redor de si, de algum modo, é geógrafo” (LOWENTHAL, 1985, p. 105).

## **2 A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS NOS LUGARES COTIDIANOS: O BAIRRO, A ESCOLA E OS OUTROS LUGARES**

Partindo das reflexões feitas no capítulo anterior sobre as contribuições que os geógrafos de linha fenomenológica deram à geografia, preocupamo-nos em identificar nas percepções dos jovens, sujeitos desta pesquisa, como eles concebem as suas próprias experiências vinculadas ao seu lugar, o bairro Jorge Teixeira. Parece-nos fundamental, portanto, retomar o pensamento de alguns desses autores, particularmente Yu-fu Tuan, Eric Dardel e David Lowenthal, no tocante à percepção, para desvendar o conhecimento presente nesses sujeitos em contato com o seu mundo (lugar de vida). Esse aporte também será necessário, quando abordaremos as relações dos jovens com a escola e os outros lugares da cidade, dando ênfase às possíveis dificuldades que ocorrem quando os alunos vão estudar nas escolas do centro.

Não é nossa intenção, neste momento, refazer todo o percurso histórico nos debates que envolveram o estudo da percepção e representação na geografia, e sim situar as proposições dentro de uma perspectiva fenomenológica. A discussão exclusivamente psicológica e comportamental, neste campo, segundo Nogueira (2001, p. 61), priorizaria “a mente, os processos cognitivos de construção da realidade e não a realidade dada através da experimentação, da convivência entre o homem e o lugar”. Portanto, a percepção, aqui entendida, tem um viés fenomenológico evidenciado no pensamento desta autora, que compreende a percepção como a capacidade de ação humana de compreensão do mundo, que acontece no estar em relacionamento com o mundo, no qual o homem se vê e se constrói com ele.

Também encontramos em Lowenthal (1985, p. 141) a ideia de percepção de mundo que é apreendida num contexto cultural e pessoal, ao qual cada pessoa responde com ações e predileções:

A superfície da Terra é elaborada para cada pessoa pela refração das lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com as nossas percepções e predileções.

Contudo, não podemos deixar de evidenciar, que essa percepção que vem da relação do homem com o seu mundo, com o seu lugar de vida, dá-se em nível cognitivo. Segundo

Vicente del Rio (1999), o nível de cognição é onde ocorre a formação, a estruturação e a organização de imagens ou representações mentais. Este autor propõe a distinção, dentro do nível cognitivo, da tipologia de imagem mental e mapa mental, com os quais a mente seria capaz de “re-construir” um lugar. Entende como imagens mentais, baseado em Rapoport e Lang, os aspectos simbólicos, figurativos ou associativos de nossa cognição, nos quais a imagem revela-se como símbolo, como uma substituição da realidade. Quanto ao mapa mental, referindo-se a Lynch e Downs&Stea, considera um outro tipo de imagem, que reflete o nível icônico da cognição e possui um tipo de estruturação interna entre os elementos que o forma, que fazem entender a existência de uma lógica operacional.

Mesmo considerando relevante essa tipologia imagética, imagens e mapas mentais, como capacidades da nossa mente em perceber e conceber os lugares compreendemos que estes aspectos são coadjuvantes no conceito de percepção que nos interessa, ou seja, aquela que vem da experientiação e que dá sentido de cunho existencial aos lugares.

Portanto, neste capítulo, num primeiro momento, queremos descrever a percepção que os jovens têm do seu lugar, tomando como fundamento teórico o conceito de topofilia (elo afetivo com o lugar) proposto por Tuan (1980) e os seus elementos formadores dados pela percepção, atitude e valores; em seguida, apresentaremos os mapas mentais dos jovens, utilizados também como recurso de captação de conhecimento e representação que parte do cotidiano como imagens do mundo vivido; analisaremos o papel da escola como confluência de geograficidades, segundo o entendimento de Nogueira (2001) deste conceito proposto por Dardel; e por fim, as percepções dos jovens no enfrentamento de outros lugares.

## 2.1 O BAIRRO COMO LUGAR DE EXISTÊNCIA

De acordo com informações encontradas no PORTALAMAZÔNIA (2007) referidas ao Jornal do Comércio, o bairro Jorge Teixeira em Manaus (AM) foi criado em 1989, com a distribuição de lotes para pessoas carentes. A ocupação da área onde se instalou o bairro se deu após a abertura da Avenida Autaz Mirim, na época denominada Grande Circular. Esta avenida ligando a Zona Leste da cidade à Zona Norte, criou um corredor viário que se estende do bairro São José à Cidade Nova. A partir daí iniciou-se um processo contínuo de ocupação urbana por meio de “invasões” ou por loteamentos, quando a ação de particulares ou do poder público conseguiu se antecipar aos movimentos de ocupações, promovidos por integrantes da Igreja Católica e de partidos políticos ligados às causas populares. Nos anos seguintes, ocorreram sucessivas “invasões” que resultaram na criação das

quatro etapas do bairro (Figura 1), mais o João Paulo 2, o Bairro Novo, o Valparaíso, o Nova Floresta e o Monte Sião, comunidades que formam o Jorge Teixeira. Dos loteamentos promovidos por particulares surgiram os conjuntos residenciais José Carlos Mestrinho e Arthur Virgílio Filho, ambos de moradias populares, mas com o mínimo de infra-estrutura.

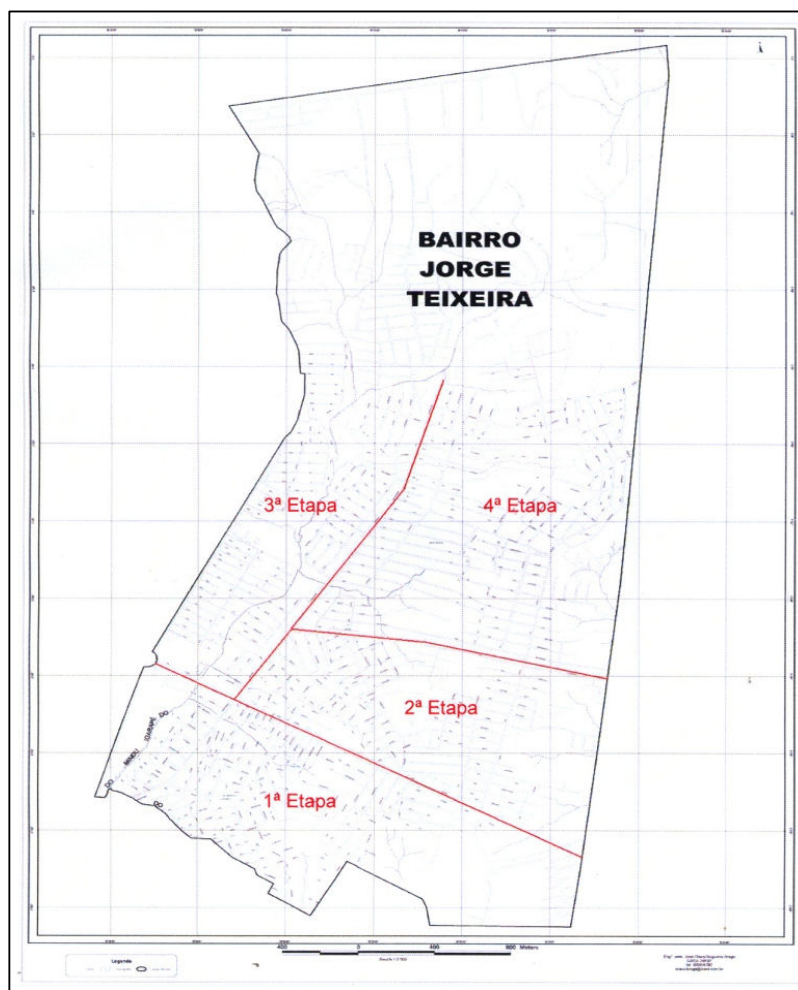


Figura 1: mapa do bairro Jorge Teixeira, Manaus/AM, dividido em etapas.

Fonte: figura cedida pelo engenheiro ambiental Olavo Braga (2004), in Dissertação de Mestrado: “Ambiente e Saúde na Cidade de Manaus: percepção dos moradores no bairro Jorge Teixeira” (2005).

A SEPLAN, Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas, em seu Atlas Municipal do Desenvolvimento em Manaus (AMAZONAS, 2006), subdividiu a área do bairro, em quatro unidades distintas: Unidades de Desenvolvimento Humano: JORGE TEIXEIRA – João Paulo, JORGE TEIXEIRA - Jorge Teixeira I e III, JORGE TEIXEIRA – Val Paraíso, Chico Mendes, e JORGE TEIXEIRA – Santa Inês, Brasileirinho. As quatro unidades juntas correspondem a uma área de 10,4 km<sup>2</sup>, com 17.867 domicílios e uma população de 78.631 habitantes (censo 2000). Consideramos,

para efeito de contextualização, a primeira UDH citada por ser neste espaço que se localiza a Escola onde ocorreu a estudo.

A UDH JORGE TEIXEIRA – João Paulo (Figura 2) está situada na Zona Administrativa Leste da cidade, numa área de 1,2 km<sup>2</sup>. Está a 10,66 km de distância de centro geográfico da cidade, possui 4.138 domicílios, com uma população de 18.335 habitantes (censo 2000). Quanto aos aspectos sócio-ambientais, apresenta casas localizadas em área de risco, nas ruas cortadas por afluentes do Igarapé do Mindu. Em alguns locais ocorrem problemas de distribuição de água e predominam casas de alvenaria e de madeira. A porção sul apresenta um fundo de vale com restrições urbanísticas. A região apresenta declividade média a alta e compreende ainda uma área de preservação natural do ambiente, na região central.

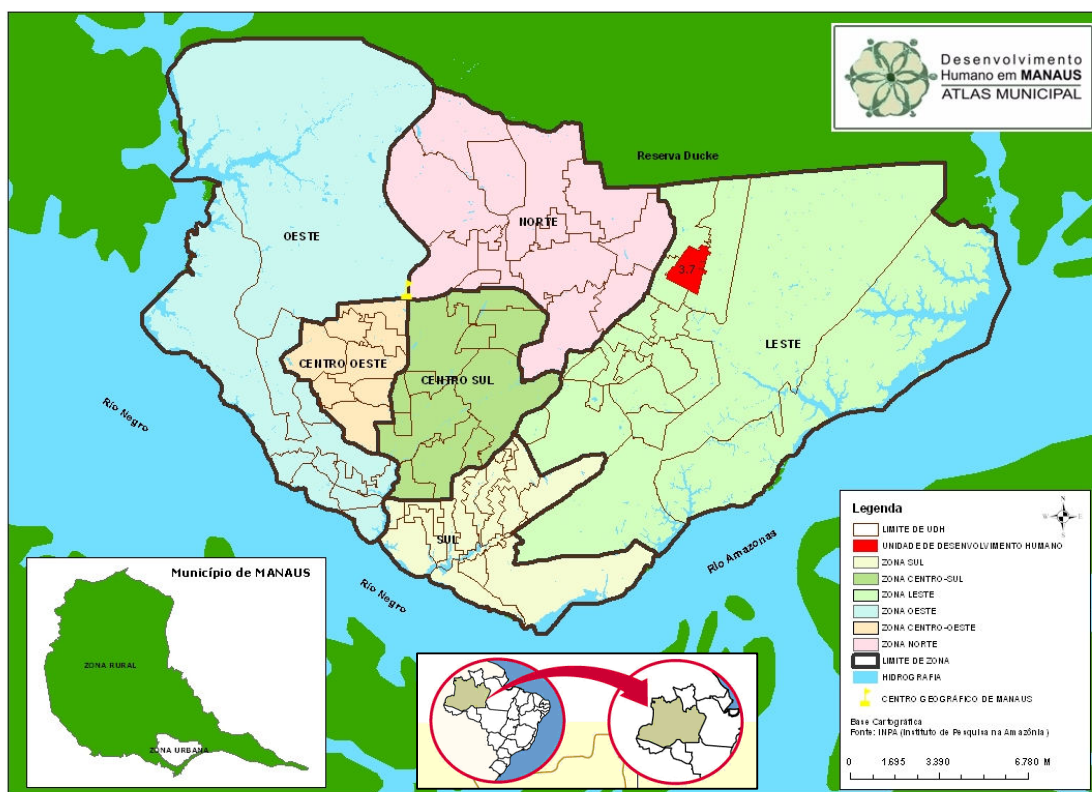


Figura 2: mapa da Unidade de Desenvolvimento Humano JORGE TEIXEIRA – João Paulo e a distribuição das Zonas Administrativas em Manaus/AM.

Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano em Manaus, SEPLAN (2006).

Quanto à evolução do Desenvolvimento Humano, de acordo com o Atlas da SEPLAN, no período de 1991 – 2000, o índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) desta unidade cresceu 16,03%, passando de 0,599 em 1991 para 0,695 em 2000. A



dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a educação, com 84,1%, seguida pela longevidade, com 11,0% e pela renda, com 4,8%. O IDHM de 0,695 coloca esta unidade espacial entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação às outras UDHM de Manaus apresenta uma situação ruim: ocupa a 71ª posição num total de 81 unidades municipais.

Feitas essas premissas para apresentar o contexto em que estão inseridos os sujeitos deste estudo, tentamos compreender e descrever o conhecimento revelado pela percepção dos jovens com esse mundo, o seu lugar. Analisamos como os jovens do bairro percebem, relacionam-se, identificam-se com seus ambientes e constroem os seus valores e atitudes. Para tanto, partimos das três perguntas de Tuan (1980) relacionadas aos aspectos formadores da topofilia, elo afetivo da pessoa com o lugar, percepção, atitudes e valores (visão de mundo). Conceitos já reportados anteriormente no primeiro capítulo, e que com eles extraímos as idéias metodológicas e fundamos os procedimentos para a compreensão da ligação afetiva dos jovens com o seu bairro.

### **2.1.1 Percepção e o sentido de lugar**

Para Tuan (1980) a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo e dada pelos órgãos dos sentidos visão, tato, audição, olfato que formam o equipamento perceptual do homem. Cada Sentido reforça o outro e juntos esclarecem a estrutura e a substância das coisas, revelando o seu caráter essencial. Afirma, ainda, que embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos semelhantes, o modo como suas capacidades são usadas e desenvolvidas vai divergir com o tempo, nos espaços e nas culturas diversas. Essas variações de percepções vão implicar, também, diferentes atitudes com relação ao meio ambiente ou aos lugares, como queremos evidenciar com este estudo.

A percepção é o primeiro aspecto, dentro do quadro teórico que esse autor conceitua logo no início do seu trabalho intitulado “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (publicado no Brasil em 1980). Dentro deste conceito, encontramos algumas indicações que nortearam a nossa intenção de desvendar o conhecimento vivido pelos jovens do bairro Jorge Teixeira: quais são os estímulos externos aos quais respondem com os sentidos? Que fenômenos são registrados e o que os sujeitos valorizam? Quais retrocedem para a “sombra” e são bloqueados? Os estímulos externos provocam uma resposta dada pelos sentidos, e estes têm um papel determinante na afeição ou na rejeição do lugar.

Examinaremos inicialmente aqueles fenômenos que são registrados, os que os sujeitos valorizam no conjunto dos aspectos da percepção e que trazem uma manifestação topofílica. Em seguida, abordaremos aqueles fenômenos que são um obstáculo à existência de um elo mais forte com o lugar, que retrocedem para a sombra e são bloqueados, como afirmou Tuan (1980).

Consideramos como fenômenos registrados e que geram um elo afetivo com o lugar aqueles aspectos que adquirem significado na relação com o lugar. Machado (1999), afirma que o significado é uma atribuição qualitativa dada pelos moradores aos variados componentes do lugar. Os significados dados implicam a familiaridade que é resultante de uma paisagem vivida, um quadro de vida no qual as pessoas interagem com seus arredores. É o que se nota nos relatos abaixo: de uma jovem que evidencia a importância dos relacionamentos com as pessoas e a relação com o bairro exclusivamente localizado nos arredores de sua rua, e outro que indica como seu elo com o lugar o caráter de diversão e as facilidades possibilitadas pela proximidade de seus locais de relação.

A parte do bairro que mais gosto é perto da minha casa, também pelas pessoas. Eu tenho medo daqueles lugares mais fechados, onde tem “galeroso”, aí dá medo (Ana Carolina, 14 anos).

O bairro onde eu moro não é tão bonito, mas é muito divertido. Moro lá e é legal, porque tudo fica perto e facilita pra agente comprar algo (Felipe, 15 anos).

Entre os fenômenos mais recorrentes na percepção dos jovens, podemos citar os que dizem respeito à fisionomia e à infra-estrutura do bairro, captado pelo olhar e pela experiência cotidiana. Assim, aparecem nas suas falas, situações referentes à facilidade de acesso aos lugares que frequentam; indicações sobre a poluição de igarapés; o lixo nas ruas; o cheiro da feira; além de vias de acesso (as ruas, e as pontes de madeira construídas pelos próprios moradores e utilizadas para passar sobre os igarapés e áreas alagadas). Essas percepções, embora ocorram num mesmo lugar, podem resultar em diversidade de apreensões da realidade. Daí que encontramos alguns depoimentos que evidenciam as transformações sofridas atualmente pelo bairro, que lhe dão certo ar de prosperidade, e outros onde os estímulos negativos presentes no dia a dia vem mais em relevo.

Moro na Zona Leste, no bairro Jorge Teixeira, minha rua é bonita, limpa, iluminada, ordenada, etc. O meu bairro como um todo vai melhorando dia a dia em construção de prédios para grandes comércios como supermercado, correios, posto de gasolina, posto médico, etc. Por outro lado temos os arredores onde a moradia é desorganizada e onde se concentra as pessoas de mal viver (Daniela, 14 anos). O bom daqui do bairro é que tudo fica perto: a escola, os lugares onde as pessoas fazem as compras, a feira do produtor tá aqui perto, o CAIC, um centro de

atendimento para crianças. Um lugar que é importante para mim é a igreja (evangélica). O que não é bom do bairro é os igarapés, quando dá muita chuva alaga as casas; as casas que faz aqueles ponto de droga e aí fica perigoso; quando o pessoal vai atravessar a ponte sobre o igarapé, às vezes paga até o pedágio. Tem de passar senão demora mais, é perigosa também pela estatura dela que a bicha é bem fininha. (Danyfranck, 15 anos).

O que eu não gosto daqui, é perto lá da feira, com aquele cheiro de peixe (Carol, 15 anos).

Aqui, no Jorge Teixeira, principalmente, só é bonito as (ruas) principais. As ruas são tudo esburacadas e lixo, [...] a população também não coopera (Thiago, 16 anos).

Observamos que não é tanto a conformação estética que torna o lugar atraente e agradável, mas os aspectos afetivos evidenciados pelo fato de ter nascido ali, pela sensação de segurança e proteção fornecida pela própria casa, e pela relação de vizinhança, de amizade e de parentesco. Buttner (1985) considera que cada pessoa tem um lugar “natural” como ponto de partida de sua referência no mundo e que é rodeada de “camadas” concêntricas de espaço vivido, em várias escalas, que vai, tomando como referencial a própria casa, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação. Afirma, ainda, que pode haver lugares com os quais são dadas qualidades que os tornam privilegiados e diferenciados de outros. Assim, o lugar em que nasceu, a própria casa, a rua, a escola e alguns locais significativos para o sujeito, podem ter um significado substancial.

Apesar de ter uma parte ruim, tem a parte boa também. A boa é porque muitas das pessoas moram aqui no Jorge Teixeira desde pequeninhas, então já é tipo um “ninho” aqui. Ai ir para um outro bairro não é a mesma coisa, que você nasceu desde pequeninha, tu brincou ali naquele campo de futebol, que tu viu crescer. Então eu acho que não é a mesma coisa, então muitas das gente não sai daqui do Jorge Teixeira por causa disso, por causa da filiação que tem, ao apego (Lívia: 16 anos).

Nasci aqui, eu acho bacana, a vizinhança é legal, já conheço gente por aqui há muito tempo. Por isso que acho bacana aqui. O bairro oferece educação, agora o colégio tá bem estruturado; as lan house... o que não é bom é a malandragem, os bandidos, não são muitos a maioria é de bem, mas sempre tem a minoria que não é, mas gosto de todo o bairro (Denilson, 12 anos).

Eu moro no Jorge Teixeira, desde quando eu nasci. E pelo fato de minha família tá no Jorge Teixeira, eu digo minha família, meus amigos, companheiros, colegas. E apesar do Jorge Teixeira ter essa dificuldade, de não ter uma boa infraestrutura, ele tem seus pontos positivos: a pracinha, no CCA dá pra jogar bola, formar uma turma e tal, só que agente às vezes não aproveitamos muito por algumas dificuldades. Então ele tem seus pontos positivos, só que precisa saber aproveitar (Jeice, 15 anos).

Em muitos relatos os significados e as circunstâncias vividas indicam que a afeição ao lugar está relacionada ao significado da festa, ao lazer e à “movimentação” do bairro como atributos que lhe confere um atrativo especial. Outros motivos são os de aspecto econômico como a vinda para o bairro, com a família, por necessidade de trabalho ou mesmo para a moradia possa estar mais próxima dos locais de trabalho.

Por uma parte ele (o bairro) é bom de se conviver, porque tem pessoas que são pessoas do bem, se unem pra fazer mutirão, fazer alguma coisa lá, alguma festa... O bairro lá perto da minha casa tem um campo e sempre tem arraial, festa, parquinho de diversão (Elisama, 15 anos).

Meu bairro é muito legal, mesmo que é muito perigoso... O que ele tem de bom são os vizinhos. Os vizinhos são muito legais... Vim morar aqui por que meu pai começou a trabalhar aqui por perto e aonde morava era muito longe e aí comprou um terreno aqui mesmo pelo bairro. O lugar do bairro que gosto mais é a lan house e a pracinha lá, lá perto do campo... No momento gosto de todo lugar do bairro, acho todos muito legais... (Uslaine, 16 anos)

Meu bairro é bom. Eu gosto mais da Praça e da Lan House. De ruim o bairro tem malandro que fica brigando por aí... Eu vim morar aqui por uma questão financeira: meu pai ganhava pouco, trabalhava numa serraria, aí ele veio aqui pra Manaus e trabalhou na oficina de um primo dele que é bem de vida (Adriano, 14 anos).

É tranquilo e nunca vou falar mal desse bairro. Acho super legal, gosto daqui... gosto muito daqui, não me arrependo de ter vindo pra cá... aqui o bairro é muito animado, tem muitas opções pra sair, tem lugares legal (Patrícia, 13 anos).

Eu gosto muito, porque aqui é legal, é muito agitado. Na Cachoeirinha, onde eu morava era muito triste, porque não tinha ninguém nas ruas e aqui tem sempre gente nas ruas. A parte do bairro que gosto mais é a minha rua (Maria, 14 anos).

Quanto à consideração dos fenômenos, que na percepção dos jovens retrocedem para a sombra e são bloqueados, é sempre difícil identificá-los com clareza. A este respeito, Tuan (1980) considerou que o ser humano é excepcionalmente adaptável, que beleza e feiúra, cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que aprende a viver nesse mundo. Quando tratou das diferenças entre a percepção do visitante e do nativo, o autor afirmou que a simplicidade do olhar de quem visita é reduzida à composição de quadros e a atitude do habitante do lugar é complexa porque está imerso na totalidade do seu ambiente. Afirma ainda que “a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, do conhecimento e do mito” (TUAN, 1980, p.73). Esses fenômenos referidos pelo autor, embora visivelmente perceptíveis aos olhos de quem chega, se tornam corriqueiros e comuns, de tal forma que para quem os vê de “fora”, não lhes são dados o devido peso ou relevância que têm para a vida dos habitantes do lugar.

Portanto, para trazer à luz aos fenômenos bloqueados e escondidos na vida cotidiana foi necessário que se estabelecesse um colóquio aberto e participativo no qual foi criado antes de tudo um clima de confiança e informalidade durante as entrevistas em grupo. Esses colóquios revelaram situações vividas e expressas com tanta espontaneidade e simplicidade que, normalmente, não se encontraria explicitadas em livros ou textos oficiais que presumidamente explicariam o lugar e as relações intersubjetivas de seus habitantes. O fenômeno desvelado de uma forma desarmante que faz mostrar as percepções desses adolescentes frente à pobreza, à violência e às drogas, entre outras situações.

A minha dificuldade eu acho que é a dificuldade de todo mundo, que é assim... ser humilde né. Preconceito das outras pessoas, ainda bem, graças a Deus, que eu não sou negra, senão as pessoas iam me engolir no meio da rua [...] me faz sofrer e eu levo isso na esportiva (Ângela, 13 anos).

Eu moro aqui desde pequenininha, se você for lá é muito difícil ver uma briga entre vizinhos. O pessoal são unidos. Tem uma invasão perto lá de casa e deu até na televisão: o pessoal foi lá porque mataram uma menina, estupraram lá. Só que era um campo de esportes e tinha umas casas lá. Então eles se organizaram e tentaram tirar o senhor da prisão. Eles tinham que acabar com aquilo e fazerem uma invasão pra poder chamar a atenção das autoridades. Tem uns lá que não precisam, mas... Daqui gosto mais dos locais que tem mais movimento, no IDAM tem essas peças pra jovens, para idosos, pra movimentar mais a comunidade. Tem um certo lugar lá, tem umas parte que, onde tem a ponte no Igarapé, tem uma senhora que fica a partir das sete horas da noite. Agente fica meia com medo, fica movimentado e eles pedem pedágio, e quando a pessoa já é conhecida eles deixam passar, não mexem. Mas se for aqueles que querem se mostrar, aqueles riquinho eles não tão nem ai. Mais eles respeitam um ao outro (Elisama, 15 anos).

Para os jovens o que não é bom é uma “boca de fumo” que tem aqui perto. Em qualquer esquina que agente dobra, agente encontra uma “boca de fumo”. São jovens que usam, maconha, tudo. É um perigo porque muitas das vezes eles fazem besteira, atacam as pessoas (Sabrina, 15 anos).

O desenho dos Mapas Mentais, que abordaremos mais adiante, foi um outro recurso com o qual foi possível para os jovens expressar situações que podiam ser colocadas em luz. Neste sentido foi muito relevante uma observação de um aluno que depois de desenhar e localizar no seu Mapa Mental os locais do bairro que não gostava como as “bocadas” (locais de venda de droga) ou uma casa noturna onde ocorre muita violência, disse: “Eu desenhei essas coisas, porque foi um dos melhores jeitos de expressar coisas que eu não costumo falar” (Thiago, 16 anos).

Um outro aspecto revelado como não inserção e repulsão ao lugar foram verificadas naqueles alunos provenientes de outros lugares, seja da zona rural de Manaus, de outras cidades e estados. Nestes, a experiência direta de lugar se expressa como um mal estar, sentem-se ligados a outras experiências topológicas que de certa forma lhes impedem, naquele momento, de inserir-se na nova realidade. A este propósito, Buttimer (1985) afirma que o conhecimento do espaço, ou as atrações ou repulsões dos lugares numa pessoa, independem de uma base local. Ela pode estar ligada psicologicamente a espaços e ambientes distantes. Portanto, o elo desses jovens imigrantes não está no local de residência e sim com o seu lugar de origem.

Prá falar a verdade se fosse por mim eu nunca vinha morar em Manaus não [nasceu na Zona Rural de Manaus, no Lago do Mereti], mas pela minha mãe eu vim pra cá. Eu gostava de onde eu vivia mesmo, porque lá eu achava um ambiente bom, onde eu me divertia mais, saía pra todo canto que eu quisesse, aqui eu não saio, só da escola para casa. Lá era mais seguro... Aqui no bairro só gosto da minha casa e a escola. A própria rua lá de casa eu não gosto porque como divertimento não dá pra brincar, lá é um buraco mesmo, e quando é de noite é assalto. Ainda não sinto apego ao bairro,

às vezes bate uma saudade de lá, das brincadeiras, da bola, de correr o tempo todo de cavalo, pescar (Wallace, 16 anos).

Já moro aqui há três anos [nasceu e morava em Roraima], mas gostar mesmo eu não gosto, por causa de ‘galeros”, essas coisas, eu queria que mudasse mais. Sinto saudade da minha terra, lá eu gostava, tinha mais amigos do que eu tenho aqui. Aqui eu não tenho muito não (Ingra, 15 anos).

Ainda não me sinto ligada ao bairro, eu moro aqui mais só que eu visito lá [Mato Grosso onde nasceu], no final de ano eu vou pra lá, e é sempre assim meu pai vem, e penso de não voltar mais pra cá, mas não tem como, tem que voltar (Andréia, 13 anos).

De um modo geral se pode depreender dos relatos que no quadro perceptual dos jovens entrevistados se configura alguns aspectos comuns a todos. O principal elo com o lugar são os relacionamentos familiares e de amizade. Este aspecto, aliado ao fato de ter nascido naquele ambiente, foram considerados importantes no estabelecimento de uma afeição dada mais pelo caráter intersubjetivo das experiências cotidianas que ao delineamento físico que o lugar apresenta em sua paisagem. Machado (1999) nos recorda que gostar de um bairro não significa afeição profunda. Mas para aqueles que vivem muitos anos em um lugar, a familiaridade induz a aceitação e até a afeição por este ambiente, que segundo o autor, raramente é adquirida pela sua paisagem, uma vez que é o passar do tempo que possibilita a familiaridade e o conhecimento.

Outro registro que caracteriza uma experiência agradável na vida do bairro, foi a sua característica festiva, dada por locais de lazer, organização de arraiais e de movimentação nas suas ruas. Já, os fenômenos que retrocedem para a sombra, aqueles pertinentes à rejeição do lugar, caracterizaram-se por experiências de repulsa, mal estar e medo. Foram evidenciados nos relatos sobre a violência nas ruas, a presença de galeras, a realidade das drogas, os limites impostos pela pobreza e os problemas do bairro com os serviços precários de água, energia e transporte. Além dos problemas com as cheias e poluições dos igarapés que cortam o bairro. Contudo, apesar dos problemas apontados, as descrições revelam uma percepção que reflete uma profunda ligação com o bairro. Deixam entrever nuances que fazem compreender a sutileza, a beleza, mas, também o drama e o desafio das relações entre os habitantes desse mundo desconhecido. A “Terra incognitae” que se revela; aquela do interior da alma e do coração dos homens (Wright, apud Lowenthal, 1985).

### 2.1.2 Atitude: experientiação e participação

A propósito da atitude, Tuan (1980) afirma que esta parte de uma postura cultural, é uma tomada de posição frente ao mundo e é mais estável do que a percepção, uma vez que é formada por uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As atitudes implicam, portanto, em experiências que se traduzem em firmeza de interesse e valor. Portanto, as atitudes podem ser expressas pelo fato, por ações que se processam no tempo, pelas histórias contadas dos fatos experienciados, e no espaço, na participação ou na vivência num lugar. São as posições tomadas e julgamento de valor resultantes da variedade das percepções.

Nesse entendimento de como são formadas as atitudes e a consciência de valores relacionados ao sentido de lugar, encontramos consonância no pensamento de Andrade (2006): para esta autora o lugar pode ser considerado não como uma localização, mas como o resultado de um conjunto de sensações e de significados conscientizados, moldados pelas circunstâncias econômicas, sociais, culturais e emotivas que os indivíduos experienciam.

“Experiência é o termo que abrange as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, apud MACHADO, 1999, p. 116). Então, para conhecer os fatos experienciados pelos nossos sujeitos, vejamos as suas narrativas que evidenciaram um julgamento de valor e a formação de atitudes em relação ao seu bairro.

Lívia, 16 anos, descreve com o seu relato a situação desfavorável vivida pelos jovens de uma forma crítica, denunciando esta realidade:

Devido crescer muito a população do bairro, vem causando muitos problemas, a própria comunidade contribui para isso: aqui meninas de treze, catorze anos com três, quatro filhos... e vivem com “barriguinha”; a falta de trabalho e as pessoas sem um ordenado; se metem nas drogas; vai matando; muitas meninas vão se prostituindo e vão entrando neste mundo da criminalidade. Para os jovens aqui no bairro só tem a praça, a quadra da praça ta quebrada, a única que tem, os próprios moradores da comunidade que quebram, danificam em vez de preservar (Lívia, 16 anos).

Jeice, 15 anos, segue na mesma linha de pensamento de Lívia, apresentando os problemas do bairro, e vai mais além, no sentido de identificar soluções que possam resolver esses entraves na vida da população e significativamente na dos jovens que são mais expostos às situações de violência:

O Jorge Teixeira é um bairro bom, só que ta faltando segurança, acima de tudo. É que às vezes agente tem medo de sair na rua porque pode vir alguém e queira assaltar, roubar, essas coisas; A água, quando dá água, vem aquela alta conta, é muito caro, e quando vem a água; asfaltamento; posto de saúde tem, só que não tem

médico para atender, escolas também faltam, porque tem muitas pessoas que não estão estudando; quadras e coisas esportivas, algo que incentive os jovens a querer uma vida melhor, a não ta neste mundo de drogas, de roubo, algo que incentive. Oportunidades ta faltando também, é isso que ta faltando no Jorge Teixeira.

Ingra, 15 anos, que mora no bairro há pouco tempo, observa que para combater a violência é necessário que haja mais projetos sociais no bairro:

Eu acho que pra esse bairro não ser mais perigoso tem que ter mais projetos sociais. As pessoas não tem muito o que fazer em casa, ficam vadiando, e com mais projetos sociais tem de melhorar mais a estrutura e os jovens também. Muitos jovens se tornam “galeroso” por falta de ocupação.

Para Mateus, 15 anos, a atitude sua se revela em estar longe das drogas, apesar da proximidade e contato com pessoas que as usam: “O problema do bairro é as drogas, a prostituição. Alguns que eu conheço usam drogas e sempre me ofereceram, mas eu não, eu sempre tive longe disso”.

No relato de Ingrid, 15 anos, encontramos uma posição firme em que defende a ideia de tomar atitudes pessoais, ter iniciativas e não ficar esperando que políticos resolvam os problemas. Ela insiste na valorização do bairro a partir da mobilização dos próprios moradores, de suas próprias atitudes e contando com a ajuda dos seus representantes mais diretos, como o presidente do conselho dos moradores:

Eu acho que apesar das dificuldades eu gosto do bairro onde eu moro... mas podia melhorar. A questão de lazer aqui que poderia ter mais, asfaltar as ruas, as pessoas mesmo que sujam poderiam se conscientizar mais e colaborar com a limpeza do bairro para ajudar a pelo menos ficar um pouco melhor. Melhorar a questão da água, do asfalto, dos encanamentos, dos esgotos, às vezes alaga tudo, as ruas. As pessoas tem que tomar conta do que é nosso, agente tem que valorizar. Ta vendo que tem um problema, vai lá tenta ajudar de alguma forma, fala com o presidente do bairro, porque tem um presidente do bairro, passa pra ele. Fazer alguma coisa, porque do jeito que ta se todo mundo só for detonando, falando aquilo ta errado... levanta pra dizer que ta errado e ninguém levanta pra dizer: não gente vamos fazer o certo, fazer alguma coisa. Todo mundo fala aquilo: o prefeito não faz nada para o bairro (Ingrid, 15 anos).

Castello (1999) aponta que a averiguação das atitudes da população frente a decisões de gestão que afetam uma determinada área, deve estar associada com outra esfera de percepção. Essa está presente no próprio potencial dos usuários de participar das decisões que atingem sua coletividade. Deste potencial, desta vontade de mudar, segundo o autor, é que brotarão decisões com possibilidades de efetivação.



### 2.1.3 Valores: a visão de mundo constituída no cotidiano do bairro

Os valores são expressos pela visão de mundo, eles dão a significação e a apreensão conceitual dos fatos experienciados. Portanto, é o processo de significação da experiência no qual as narrativas encontram um sentido, uma explicação e um valor. O mundo, então, passa do percebido para o experienciado, e deste estágio para o concebido. Para Tuan (1980), a visão de mundo é a experiência conceitualizada. Ela em parte é pessoal e em grande parte social; é uma atitude ou um sistema de crenças. O autor usa a palavra sistema para indicar que as atividades e crenças estão estruturadas sob uma perspectiva impessoal (objetiva). As atividades e crenças apesar de suas ligações diversificadas e aparentemente sem regras, são expressão e reforçam os padrões culturais da sociedade e afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente. No entanto, o individuo pode transcender a influência da cultura: “Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de maneira nenhuma é fútil (TUAN, 1980, p. 285)”.

Machado (1999), quando fala da significação da experiência, afirma que os significados do mundo-vivido não são tão evidentes, têm de ser descobertos. E é o contato cotidiano, prolongado ou direto, que permitirá ao individuo descobrir no seu mundo significados mais variados, implicando os benefícios que a vivência geralmente proporciona.

Entendemos que os significados adquiridos no contato com o lugar em que se vive expressam uma série de valores direcionados a todos os aspectos da vida, desde o nível pessoal ao das relações com os outros e com o ambiente. Em seu estudo sobre os valores juvenis, a educadora Grinspun (2008), cita o filósofo alemão neokantiano Johannes Hessen (1889-1971), autor de *Filosofia dos Valores* (1937), para o qual o conceito de valor não pode estar preso ao rigor de uma definição, ele pertence ao número daqueles conceitos supremos, como os de ‘ser’, ‘existência’, etc., que não admitem definição. O que se pode fazer é simplesmente tentar uma clarificação do seu conteúdo. Esse autor, segundo o estudo da educadora, classifica os valores da seguinte forma: do ponto de vista formal, como valores positivos e valores negativos ou desvalores; valores das pessoas ou pessoais (éticos) e valores das coisas ou reais (objetos); valores em si mesmos ou autônomos (fins valiosos) e valores derivados de outros ou dependentes de meios para atingir um fim (utilidade); do ponto de vista material, observa-se os valores sensíveis: agradáveis e do prazer, vitais e de utilidade (homem/natureza), e os valores espirituais: lógicos, estéticos e religiosos (homem/espírito).

O período identificado como adolescência é vivenciado num momento histórico e social dos jovens, no qual os seus valores são reflexos da cultura onde ocorre e lhes conferem uma riqueza de expressões evidenciadas na diversidade de grupos e identidades. Logo, os aspectos sociais, econômicos, políticos, ambientais, culturais e psicológicos, entre outros, que compõem a concepção do mundo juvenil, exprimem a complexidade do sentido de lugar ao qual estão afetivamente ligados.

Apesar da variabilidade e da diversidade entre os jovens, marcados pela sua cultura local, mas com influências de outras culturas trazidas pela mídia, pela moda e movimentos culturais mundiais, podemos encontrar pontos comuns e universais à este período de vida. Na sua pesquisa com jovens do Rio de Janeiro entre 2004 e 2005, Grinspun (2008), em resumo apresentou a seguinte conclusão: embora imersos numa cultura imediata, midiática e consumista, os jovens se importam com valores tradicionais como os amigos, a família e o trabalho e se preocupam com questões relacionadas à violência e às drogas entre outras. Em nossa pesquisa com os jovens alunos do Jorge Teixeira, bairro de Manaus, de classes menos favorecidas, encontramos estes valores citados pela educadora e acrescentaríamos outros como os valores espirituais (religiosos) e o estudo. Sendo que aqui, não estão necessariamente colocados na ordem de importância em que foram dados nas suas narrativas.

#### 2.1.3.1 Valores sensíveis em relação ao bairro

Já havíamos acenado quanto a este aspecto no item referente às percepções dos jovens e o sentido que o lugar, o bairro, adquire para eles nas suas relações cotidianas, mas, neste momento, queremos ressaltar o tipo de valoração que eles dão a este ambiente de suas vidas, apresentando estes valores divididos em três grupos representativos:

Vejamos o primeiro grupo onde foram ressaltadas expressões de valores positivos em relação ao bairro, que denotaram uma intimidade com o lugar, afeição e consciência das qualidades dos seus habitantes:

Para Paloma, 17 anos, a sua valoração do lugar é expressa da seguinte maneira: “Meu bairro é uma coisa que não existe, mas é como os outros sim, os habitantes são honestos, trabalhadores e gentis. Adoro meu bairro do jeito que ele é”. Já, para Elisama, 15 anos, o valor dado ao bairro foi expresso com a seguinte frase: “Acho muito bom de se conviver, de crescer, pois todos se entendem, moro lá desde pequena, todos tem seu livre acesso, sabem se comunicar, se divertir muito. É bom de se conviver”. E Danyfranck, 15 anos, por sua vez afirmou: “Acho meu bairro não tão perigoso como os outros bairros”.

Num segundo grupo representativo de opiniões quanto a valoração do bairro, temos os que apresentam as dificuldades e problemas verificados no seu dia a dia, porém, isto não lhes impedem de dar ao bairro um valor afetivo, sentem-se ligados a ele e não vêem necessidade de mudar para outro local. Entre eles estão:

Bárbara, 15 anos, que disse achar o bairro muito bom, e “apesar dos seus pontos negativos ele tem muitos pontos para se divertir e eu gosto muito dele e não troco ele por outro”. Nesta mesma linha de pensamento, Jeice, 15 anos, assim falou da sua ligação com o bairro: “Meu bairro tem vários defeitos como todos os outros, mas eu gosto muito dele, pois morro nele desde quando eu nasci. Ao contrário de mim, muitas pessoas não gostam do Jorge Teixeira, por acharem que é um bairro muito perigoso, cheio de pilantras”. E, afirmou Raion, 14 anos, “Eu acho o meu bairro muito legal, com toda a violência, mas acho bacana”. Já Ana Djeecy, 13 anos, relata que tem muita violência onde mora e pessoas que usam drogas, mas, diz ela: “Eu acho meu bairro um pouco legal, porque na minha rua é pequena e não passa carro. Só que mais pra lá é que tem violência”.

Um terceiro grupo de opiniões é representado por aqueles jovens que demonstram nas suas falas uma valorização negativa em relação ao bairro. Neste grupo estas opiniões estão representadas, entre outros, por Thiago, de 16 anos, que fez a seguinte observação sobre o bairro: “[...] tem muitos problemas de saneamento e de segurança”; Edcley, 14 anos, acrescentou que muitas ruas têm situações perigosas, com buracos, falta de iluminação, sem quebra-molas que evitem a alta velocidade dos automóveis, além da existência de “boca de fumo”, pontos de venda de drogas, que trazem perigo para a população; Ketlen, de 14 anos, completou o quadro apresentado anteriormente, afirmando que o bairro apresenta locais de difícil acesso, referindo-se a alguns ambientes do bairro localizados em encostas com declive muito acentuado; e finalmente, Matheus, de 15 anos, disse que “precisa melhorar as ruas que estão todas esburacadas, tem problemas com o fornecimento de água, além da falta de iluminação nas ruas”.

### 2.1.3.2 Valores espirituais

Considerando os valores espirituais (religiosos), Deus para alguns poucos jovens só foi citado após serem indagados sobre este aspecto, no entanto, para a maioria vem sempre citado por primeiro. Em seguida vem a família, os amigos e o estudo. Sendo estes os valores mais lembrados, quase sempre nesta ordem. Algumas vezes o estudo vem citado antes da família. Quase todos frequentam alguma igreja, evangélica ou católica, no bairro ou fora dele. Nessas

igrejas, participam de grupos que tem uma grande incidência sobre a sua identidade e neles encontram oportunidades de socialização, lazer e dedicação em atividades de serviço à comunidade do bairro. Portanto, o empenho com uma fé religiosa é traduzido em ações de caráter espiritual vividas em manifestações religiosas, em grupos de oração e em reuniões; e de caráter cultural, com participação em conjuntos musicais, corais, grupos de dança e teatro, e sociais, por meio de serviços em pastorais para crianças, jovens e doentes, além de projetos sociais organizados pelas várias igrejas.

Deus é tudo pra mim, se não fosse ele agente não estava aqui, estudando, por mais que esse bairro seja perigoso ele cuida da gente, é tudo. (Fábio, 15 anos).

Deus em primeiro lugar, a minha família e meus estudos, é que mais agente precisa hoje em dia. Deus porque sempre ta ali para nos ajudar e nas horas mais difíceis, muitas das vezes aquela pessoa diz que é meu amigo, amigo mesmo, mas nas horas difíceis ela não está ali do nosso lado ajudando. Quem ta é Deus (Sabrina, 15 anos).

### 2.1.3.3 Família

A família para os jovens entrevistados ainda é um símbolo de aconchego e segurança. É um forte referencial em suas vidas, ainda que se vislumbre as suas fragilidades em seus relatos. O pai, a mãe, os avós, uma tia ou outros parentes são sempre referenciados como modelos a imitar quando estes indicam com a sua vida valores como afeto, solidariedade, dedicação e perseverança, valores aos quais os jovens são muito sensíveis e encontram nos parentes estes faróis em suas vidas:

Família é importante porque quando agente ta precisando eles tão lá; amigos, tem uns que quer ajudar e tem uns que saem falando, mas amigo mesmo é nosso pai, nossa mãe, Deus. Mesmo que tenha as dificuldades com a família é pra ta junto, eles amparam agente, mesmo tendo dificuldades, aquelas brigas... (Elisama, 15 anos).

Minha mãe, meus amigos, minha família. Acho assim eu não sou muito apegada às coisas materiais, sinto que o que mais importa pra mim são as pessoas que eu tenho na minha vida. Eu acho que é isso. (Ana Carolina, 14 anos).

Na família agente tem o afeto, o amor [...]. A família é importante na formação de um homem, do cidadão, todo mundo passa dificuldade na família, na minha, por exemplo: meu pai é separado da minha mãe há nove anos e sempre na hora da discussão, e tal, essas coisas..., mas vou dizer que a família é primeiro (Thiago, 16 anos).

Família porque agente se sente segura com a família, agente ta sempre convivendo, ta mais próximo, eles dão conselho pra gente (Bárbara, 15 anos).

Os relatos abaixo expressam o quanto é importante na vida de um jovem o acompanhamento de pessoas que sejam guias, líderes, referenciais porque expressam a autenticidade em seus relacionamentos:

[...] minha mãe desde os doze anos de idade dela, ela, vamos dizer assim, foi “virada” na vida. Ela não dependia de ninguém, porque a minha avó viajou e ficou só ela e os três irmãos dela e ela que cuidava dos outros. [...] ela é uma pessoa trabalhadora e quer que eu seja o mesmo exemplo dela (Sabrina, 15 anos).

Gosto muito do meu avô paterno. Porque ele ajuda muitas pessoas, ele tem um coração bom, ele é humilde. Tem dinheiro, ele ajuda pessoas que não têm dinheiro, faz sopão... aí eu me identifico com ele, quero ajudar também as pessoas que não têm nada, também quero ajudar (Fábio, 16 anos).

Meu pai, [...] ele é bom, ele faz um bocado de coisa pra mim, me ajuda nas horas mais difíceis me ajuda, me ensina (Paulo, 14 anos).

Daniela: a minha irmã, o pensamento dela é estudar e ela me incentiva muito a estudar. Ela falou que não conseguiu entrar na Fundação Nokia, que ela vai colocar eu. Ela é assim, ela quer que eu estude, estude, estude (Daniela, 14 anos).

A minha mãe e meu pai são muito unidos. Quando acontece alguma coisa eles procuram a melhor forma de nos comunicar agente o que ta acontecendo. Eles comunicam, dão conselho (Elisama, 15 anos).

Entre as dificuldades que encontram na família estão as brigas, a incompreensão, a separação dos pais, que os condiciona, também, a ficar separado de um ou do outro genitor. Muitas vezes, no caso das separações, o pai ou a mãe fica ausente fisicamente, e noutras a ausência é afetiva ou psicológica, ou seja, não sentem a proximidade e o interesse dos pais pela suas vidas, por aquilo que estão fazendo ou pelo que desejam para o futuro. Como podemos observar na afirmação de Guilherme, 16 anos: “Os pais da gente [deveriam] se importar mais com agente, se agente vai na aula, por onde agente anda”; podemos verificar ainda, em outros dois relatos que se seguem, as dificuldades com as brigas em família, ou com a separação dos pais como se observa em outros dois relatos:

Sinto dificuldade também na família, agente briga, agente não entende porque aquilo. Agente sente dificuldade de entender o que se passa na família, com qualquer coisa, em qualquer situação, em qualquer momento, agente acaba chorando também (Zélia, 15 anos).

Admiro meu pai porque aconteceu um negócio com a minha mãe, entre ele e ela, e ele foi homem. Assumiu agente, não deixou ai solto pelo mundo. [...] sabe cuidar da agente, sai com agente até hoje, tá do meu lado graças a Deus e eu me espelho nele.

Um fato insistentemente afirmado pelos jovens é a ausência dos pais na condução de suas vidas. Sentem-se sós, com uma responsabilidade muita pesada colocada sobre suas costas. Criticam esta posição desfavorável para eles, porque se sentem abandonados, desorientados em relação ao futuro. Consideram que a responsabilidade não deve ser deixada somente aos jovens, mas deve ser partilhada com os pais e os adultos na busca de um mundo melhor.

Sobre este aspecto, Juliana, de 15 anos, afirma, com muita clareza, que:

Agente vê coisas ruins, alegres, tristes, acabando famílias, reconstituindo e tal. Pra mim o mundo é algo assim... Nós que somos jovens, devemos ter a consciência de que nós um dia vamos crescer e devemos ter isso na nossa mente que nós podemos fazer um mundo melhor. Geralmente agente vê violência, assalto, seqüestro. Então eu acho que nós jovens devemos nos preocupar mais com o estudo e evitar essas coisas... Acontece que, às vezes, as coisas acontecem por influência de amigos. Não somos nós que devemos botar as mãos na cabeça, nossos pais podem melhorar, as pessoas mais velhas podem mudar o mundo pra que nós jovens tenhamos um caminho melhor pela frente. Escolher um caminho certo, porque escolher o caminho das drogas agente vai só afundar, vai roubar, ou morre ou vai preso. [...] Muitas vezes a culpa é dos pais, que deixam os filhos largados, querem se desculpar por serem pobres e não ter dinheiro. Sabia que os pais às vezes não ensinam seus filhos direito? Porque geralmente os pais têm medo de conversar com o filho e dizem: “minha filha não tem namorado não, eu acho isso errado!” ou “ah! Não deixo minha filha namorar”. Não é assim. Tem que conversar, perguntar com quem ela anda, querer saber, os pais têm que procurar saber.

Ingrid, 15 anos, também partilha a mesma opinião dita acima:

Acredito, também, que os mais velhos ta jogando muita responsabilidade nos jovens. Dizem: “os jovens é o futuro do Brasil”. Eles estão esperando muito pelos jovens, porque que eles que são vividos não procuram fazer uma coisa melhor. Todo mundo se juntar e não jogar a responsabilidade só pra cima de uns. Acho que todo mundo tem que fazer um pouco, não esperar pelos outros, senão nunca vai pra frente mesmo.

#### 2.1.3.4 Amizade

Os jovens sentem a amizade como um valor muito grande. Alguns a consideram um ideal tão alto, que afirmaram não ter amigos e sim relacionamentos de coleguismo. Porém quando acreditam ter encontrado bons amigos, sentem neles a força, o companheirismo e a união. É o que afirmam Thiago, Edcley e Lívia.

Não corro muito atrás de amizade não. Para ser meu amigo tem que ser uma pessoa muito alegre, eu to aqui sério, mas sou um tipo brincalhão, gosto de me divertir porque eu tenho um lema “curta a vida, porque a vida é curta”. Tenho uns amigos... tenho colegas, mas só que tenho colegas, mas nem todos são “pessoas”, porque tem uns amigos que você fala um segredo e esse amigo chega e em vez de te apoiar, fica zombando de tua cara e fala assim: “ah! não, num sei que, num sei que...” não é um tipo... amigo que é amigo, pode tá passando necessidade, pode tá naquele momento difícil e tá do lado, aconselhando. Não é um que leva pro mau caminho (Thiago, 16 anos).

[...] Considero meus colegas, porque se não tiver amizade nós vamos ficar só e isolado, só eu e minha família mesmo, e tendo meus amigos não, eu saio com meus amigos, jogo bola, brinco, faço tudo com meus amigos assim... (Edcley, 14 anos).  
Os amigos que estão aí para nos dar força e a qualquer momento agente precisa deles... (Lívia, 16 anos).

### 2.1.3.5 Estudo e trabalho

Para a maioria dos jovens o estudo é colocado com uma visão de futuro, ou seja com o significado e objetivo de conseguir chegar na universidade, ter um emprego e um bom salário. Em outros se evidencia em suas declarações, apenas uma visão com um significado de juízo moral adquirido por influência da família ou do meio social em que vivem:

Meu pai me incentiva muito a estudar, porque sem estudo nós não somos nada (Daniela, 14 anos).

Meu estudo, eu pretendo terminar, fazer uma faculdade pra poder arrumar um bom emprego. Depois desse ano falta mais três, que é o ensino médio (Raion, 14 anos).

O estudo é fundamental, uma base. O estudo, agente tem que ter bastante força de vontade para concluir tudo, porque agente nunca para de estudar, para agente ta aprendendo coisas nova, ai agente pode arranjar um bom emprego. Estudar e poder ensinar alguma coisa pras outras pessoas que vem da nova geração: agente estudou, vocês podem estudar. Dar uma força a mais, porque tem muita criança ai que não ta mais a fim de estudar (Ingrid, 15 anos).

Pra uma pessoa achar um emprego tem que ter vários cursos; pra achar um emprego bom tem que terminar os estudos e ainda tem que fazer alguns cursos, certos cursos, ou então, não acha o emprego certo (Denílson, 12 anos).

### 2.1.3.6 Namoro

O namoro, segundo os entrevistados, ainda não constitui uma realidade forte, uma prioridade em suas vidas. Para a grande maioria dos entrevistados este relacionamento afetivo é somente um passatempo ou brincadeira, ou é proibido pelos pais, ou o estudo é mais importante.

É uma realidade já né? Distancia um pouco dos estudos, dá umas beijocas, dá uma volta... é isso ai o namoro (Edcley, 14 anos).

Daniela: eu não namoro ainda não, até porque meus pais também não deixam, somente quando eu crescer mais (Daniela, 14 anos).

Eu encaro como uma brincadeira, namorar agora à sério não (Fábio, 16 anos).

É importante, mas não tanto porque o mais importante é o estudo no momento (Deiliane, 14 anos).

Até agora não é importante porque agente fica namorando e às vezes esquece dos estudos, isso vai prejudicando. Então, é por isto que eu não acho uma opção certa agora para os jovens, porque eu acho que deveria primeiro terminar os estudos e aí sim, pensar em namorar em sair e outras coisas. Porque tu já estás estabilizada (Lívia, 16 anos).

### 2.1.3.7 Valores pessoais

Os adolescentes evidenciaram como valores pessoais: o bom caráter, a generosidade, a prontidão em ajudar os outros, a comunicabilidade fácil, o ser amigo e não querer o mal para os outros, o ser pacífico e não fazer bagunça, ser otimista e ter esperança, ter fé, saber se valorizar e enfrentar a realidade, ser honesto, ter consciência da própria dignidade e ter amor pelos outros.

Tenho muito amor e gosto de ajudar as pessoas... quando vou lá no centro eu vejo um mendigo pedindo e se tenho algum negócio eu dou pra ele (Edney, 17 anos).

Meu maior valor é o otimismo, a esperança e amor (Thiago, 16 anos).

Eu sou uma pessoa de bom coração; eu tenho certos defeitos mas quando uma pessoa ta querendo uma coisa e eu tenho... eu penso... posso demorar um pouco, mas acabo dando. Eu sou uma pessoa comunicativa, sou um pouco assim... com gente estranha, mas com meus colegas... (Danyfrank, 15 anos).

Eu sou muito comunicativa... eu tenho meus defeitos, brinco, bagunço, converso, mas o que eu mais faço mesmo é conversar com os outros na hora que eles estão precisando ou mesmo na hora da bagunça (Ketlen, 14 anos).

A coisa mais valiosa em mim é o meu caráter (bom). Isso numa pessoa é muito importante (Jackson, 16 anos).

O que tenho de melhor é o meu caráter de ser o que eu sou amigo, colega... não sou de puxar o mal pras pessoas. Não tenho inveja essas coisas; não sou de bagunça e só brinco quando estou em grupo (Rodrigo, 15 anos).

Meu maior valor é a amizade, eu sei que eu sou amiga, porque tudo que eu ouço... as pessoas chegam pra mim, sentam conversam, choram... aí eu choro com elas também... ouço, dou conselhos... tinha algumas colegas minhas que queriam fugir de casa porque os pais não compreendiam elas. Eu chegava e aconselhava... (Uslaine, 16 anos).

A minha sinceridade e a minha dignidade, que acho que todo mundo tem que ter. Honestidade também é uma das coisas mais valiosas que eu tenho. Não iludir, mentir... eu sonho de pé no chão (Ana, 13 anos).

## 2.2 OS MAPAS MENTAIS: REPRESENTANDO O MUNDO VIVIDO

Após apresentarmos o bairro Jorge Teixeira como lugar, sob o prisma da percepção, atitudes e valores dos jovens alunos da Escola Mun. Themístocles P. Gadelha, queremos neste tópico conhecer mais esse espaço de relações e vida por meio dos seus mapas mentais.

Os Mapas Mentais são representações das imagens mentais que fazemos da nossa percepção dos lugares vividos e experienciados. Estes mapas captam a vida onde ela está acontecendo, nas pessoas e nos grupos, onde vivem, aprendem, sofrem, temem, se relacionam e produzem. Fazem entender o lugar a partir de um olhar que pode refletir uma profunda verdade que é independente da exatidão de uma representação geométrica. É um recurso que pode viabilizar a participação na construção do saber geográfico e estimular a compreensão de



si mesmo enquanto sujeito de direitos, como foi promulgado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (2005).

Nogueira (2004), no seu trabalho sobre o mapa mental como recurso didático para o estudo do lugar, afirma que os mapas mentais nos revelam como os lugares estão sendo compreendidos e que, eles podem ser muito úteis para captar a essência dos lugares. Foram estudados por geógrafos, arquitetos, sociólogos e antropólogos como Peter Goud e White, Horácio Capel, Antoine Bailly, Yves André, Yu-Fu Tuan, Kelvin Lynch, Jorge Gaspar, Anne Marian, e mais recentemente outros pesquisadores têm aplicado essa metodologia em trabalhos de percepção ambiental, percepção da paisagem e na antropologia. Segundo a autora o precursor desses estudos foi Kelvin Lynch em sua obra “Imagem da cidade”. Nesse, trabalho, mesmo sem falar em mapas mentais, tem o mérito de iniciar os debates com o tema das imagens mentais, traçadas e representadas. No entanto, coube a Goud e White, o termo “mapas mentais”, considerando-o como,

imagens espaciais que estão na cabeça dos homens, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas valendo-se de universos simbólicos, sendo produzidos por acontecimentos históricos, sociais e econômicos divulgados (GOUD e WHITE, 1974, apud NOGUEIRA, 2004).

Jorge Gaspar e Anne Marian (1975), geógrafos portugueses, levaram essas questões para o ensino e indicaram que a partir da percepção do espaço, como lugares vividos, os alunos constroem seus mapas mentais, e neles se pode reconhecer o seu conhecimento da organização do espaço (NOGUEIRA, 2004).

Portanto, nesse estudo o uso do mapa mental é um recurso para apreender a geograficidade dos jovens. Tem o objetivo de investigar, interpretar e descrever o saber que cada aluno traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar.

### **2.2.1 Conhecendo o lugar pelos Mapas Mentais**

Tanto nos Mapas Mentais, como também nas entrevistas feitas, pudemos verificar que há uma identidade e uma vinculação muito forte com o bairro Jorge Teixeira. As representações gráficas feitas pelos jovens expressam afeição e pertencimento a esse lugar. Mas, antes de expor os mapas mentais dos jovens, se impõe uma premissa: o lugar percebido não se enquadra em uma delimitação político-administrativa, portanto, não se identifica nos

mapas mentais uma delimitação do bairro, e sim aquelas áreas que tem um significado especial na vida, na experiência e nos percursos cotidianos.

A esse propósito, Metton, um geógrafo urbano, que segundo Holtzer (1992), seria o primeiro francês a utilizar o termo “Espaço vivido”, na abertura de um artigo publicado em 1969 afirmou que,

Este artigo tem por objetivo precisar a noção de bairro, concebido não como uma unidade administrativa, mas como um espaço vivido. Com efeito, o quadro urbano das grandes aglomerações é muito vasto para que o homem encontre ali um espaço com a sua dimensão. Ele se apropria somente de uma certa porção dessa massa urbana; esse trecho ele chama de “seu bairro”. Sob esse termo muito comumente empregado, se esconde de fato uma das noções mais precisas que se tem de ser manuseada pelo sociólogo, pelo geógrafo e pelo urbanista (METTON, 1969, apud HOLTZER, 1992, p. 431-432).

Portanto, os mapas mentais que se seguirão abaixo são representações do lugar que o sujeito chama de “seu bairro”, onde a imagem transposta para o desenho tem uma simbologia única. Assim, uma simples “bola” (rótula de trânsito) no cruzamento de avenidas, tem o significado de encontro e relações; uma árvore, o cheiro de peixe na feira, a esquina perigosa, a igreja, as pontes de madeira,... São todos eles elementos significativos de um lugar que por si mesmo não se percebe. Mas, pelo olhar de quem o vivencia é possível encontrar toda uma beleza, drama e originalidade.

Como foi salientado na introdução, tornou-se difícil eleger um critério para expor os mapas aqui neste trabalho, devido à diversidade de argumentos representados. Escolhemos então os 15 mapas que apresentaremos abaixo pela riqueza de simbologias que trazem das relações cotidianas dos jovens. Portanto, não são necessariamente os melhores desenhos. Vale salientar que os níveis de percepção espacial transposto para os mapas mentais vão se dar de acordo com o grau de conectividade com o lugar e encontram para cada faixa de idade uma forma de representação. Logo, aqueles jovens que vivem um espaço relacional maior, uma maior mobilidade, e têm idades mais avançadas, conseguem transpor uma maior quantidade de suas referências mentais para o desenho de seus mapas.

## Mapa Mental 1

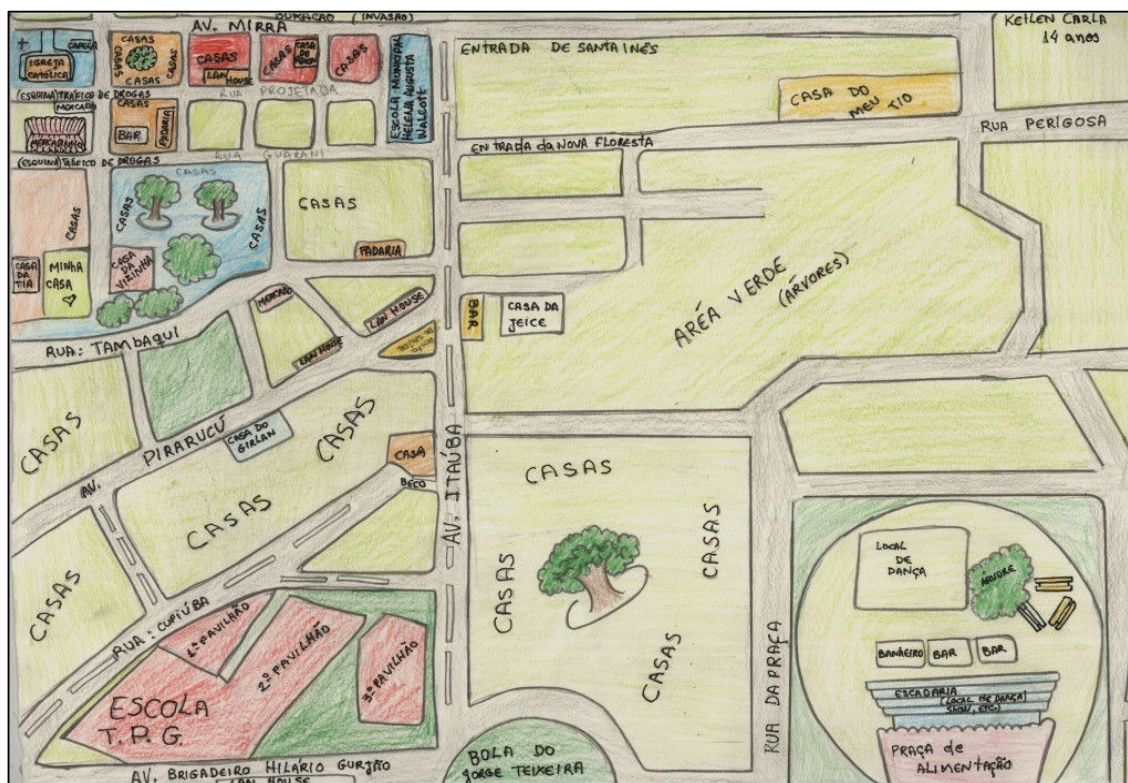


Figura 3: Mapa Mental de Ketlen Carla (14 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

O mapa de Ketlen (Figura 3) tem uma grande riqueza de detalhes e com uma boa distribuição espacial dos vários ambientes que somente um olhar atento, com um profundo conhecimento e relações com o lugar pode compor. As ruas de uma das etapas do bairro são assinaladas com seus nomes regionais de peixes como Tambaqui, Pirarucu,..., e outras com nomes de árvores como Cupiúba, Itaúba,... Nesse mapa se percebe claramente os locais que são referências no cotidiano da aluna: o destaque é dado para a Praça de alimentação, um ambiente de lazer para dança, show, convivência, com lanches e bares; a escola foi considerada como uma parte muito importante de sua vida; também foi bem evidenciada a localização de algumas casas, sendo que a própria casa foi assinalada com um coração para expressar o seu laço afetivo, já outras casas, foram relacionadas a amigos e a parentes e assinaladas com os seus nomes; aparecem, ainda, referências a locais de relações diárias como a padaria, os mercadinhos e as lan house que mais frequenta (localizou quatro lan house, o que denota uma grande frequência nestes locais, como ela mesma afirmou na entrevista).

Outra informação, que chama a atenção, é a relacionada à percepção negativa do lugar, a aluna localiza, em seu mapa mental, pontos de venda de drogas, geralmente em esquinas de ruas assinaladas com o nome: “(esquina) Tráfico de Drogas”, e de uma rua que considerou “Rua Perigosa”, porém sem citar o nome.

### Mapa Mental 2

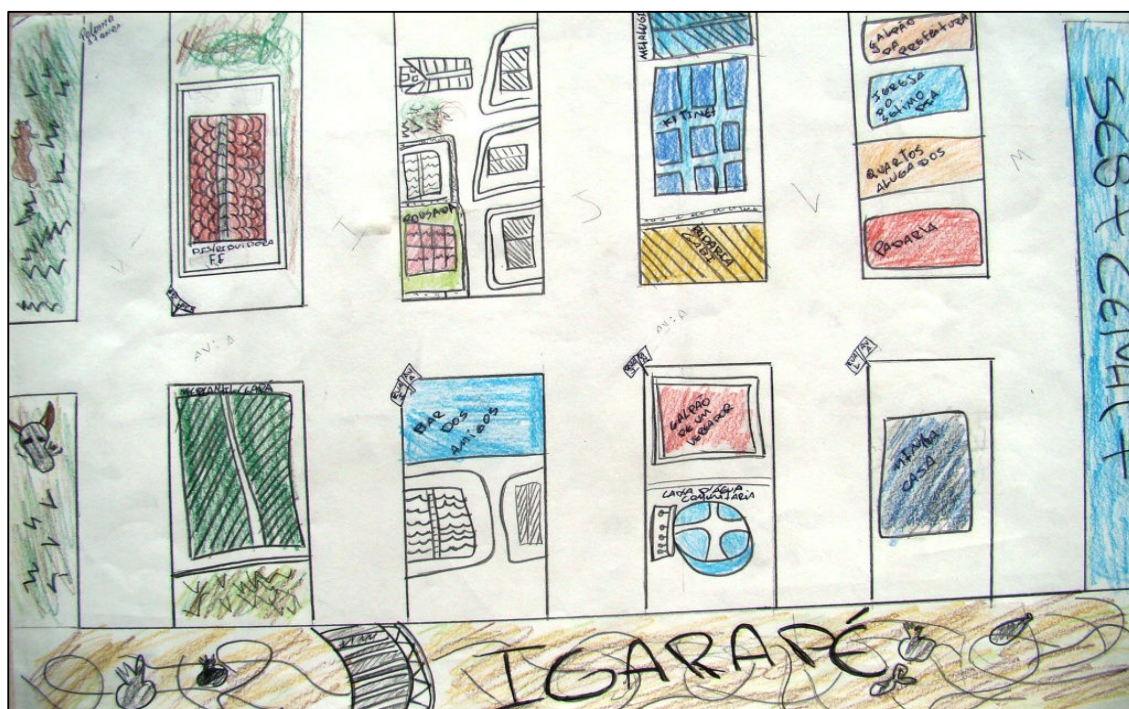


Figura 4: Mapa Mental de Paloma (17 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Paloma possui uma percepção com muitos detalhes do lugar onde mora. Deixemos que ela mesma apresente o seu mapa mental (Figura 4):

No meu desenho eu fiz um terreno que tinha muitas vacas, bois, pulei algumas ruas e cheguei numa distribuidora chamada FF. Em frente eu desenhei o Mercadinho Ceará e mais à frente está a Pousada e algumas casas. Do outro lado da rua está o Bar dos Amigos. Na outra rua está localizado um galpão de um vereador do meu bairro, do outro lado está a padaria Gabi, atrás está localizado alguns quartos de aluguel e mais atrás, uma metalúrgica do bairro. Na outra rua fiz mais uma padaria, mais quartos, a igreja e um galpão da prefeitura. E mais abaixo, o mais importante, minha casa. E mais embaixo o igarapé do Mindú.

É um mapa mental que denota a percepção aguçada da aluna. A presença marcante do Igarapé margeando toda a parte de baixo do mapa, pintado com um marrom bem forte

indicando a sujeira das águas e com desenhos que representam o lixo depositado. Apresenta ainda uma “ponte” improvisada de madeira para facilitar o acesso entre as margens. No outro lado do mapa localizou o Sest/Senat (Serviço Social de Transporte, voltado para a valorização de trabalhadores do setor de transportes, autônomos ou não, que oferece cursos, assistência médica e odontológica, lazer e esporte).

### Mapa Mental 3

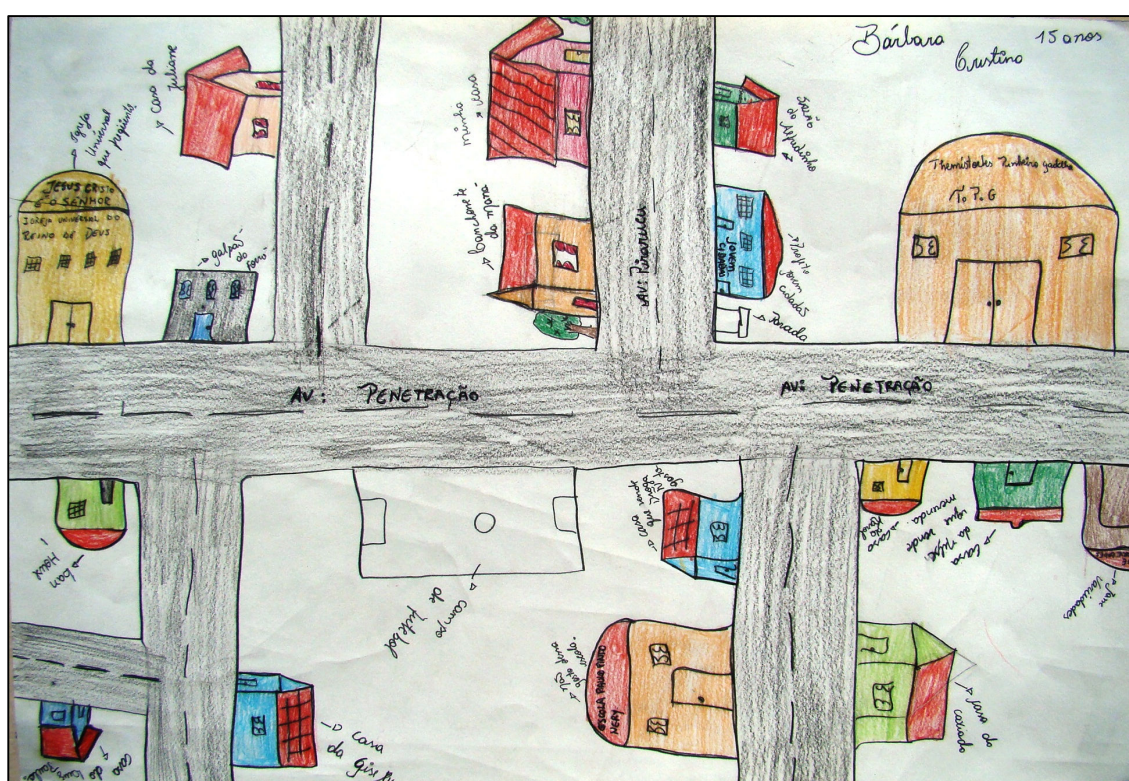


Figura 5: Mapa Mental de Bárbara Cristina (15 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

No Mapa Mental de Bárbara (Figura 5), o que vem em evidência é o destaque dado a locais bem específicos de convivência da aluna. Os motivos, quase todos, são por serem lugares de afeição e de convivência com os amigos, de participação em atividades de lazer, esportiva e religiosa. Não foi feita a opção por detalhes e de grande abrangência de área, a percepção foi centrada em locais que agradam e que desagradam na vivência da aluna. Preferiu representar os locais com os quais tem uma estreita ligação: a Igreja que participa, a Lan House, a própria casa e as casas de amigos e amigas muito próximos. Representou, ainda, outros locais, aos quais, em entrevista indicou alguma relação com eles:

Desenhei o Galpão do Forró, porque é uma casa de show e sempre vou passear lá, a lanchonete da maná onde sempre vou lanchar com as pessoas que conheço, o campo de futebol para jogar bola com os amigos, o salão do Alfredinho, onde conheço muitas pessoas que frequentam e me arrumo lá, a casa da Nilse porque ela vende bombons na frente do colégio faz muito tempo, a Jane Variedades porque compro muitas coisas nesse lugar, a parada de ônibus onde pego o transporte para ir na Igreja toda noite, o Projeto Jovem cidadão, e por fim a escola Themístocles porque gosto muito e tenho uma longa história nela, pois já estudo a seis anos.

Como lugares desagradáveis localizados no mapa, e que aluna evita estão: “A Escola Paulo Pinto Nery eu não gosto porque é muito bagunçado e desorganizado, e uma casa que vende drogas que não gosto de passa perto”. Percebe-se, ainda, no mapa de Bárbara que o tamanho do objetos desenhados, casas ou outros locais, são proporcionais ao grau de intensidade de afeição que ela tem com esses locais, então a sua casa é maior que todas as outras, a escola Themístocles, bem maior que a Paulo Pinto Nery (que não gosta), localiza apenas a Igreja Universal, da qual faz parte, embora haja outras igrejas nesta área.

### Mapa Mental 4

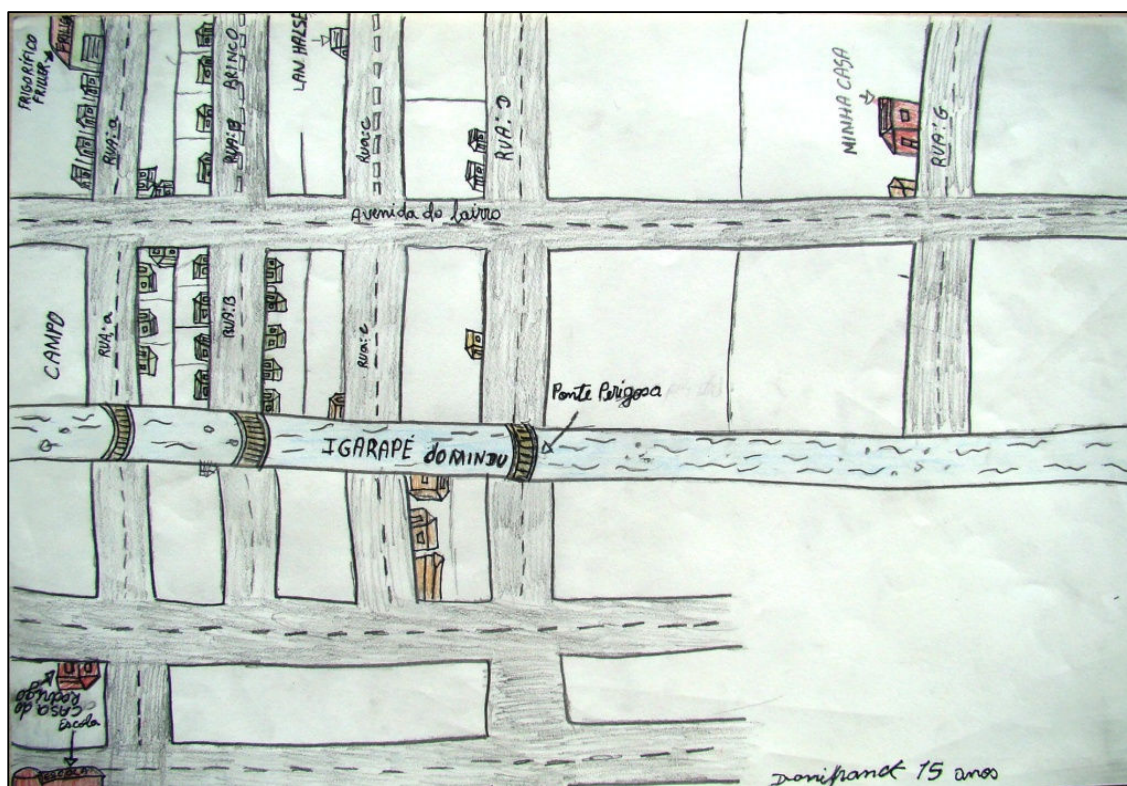


Figura 6: Mapa Mental de Danifranck (15 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

O Mapa Mental de Danifranck (Figura 6) reflete bem sua intenção de representar o seu cotidiano quando enfrenta o percurso que faz para ir à escola. O mapa apresenta uma linha divisória bem evidente representada pelo Igarapé do Mindú, córrego que corta esta parte do bairro. Este Igarapé está centralizado no mapa e cortado por três pontes de madeiras (estas pontes, geralmente são pontes rústicas, fabricadas pelos próprios moradores para facilitar e encurtar o percurso de um lado para o outro do bairro), uma das pontes está sinalizada como “ponte perigosa”, que significa a necessidade de pagamento de “pedágio” às “galeras” (gângues formadas por jovens) que controlam aquele território. Como o aluno afirmou em entrevista, algumas vezes esses grupos batem e ameaçam a quem não paga. Outro aspecto interessante no mapa foi o desenho de um campo de futebol, que, segundo o relato do jovem, não existe mais, tendo sido ocupado por uma construção. Como o campo fazia parte das imagens guardadas na sua memória de brincadeiras e jogos, ficou registrado também no seu mapa mental, como um lugar de afeição que não poderia ser eliminado.

## Mapa Mental 5



Figura 7: Mapa Mental de Karoline (15 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Karoline evidenciou em seu Mapa Mental (Figura 7), um eixo central de grandes avenidas próximas à sua casa e escola, localizou casas e locais segundo sua afeição ou rejeição. Como lugares que gosta de freqüentar, tinha afirmado em entrevista, que localizou a escola porque passa a tarde com os amigos, uma loja onde escuta música, a padaria onde compra bolo, a igreja que freqüenta, a lan house, a sua casa e as de suas amigas. Os ambientes que não gosta de frequentar estão ligados à localizações consideradas perigosas e claramente delimitadas como fora das áreas de suas relações cotidianas, como a casa de uma amiga do outro lado de uma grande avenida, as pontes de madeira sobre o Igarapé (do Mindú) com as “bocadas” (pontos de venda de drogas), na extremidade direita do mapa, ou a feira pelo seu “fedor” de peixe, como afirmou a aluna.



## Mapa Mental 6

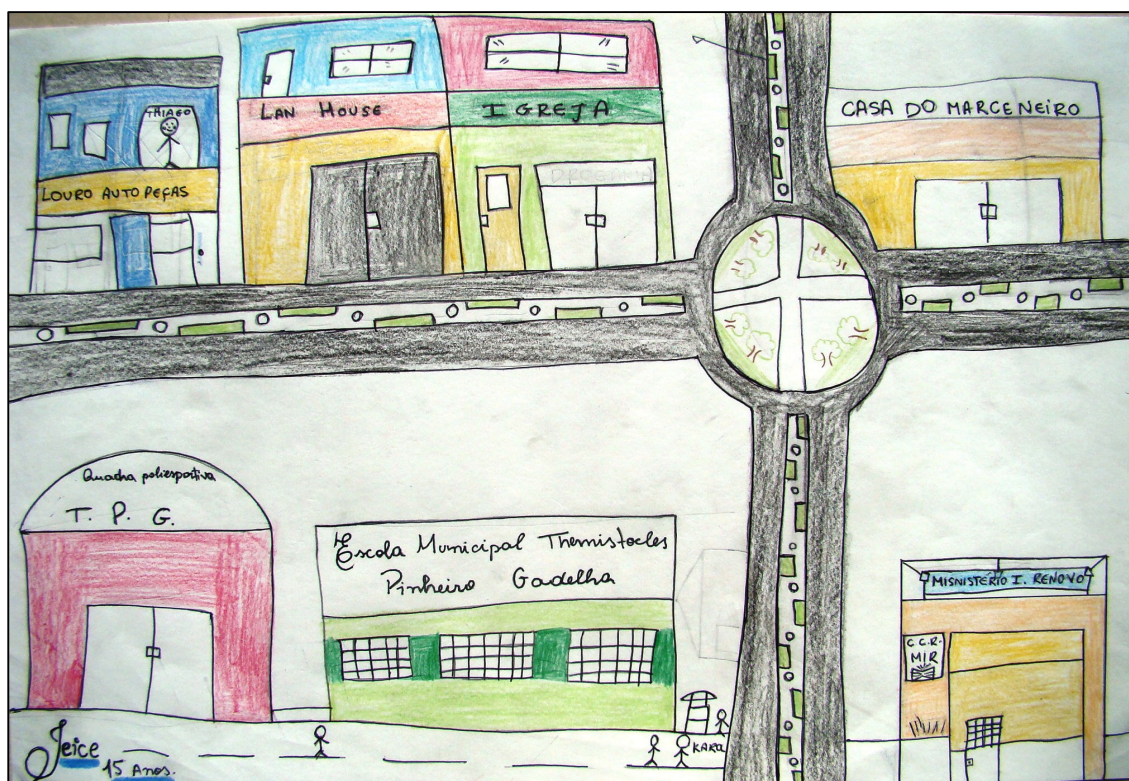


Figura 8: Mapa Mental de Jeice (15 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Também como no Mapa anterior, Jeice, em seu Mapa Mental (Figura 8), fez a opção de evidenciar a localização da “bola” e as duas grandes avenidas principais do bairro. Quando lhe foi pedido para explicar o seu mapa mental, veio em relevo a importância da “bola” como espaço de convivência após as aulas. É um local muito frequentado pelos alunos, embora seja no cruzamento das duas movimentadas avenidas e não tenha a estrutura necessária como bancos ou uma jardinagem mais cuidada, apenas algumas sombras de árvores. Isso denota a ausência e a precariedade de espaços públicos de lazer neste bairro. Outro aspecto interessante no mapa, é o desenho de pessoas que a aluna gosta relacionadas ao significado que os locais têm com aquelas pessoas, como a loja de autopeças com o desenho de um amigo na janela e outro desenho representando uma amiga na Escola, porque mora nas proximidades. Os elementos de destaque são a Escola Themístocles, a igreja Comunidade Cristã Renovo que frequenta, a Lan House e a já citada loja de autopeças.



## Mapa Mental 8

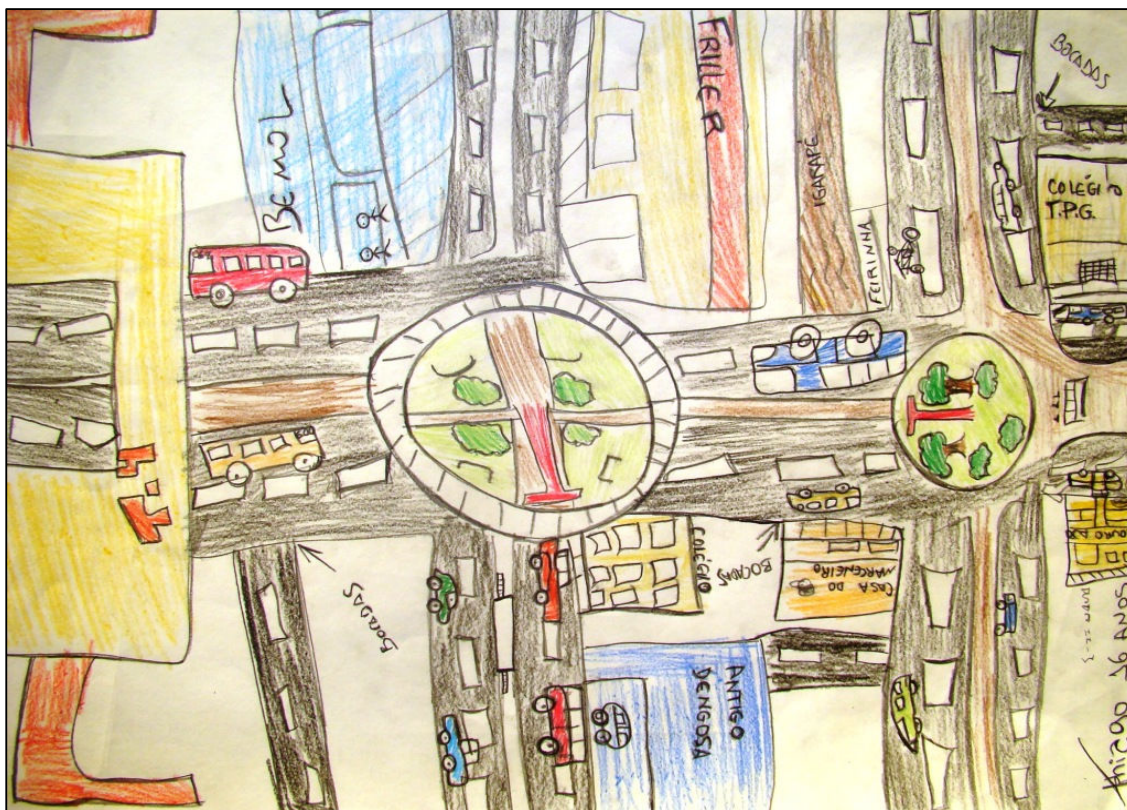


Figura 10: Mapa Mental de Thiago (16 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Impressiona a dimensão espacial e de movimento no Mapa Mental deste aluno (Figura 10). Ele tomou como ponto de partida, e que domina todo o lado esquerdo do mapa, o Terminal de ônibus T4. A partir desse ponto desenhou as três grandes avenidas centrais que cortam esta parte do bairro, colocando em destaque as duas “bolas” (rotatórias) de trânsito, e que serve m também como área de lazer, passeio, caminhada e encontros de amigos. Em toda a área desenhada se percebe a movimentação de trânsito de ônibus, carros de passeio, bicicleta e pessoas. Segundo o aluno, as partes do bairro que mais gosta foram desenhadas, como a própria casa, o T4, o supermercado Friller, a sua escola, a loja Bemol e a “bola”. Localizou, também, como locais que não gosta o igarapé, a antiga “Dengosa”, uma casa noturna de forró, e as “bocadas” onde se vende droga, numa esquina próxima da escola, outra próxima ao igarapé (do Mindú) e outra numa esquina próxima ao T4. Afirmou ainda, sobre o seu mapa mental: “Desenhei essas coisas porque foi um dos melhores jeitos de expressar coisas que não costumo falar”.



## Mapa Mental 10

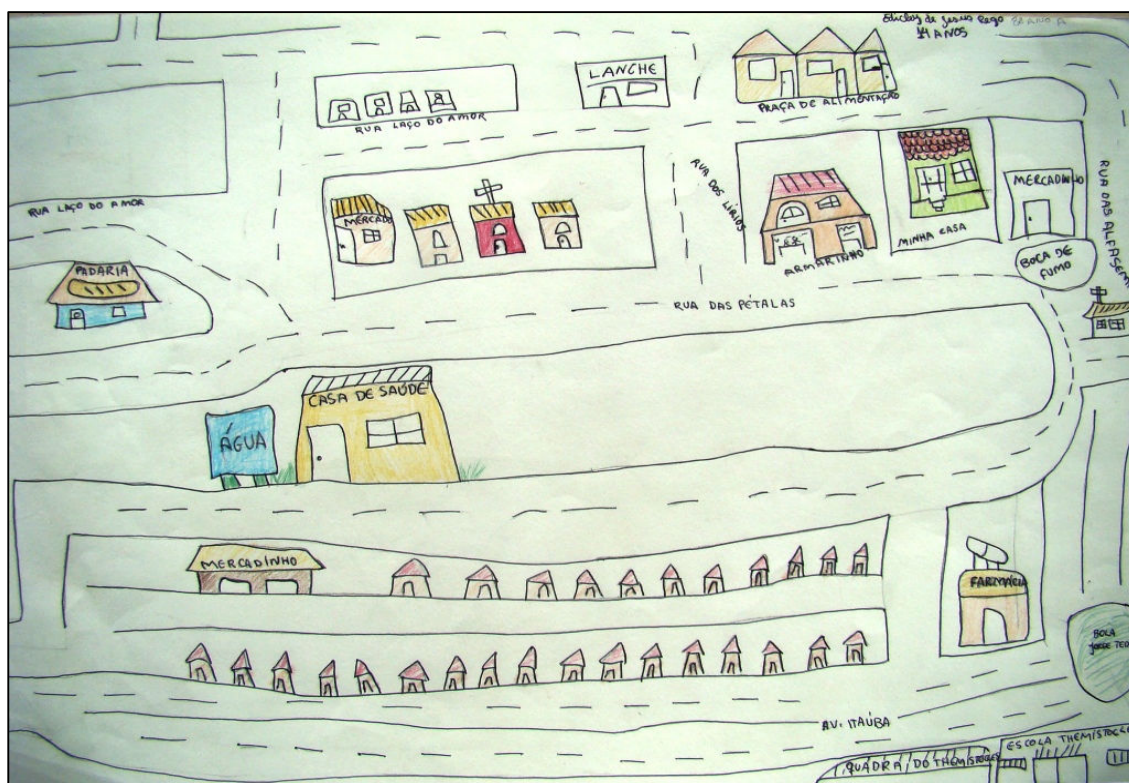


Figura 12: Mapa Mental de Edcley (14 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Foram representadas realidades que fazem parte das relações e da identidade de Edcley (Figura 12). Em entrevista, ele afirmou que o seu tempo está dividido em partes para o esporte, para Cristo e para o estudo, e estes aspectos estão expressos em seu mapa. Um valor muito importante, segundo ele, é a amizade, e desenhou as casas dos seus amigos. Evidenciou na sua representação do bairro o problema das drogas referenciando a localização de uma “boca de fumo”, que considera uma ameaça aos jovens. Também localizou a Praça de Alimentação e o lugar onde joga bola. Assim afirmou sobre o bairro: “É bom, tem muitas pessoas ótimas, tem tudo para os moradores se divertir. Mas, quando o nosso bairro passa na TV que é um perigo, um lixo, que tem muitas ‘bocas de fumo’ e que é o bairro mais perigoso de Manaus. As pessoas ficam com medo de visitar o nosso bairro”.



## Mapa Mental 12

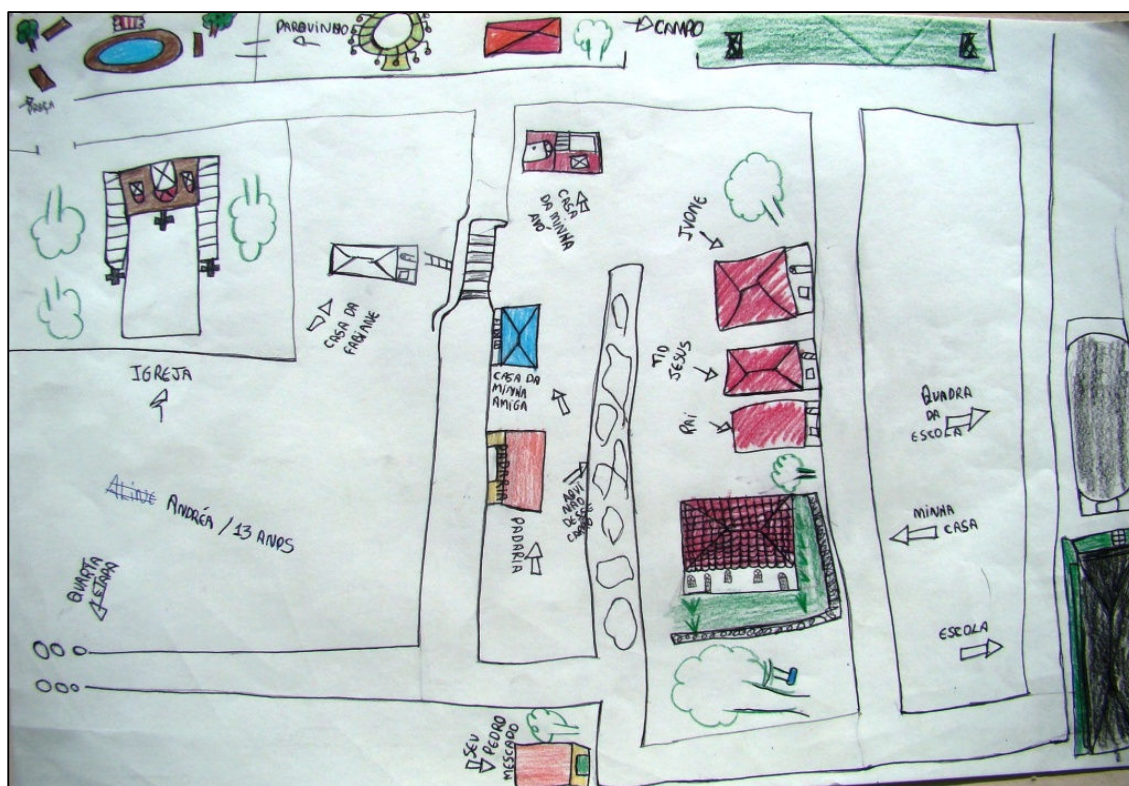


Figura 14: Mapa Mental de Andréia (13 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Andréia tinha relatado, que não gostava muito do bairro, morava em outro bairro e tinha vindo morar ali por causa do pai que trabalha neste lugar. Não gosta de sua rua por “ser só buraco” e não pode passar carro e gosta somente da escola. No entanto, ela conseguiu representar alguns locais onde convive (figura 14). Foram bem evidenciadas as casas com os nomes das amigas e parentes, além da igreja, da escola, da praça, do parquinho e do campo de futebol. Também evidenciou a intransitabilidade de sua rua, desenhada com muitos buracos. Considera que o bairro “fica muito longe do centro e de vários lugares da cidade. Mas é um bairro que há água e são muito poucas ruas onde há dificuldades para carros passarem, mas é um bairro bom de se morar”.

### Mapa Mental 13

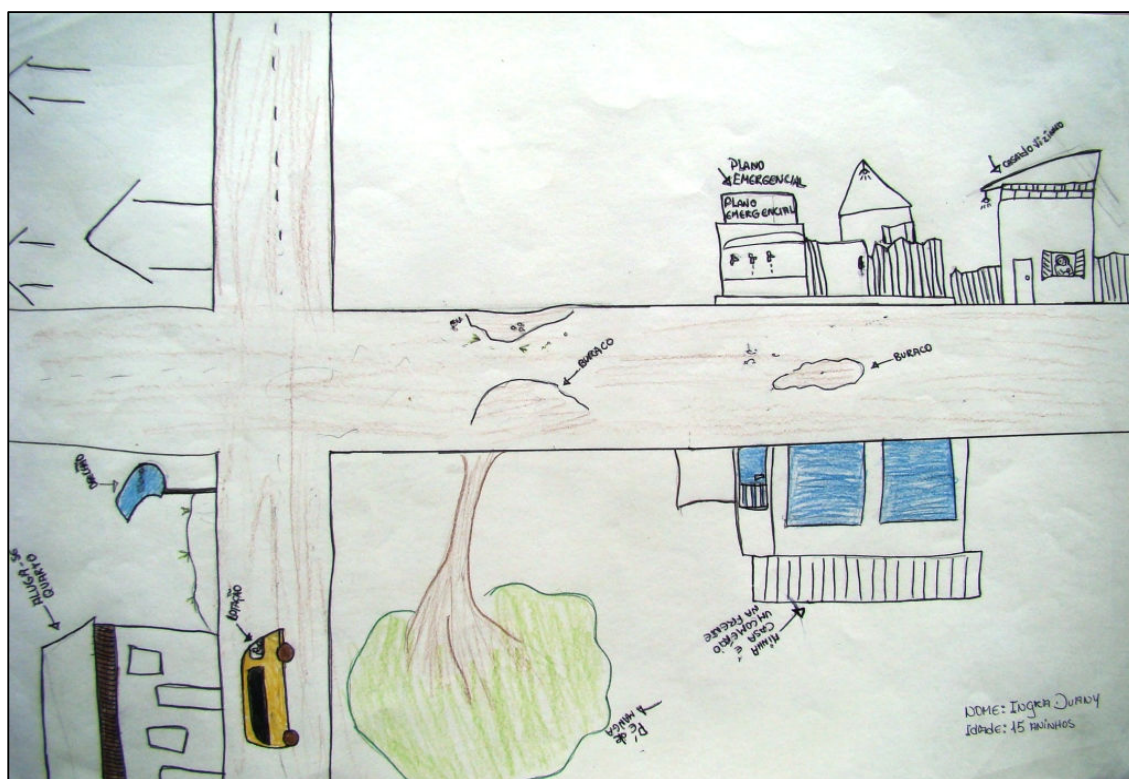


Figura 15: Mapa Mental de Ingra (15 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Em seu Mapa Mental (Figura 15), Ingra acentuou o problema da falta de água e das ruas esburacadas. Em relação à água desenhou um local, de frente à sua casa, chamado de “Plano emergencial”, ou seja, um poço com algumas torneiras instaladas que fornece água para os habitantes do bairro. Disse que “falta água quase todo dia e aqui tem buracos nas ruas por todo o canto. Na área em que eu moro é bastante movimentado, mas só à noite, durante o dia é bastante calmo, mas às vezes tem tiroteio. Meu bairro é perigoso, mas, também vive momentos de felicidade, também é muito alegre”.



## Mapa Mental 14



Figura 16: Mapa Mental de Aline (14 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Este Mapa Mental de Aline (Figura 16) revela um pensamento em relações, com conexões entre os lugares cotidianos. Os desenhos de suas representações estão colocados em forma de rede, com fiações e ruas que conectam seus espaços vividos. O destaque é dado para a casa da própria aluna, que para ela considera como o aspecto de maior ligação com o bairro. A partir de sua casa desenhou várias ruas, os postes, as luminárias e toda a fiação. As ruas e os fios fazem uma espécie de ligação com os outros elementos localizados, como os que citou: “a casa da avó onde ela tem uma banca de verduras na frente, a casa da amiga onde gosta de ir para conversar, a padaria onde compra chocolate, a igreja que nem sempre frequênta e a escola onde está todos os dias. O bairro [...] é bem legal, mas tem a violência! Porém em todo lugar existe a violência”.

### Mapa Mental 15



Figura 17: Mapa Mental de Mateus (15 anos) – Jorge Teixeira, Manaus/AM: 2008.

Mateus dividiu seu Mapa Mental em quatro ângulos separados por uma rua principal e outra secundária (Figura 17). Em cada ângulo, localizou aspectos que lhe são importantes como ele mesmo explica:

Eu desenhei uma padaria que precisa de uns ajustes, as pessoas não podem vender coisas assim, com quase vencido; desenhei um conjunto de casas, o nome do conjunto é ‘vá com Deus’, só o nome é ‘vá com Deus’ porque tá uma marginalidade só, e tem ‘galeras’ lá; fiz a escola Paulo Pinto Nery, que por enquanto tá bem, mas pode melhorar mais ainda do que já está; e fiz a minha casa, que é tudo de bom, tem pé de açaí, caju e maracujá, e um poço para agente tomar banho.

Muito interessante a sua percepção e a transposição feita para o mapa mental desses aspectos citados acima. Quanto à escola, preferiu desenhar não a escola atual onde estuda, faz pouco tempo, mas a anterior, com a qual tem mais ligação afetiva.

### 2.3 A ESCOLA, LUGAR DE CONFLUÊNCIA DA GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS

Abordaremos o papel da escola como lugar de confluência da geofricidade dos jovens em relação ao seu espaço vivido. Para tanto, retomaremos o conceito de geofricidade dado por Dardel, segundo o entendimento de Nogueira (2001).

Para Dardel, cada homem traz em si uma condição existencial de ligação com a terra, que lhe confere o seu modo de existência e destino. Essa geofricidade presente em cada sujeito, segundo Nogueira (2001), é revelada pelo conhecimento expresso pela correlação “Ser-Mundo”, na qual o ser é entendido como o homem e o mundo como lugar de vida de cada ser. A intenção da autora, nesta concepção fenomenológica, é trazer o homem ao centro, sujeito da vida, compreendido no lugar onde a sua experiência é vivenciada. Dessa correlação se pode compreender a singularidade, a originalidade do lugar e a afeição daqueles que lhe habitam.

A intenção de Dardel (2006), conforme vimos, ao conceber a geofricidade como intrínseca ao ser humano, é propor uma geografia que possa desvendar os significados que estão ocultos na terra, ou seja, o que eles revelam da existência humana. Para desvendar esses signos, procurou evidenciar os elementos de ligação do homem com a terra, como o sentido das distâncias, dado pelas noções de perto ou longe, onde o referencial é o próprio corpo e o seu suporte material (como a casa, o local de nascimento, as colinas...); as noções de espaço primitivo (espaço material e existencial), de situação (espaço das experiências e relações). Nesses elementos está delineado o arcabouço da geofricidade.

Procurando entender como se verifica na escola esses significados vividos que os jovens trazem de sua ligação com o lugar, a sua geofricidade, fomos buscar, também, no pensamento de Paulo Freire a sua concepção de escola e qual o sentido que lhe dá num contexto de lugar.

Gadotti (2008), afirma que Paulo Freire concebia a escola como um espaço de relações sociais e humanas e que entre as suas originais contribuições está aquela dada à importância da informalidade na aprendizagem. No trecho citado em seguida, onde Freire trata dessa informalidade apreendida no espaço escolar, encontramos expressões que muito bem se assemelham à condição humana de geofricidade por nós tratada:

se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se

cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas (FREIRE, 2007, p. 44).

Portanto, também para Freire a escola é o lugar para o qual a vida em toda a sua dimensão é direcionada. A escola é onde se faz amigos, portanto não se trata somente de uma estrutura física, de programas, horários, conceitos... É, sobretudo formada de gente que trabalha, estuda, se conhece e se estima. Escola é convivência (FREIRE, 2002, apud REDIN, 2008). E é nesta convivência que se expressa a relação com o lugar, imbuída de percepções, experiências e valores dos mundos pessoais do lar, da família e do ambiente da rua, que se expande e se constrói numa nova relação com o mundo dos outros. Aqui o ser no mundo passa a ser presença no mundo, com o mundo e com os outros. Essa presença é imbuída da consciência de si mesma, que intervém, que transforma, que fala do seu fazer e de seus sonhos, que avalia e valora, que decide e que rompe (FREIRE, 2007).

### **2.3.1 Imagens positivas e negativas que se formam em relação à escola**

Após nos refazermos ao conceito de geograficidade e apresentar o significado da escola como espaço relacional para o qual conflui essa condição presente em cada pessoa, examinemos, então, quais são as imagens positivas ou negativas concebidas em relação à escola e que experiências são vividas no seu interior pelos alunos entrevistados.

Segundo Lowenthal (1985), as imagens sobre o mundo nunca terão um consenso geral, aceito completamente. É necessário levar em consideração certas condições como o crescimento, o amadurecimento das pessoas e o caráter de transitoriedade que tem essa visão compartilhada de mundo. Ou seja, a cada geração que chega à escola, de acordo com as circunstâncias, a capacidade de percepção e formação de imagens vai ser diversa. A este ponto é importante frisar que as condições materiais e afetivas nas quais vivem os sujeitos desta pesquisa, mesmo se muito jovens, podem dar-lhes um grau de amadurecimento maior que outros jovens que não vivem essas dificuldades. Estas, quando são enfrentadas, possibilitam uma capacidade de compreensão dos fatos e de como funciona o mundo. Aproximando-se, portanto, da visão compartilhada das imagens do mundo que se tem em comum.

As imagens positivas que os jovens conceberam da escola tiveram a sua valoração, de um modo geral, relacionadas principalmente ao grupo de amigos que lá encontram; aos professores que se tornaram referenciais em suas vidas e na sua formação; ou aos anos seguidos de permanência neste local pelo qual se afeioaram. Outros aspectos citados foram

concernentes à estrutura física da escola, que a diferenciava de outras que não possuem equipamentos como a quadra esportiva, a biblioteca e o auditório.

Eu amo minha escola, porque faz três anos que estudo aqui e eu não aprendi a me acostumar com ela, aprendi a amar. Pelas pessoas, pelos professores e acho que quando sair daqui eu vou chorar. Porque eu gosto demais, aqui aprendi muitas coisas, conheci pessoas novas, meus professores inclusive não foram só apenas professores de chegar na sala e ensinar, foram amigos, agente conversa, agente convive aqui a semana inteira. Então tem uma ligação muito forte, mesmo porque eu sempre tive vontade de estudar aqui... meus irmão, inclusive, estudaram aqui e falavam: ah! É famoso, é legal... Todo mundo comenta que o Themístocles é “10” (Jeice, 15 anos).

No entanto a escola para outros jovens pode ser uma fonte de desconforto. É possível que esse mal-estar, as dificuldades vividas no ambiente escolar aconteçam porque com frequência a escola transforma a pessoa em estudante, como se fosse competência da escola “fabricar” estudantes e não o acolhimento da pessoa no seu pleno sentido. Ou então, a escola se apresenta apenas na sua forma explícita, na evidência das notas, dos exames, das aulas, dos estudos, ou seja na sua externalidade. Mas, a escola mais importante para os jovens é aquela implícita, a das amizades, dos relacionamentos internos, onde existem dificuldades, ciúmes, a rejeição ou a aprovação em grupos. Nesse sentido, o não ter relacionamentos positivos e não se sentir acolhido pelos companheiros se torna crucial. Isso para se evidenciar a “aula” secreta da vida que ocorre nas salas de aula, nos corredores, na cantina e em outros espaços que formam a escola.

Tem cinco anos que eu estudo aqui. Quando eu cheguei aqui ela (a escola) era toda bagunçada... agente olhava de fora e tava toda pichada, agente pensava que só tinha mau aluno aqui dentro. Minha irmã estudou aqui e meu pai trabalhava aqui como porteiro e de vez em quando ele sempre me trazia pra cá. E eu ficava andando e ele falava “um dia tu vai estudar aqui”; e eu pensava: ai mas essa escola é muito chata. Ai quando foi uma vez mamãe mandou eu escolher, aí eu escolhi aqui para estudar... Tem gente que não sabe aproveitar a escola, pixando, tem certos momentos em que não se dão um com o outro, e tem aquelas briga. E vai fazer um bom tempo que não tem briga por aqui, tem aquelas discussõezinhas, mas não tem aquelas de porrada mesmo. Da escola... até que tem melhorado um pouco. Eu gosto daqui, agente vai se desenvolvendo, vai crescendo... os professores bacanas, tem uns que ajudam e tem outros que faz de conta, num tá nem ai... (Elisama, 15 anos).

A “aula” da existência escondida nos muros da escola vem composta de lições apreendidas de um mundo vivido cotidianamente, imbuídas de valores e reflexo de um contexto caracterizado por uma grande variedade de dificuldades econômicas e sociais. Essa problematização é materializada no lugar e se faz visível e sentida na forma de pobreza,

violência e drogas. Contudo este tripé desfavorável não intimida a esperança e não bloqueia os sonhos e expectativas de um mundo melhor.

Não tenho medo da violência, mas fico um pouco triste né quando uma pessoa morre; um próprio amigo meu lá embaixo mesmo onde nós mora, na rua. Um maconheiro veio e deu um tiro que não era para pegar nele, aí o outro pulou e pegou nele. Aí o outro agora que era para pegar o tiro nunca mais brincou lá na rua, tem medo ele ... (Paulo, 14 anos)

Já passei dificuldades na minha vida quando meu pai não trabalhava e fazia um “bico” aqui, um “bico” lá... isso aí já passou agora ele tá trabalhando, porque ele é pedreiro. Tem um trabalho agora bem demorado, com bastante tempo. Dificuldade não tenho tanta (outras) só assim. Vou trabalhar só no próximo ano e vou fazer um curso de informática (R... , 15 anos).

A escola, como é inserida no lugar, dele compartilha o mesmo julgamento de valor de significado afetivo, mesmo que a situação em que se encontra lhe seja desfavorável. Antes de apresentar um quadro mais completo das imagens que os alunos entrevistados comporam sobre a Escola Municipal Themístocles P. Gadelha, é importante salientar que naquele período das entrevistas, entre novembro e dezembro de 2008, a escola tinha acabado de sofrer uma boa reforma. Conseguiu, por este motivo, recuperar sua imagem positiva frente ao período anterior em que se apresentava com grandes problemas estruturais e de manutenção. Tinha perdido, e naquele momento recuperado, um pouco da sua “boniteza”, como afirmava Paulo Freire, tão necessária e importante para a escola pelo seu caráter educativo (GADOTTI, 2008).

É incrível que não imaginemos a significação do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço (FREIRE, 1996, apud GADOTTI, 2008, p. 167).

Recuperar esse componente estético é de suma importância na ética da função escolar. Uma escola bela gera uma profunda satisfação e sentido de valorização dos indivíduos que ali convivem. De fato, as várias falas dos alunos afirmam esse novo momento da escola, marcado por um ambiente renovado e pelo bem estar gerado. Como se pode verificar neste relato:

Agora a escola tá muito mais organizada do que como era antes: primeiro os vidros eram quebrados, as cadeiras pichadas, ainda tem algumas, mas melhorou um pouco. [...] tem alguns quadros novos; pintura da escola; o banheiro tá mais limpo, e primeiro era uma nojeira; ar condicionado, tem alguns novos, tem alguns que são do mesmo jeito, mas espero melhorar. Agora tá mais organizado, mas, aqui dentro tem de melhorar mais um pouco. Porém, tá melhor do que era antes. E toda a escola eu gosto, vou sentir saudade, aqui é legal, agente teve uma vida toda aqui, agente passa mais tempo aqui na escola do que em casa (Bárbara, 15 anos).

Outras imagens positivas da escola Themístocles que foram mais recorrentes são aquelas relacionadas à boa imagem relacionada ao seu quadro de professores. Muitos alunos afirmam a boa qualidade do ensino e boa capacitação dos professores; a presença dos professores na sala de aula é muito sentida como um valor positivo, que dá qualidade e faz atrair os alunos. Afirmaram que em anos anteriores, muitos faltavam e isso era bastante negativo para o ensino. Outros afirmam que a estrutura e equipamentos da escola são muito bons, e que muitas outras não possuem os recursos que esta tem, como quadra, auditório, biblioteca, laboratório de ciências e de informática. Outros alunos, ainda, fizeram notar um forte significado afetivo relacionado ao tempo nela vivido, ao sentido de formação e de encontrar um relacionamento de família.

Eu acho que eu tenho duas palavras pra falar dessa escola: eu acho que é vida, porque essa escola foi boa parte da minha vida... fui educado aqui, e acho que formação também [...] sempre considerei essa escola a melhor da Zona Leste em questão de ensino. Cara eu ouvia... tinha uma escola lá perto lá de casa, ouvia os alunos reclamando que dentro da escola mesmo rolava droga, isso e aquilo... coisa que aqui no Themístocles eu não via. Eu vi brigas, mas negócio de falar mal dos professores, que rolava droga aqui dentro eu nunca vi aqui. Então formação e vida, essas duas palavras são tudo (Gustavo, 16 anos).

Aqui eu encontrei uma família. Por exemplo, quando eu tinha algum problema, falava com alguns professores, tentavam me ajudar, me dar conselho... Uma coisa que eu nunca vou esquecer é que eles tiveram sempre do meu lado, tanto os professores, como o pessoal da secretaria e alguns colegas, que eu considero mais amigo (Patrícia, 16 anos).

Quanto às imagens negativas, muitas questões foram levantadas. Segundo os alunos, a grande questão parte da própria localização da escola, que foi construída num declive e sobre uma canalização de um córrego, por isso quando chove muito, o bueiro transborda, inunda uma área de lazer, o refeitório e a cozinha, que são partes mais baixas da escola. Um outro problema apresentado pelos alunos, diz respeito aos laboratórios de informática e de ciências que não funcionam, e caso funcionassem possibilitariam sair da monotonia das aulas somente em classe. Sugerem outras reformas a serem feitas na quadra esportiva e nos banheiros, bem como, consideram algumas salas de aula muito pequenas para atividades em grupo. E ainda, que o método de aula de alguns professores poderia ser melhorado; que a biblioteca seja mais acessível quando for necessária a pesquisa em suas dependências.

Aqui é uma escola boa, inclusive os professores, a qualificação, eu não tenho nada de me queixar deles, nem de diretores. O que falta aqui é a sala de informática funcionar, de laboratório que agente precisa e não ta funcionando; a biblioteca, principalmente, que agente precisa fazer uma pesquisa e não dá. Isso ta faltando muito aqui no Themístocles... É uma escola legal, é boa, só que ta faltando melhorar um pouquinho. A quadra precisa ser reformada, o auditório... tem coisas aqui que

outros colégios não tem, só que agente não pode usar porque não funciona ... falta qualidade em relação às coisas materiais da escola, as salas, as carteiras, as lousas inclusive. Agente não entende a letra do professor por causa das lousas que estão totalmente escuras. E quando chove agente fica com a água na canela, porque o esgoto ai é totalmente entupido (Ingrid, 15 anos).

A participação na vida da escola, seja nas suas atividades que envolvem a todos, seja efetivando o direito de voz, em dar opiniões e ser escutados, para muitos é restrita. Participar quase sempre está ligado à atuação em campeonatos esportivos, em exposição de feiras culturais ou de ciências, o que já positivo, mas não suficiente para dar ao adolescente aquele sentido de cidadania desejado de intervenção no mundo. Para alguns alunos, a simples opinião que poderia ser emitida na sala de aula é bloqueada pela timidez. Contudo, existem outras formas de participação que despontam e se transformam em excelentes oportunidades de convivência, formação e promoção do amadurecimento, de aprendizagem da liderança: os citados grupos de poesia, teatro e cursos que funcionam no sábado em parceria com outras entidades, como o curso de escritor/jornalista oferecido por um jornal local.

Sobre o sentir-se valorizados no ambiente escolar pelos colegas encontramos uma certa contradição nas respostas identificada nos relacionamentos de amizade, das brincadeiras excessivas podem indicar aceitação e coleguismo, mas podem gerar desconfiança do outro e falta de respeito. A “bagunça”, como é freqüentemente chamada as brincadeiras que se expressam por palavras, piadas ou até “bater” ou empurrar o outro, ocorrem entre grupos que se formam por afinidades. Restando sempre os mais calados e que não se inserem nas brincadeiras. Estas situações acontecem na ausência do professor ou nos intervalos, criam um clima descontraído e podem ser uma resposta à provável monotonia das aulas seguidas. Se as brincadeiras (“bagunça”) ocorrem no próprio grupo de amigos, então funciona como um reforço de amizade e companheirismo. Contudo, sempre na eminência de provocar outros grupos na escola.

Na escola é muita bagunça na minha sala, principalmente quando não tem professor, nem todos meus amigos me respeitam (Eliseu, 14 anos).

Eu gosto de ficar mechendo com os outros e às vezes quando eu exagero um pouquinho eles começam a dizer pra eu parar porque aquilo pode me prejudicar depois (Adria, 13 anos).

Observamos, também, que embora se refiram a alguns colegas como amigos, afirmaram que só se sentiam valorizados em casa. Com alguns professores havia certa abertura, mas de um modo geral, não se aproximam tanto por vergonha de se expor e se intimidavam em emitir opiniões durante as aulas. Já com relação aos colegas, afirmaram que



não encontram neles abertura para verdadeiras e confiáveis amizades. Como afirmou Dário, de 12 anos: “Sou valorizado em casa, mas na escola não. Acho que é porque ninguém conhece bem como as pessoas de casa conhece agente. Por isso que não dá o valor que agente merece”.

Também a diversidade cultural pode ser causa do não acolhimento e compreensão do diferente, como se pode perceber no relato abaixo de uma aluna proveniente do interior de Rondônia, que com o seu sotaque característico não se sentiu acolhida de imediato:

Aqui na escola não me sinto valorizada, sei lá, nós somos de um jeito e as pessoas tratam agente de outro jeito e eu não gosto muito do tipo que tratam agente aqui. Aqui tem muita gente dando porrada nas costas do outro e eu não gosto disso. Eu acho horrível este tipo de brincadeiras entre os colegas. Eu gosto de sentar, conversar, bater papo, piada, porque onde eu morava tem muita história que eu ouço e que eu sei. Aí eu gosto de contar história, mas tem gente aqui que não tem jeito pra isso, vive brigando, batendo, não valoriza agente do jeito que agente quer que valorize [...] No começo quando comecei a morar aqui eu tinha um jeito de falar totalmente diferente, totalmente errado. Não eu ainda falo errado pelo meu sotaque, por exemplo você eu falo cê...umas frase totalmente errada... todo mundo fazia amizade comigo para rir da minha cara e eu levava tudo na esportiva também, começava a brincar e bagunçar, contava história. A sorte minha é que isso não me atrapalhou em nada. Riam da minha cara e eu também ria da cara deles. Como eu levava tudo na esportiva todo mundo gostava de mim, se eu levasse na ignorância ninguém ia gostar de mim. Então eu fiz amizade com a metade do colégio, todo mundo gostava de mim por causa do meu jeito de ser brincalhona e meu jeito de falar também que é totalmente errado, palavras erradas, outras palavras diferentes que se fala em Rondônia e aqui não (Uslaine, 16 anos).

Em alguns relatos a valorização do outro e a confiança recíproca é muito ligada à formação de pequenos grupos, quase “fechados”, poderíamos dizer, entre aqueles que têm um mesmo pensamento, um mesmo estilo de vida. Esse tipo de grupo é mais evidente entre as meninas:

Diz que algumas meninas, algumas pessoas chamam agente de metida porque não falam com agente; agente não fala com elas porque agente não tem afinidade, essas coisas. A afinidade do nosso grupo é a bagunça que agente faz... (Ingra, 15 anos).  
A bagunça, a afinidade são as brincadeiras, essas coisas que deixam agente mais próxima. Mas, pelo fato de agente andar em grupo, agente não é tão amada aqui na escola não... (Andréia, 14 anos).

Já para os rapazes os grupos de interesse estão mais ligados a valores como o esporte, passeios e as brincadeiras de rua. Como afirma Wallace, 16 anos: “[...] me torno amigo através do divertimento, agente sai para se divertir em algum canto, jogar bola, nesta parte aí é que agente faz amigo”.

Portanto os motivos para escolher e formar grupos são vários e evidenciam valores exigentes que, no entanto, não são vivenciados plenamente como se poderia esperar nos relacionamentos do dia a dia. Então para esses jovens é importante que uma pessoa saiba conviver bem, tenha experiência de vida, saiba dialogar, respeitar o outro, ter personalidade e transmitir confiança. Além disso, são ainda citadas, as afinidades por música, esporte, brincadeiras, gostar das mesmas coisas e se vestir do mesmo jeito.

Escolho pelo jeito de ser, de se vestir, de falar. Mas não é porque aquele cara gosta das mesmas coisas que eu gosto, porque ele fuma droga que eu vou fazer o que ele gosta. Vou me afastar dele e vou procurar outra pessoa que seja companheira, amiga que só queira evoluir junto comigo (Luan, 16 anos).

Quanto aos aspectos citados sobre as imagens formadas e experiências que os alunos vivenciam na escola fazemos nossas as preocupações de Paulo Freire (2007). Este autor afirma que não é possível respeito à dignidade e identidade em construção dos educandos, se não levamos em consideração as condições em que eles vêm existindo e o reconhecimento da importância dos conhecimentos de experiência feitas com que chegam à escola.

#### 2.4 DESAFIOS NO ENFRENTAMENTO DE OUTROS LUGARES – AVIDA FORA DO BAIRRO

Preocupados em trazer para a geografia estas situações vividas pelos jovens entrevistados, buscamos novamente em Dardel aquele direcionamento que queremos dar ao nosso estudo de fazer uma geografia que ajude a decifrar os signos ocultos da Terra. Que revele a condição e o destino humano, a sua geograficidade. Como abordaremos as relações espacializadas dos alunos com os outros lugares da cidade, aplicaremos a esta situação o conceito existencial de Dardel sobre a espacialização da matéria, já reportado anteriormente no Capítulo I. Com este conceito compreendemos que o “mundo” ou os outros lugares do cotidiano dos jovens vai ser percebido e espacializado a partir da noção de distância, dada pela experimentação do perto ou longe, cujo referencial é o seu próprio corpo, a sua casa ou o seu bairro. Já o espaço onde eles se movem, dentro do próprio bairro e para outros bairros é impregnado de um sentido existencial, cujo referencial é o seu próprio lugar de vida, o bairro. Portanto, as relações que exercem e que exigem deslocamentos em direções e distâncias diversas, seja em função de lazer, de visitas a amigos e familiares, seja em função de compras,

são também espaços vividos pelos jovens, mas carregam esta referência primordial do próprio lugar (HOLTZER, 1993). Partindo dessa perspectiva, verificaremos nesta instância como os jovens do bairro se relacionam com os outros lugares da cidade e o enfrentamento de novas situações quando terminam o ensino fundamental e são transferidos para outras escolas fora do bairro.

As relações com os outros lugares na cidade ocorrem quase inteiramente por motivos de lazer, seguido por deslocamentos para compras no centro, por motivos religiosos (frequência a igrejas católicas ou evangélicas no Centro ou em outros bairros) e em função de trabalho. Os lugares mais frequentados para lazer, como os passeios, cinemas, lanches e idas a balneários, são a praia da Ponta Negra nos finais de semana, os Shopping Centers Amazonas, Studio 5, Millenium e Secomiz. Além do Parque dos Bilhares (parque público) e o balneário de Rio Preto da Eva (cidade a uma hora de Manaus). Também neste aspecto de lazer, alguns revelaram uma maior exigência quanto a lugares mais atrativos para sair, preferindo estes aos do próprio bairro que consideraram sem um nível adequado.

Gosto muito de me divertir com minhas amigas. Agente sai, vai pro Shopping Studio 5 ou Amazonas Shopping, pro cinema... aqui no bairro eu não frequento muito não porque é meio brega (A... , 15 anos).

Motivados por compras e em busca de preços melhores, principalmente de vestuário, se deslocam para o centro em busca de novidades. Afirmaram que algumas coisas que necessitam não encontram no bairro para comprar. Outros motivos de contato com outros lugares são as visitas a familiares em bairros considerados longe de suas casas, e por motivo de trabalho, ainda que adolescentes se sentem obrigados a fazer alguns trabalhos temporários por necessidade econômica, e ainda os consideram como oportunidades de diversão. Como encontramos evidenciados em um jovem que trabalha como garçom na praia da Ponta Negra e aproveitava para se divertir, e em outro que toca numa banda que se apresenta no bairro e em outros locais.

Eu toco instrumento de sopro, metal, numa orquestra. Todos os sábados eu ensaio e também tem final de semana que toco numa banda, toco sopro. Agente tem uma banda mista, toca forró, pagode... ai eu gosto porque me sinto mais a vontade, ganho e fico me divertindo. E também depende quando o cachê é grande agente ganha 50,00 a 30,00 reais pra cada... ai dá pra ir comprando alguma coisinha (Thiago, 16 anos).

### 2.4.1 Da mudança para as escolas do centro da cidade

Terminando o ensino fundamental, a grande maioria dos alunos opta por estudar em escolas de nível médio principalmente no centro da cidade. Os motivos são quase sempre porque os outros amigos iam estudar lá e não queriam perder o contato com eles, pelo peso da tradição e o considerado bom nível das antigas escolas do centro, embora afirmem ser muito distantes. No bairro há uma pequena quantidade de escolas deste nível e, portanto não comporta toda a demanda. Estes deslocamentos ampliam o mundo exterior desses jovens e ao mesmo tempo é fonte de grandes desafios, de mudanças nas suas vidas que implicam absorver e viver novos tempos e espaços. Uma mudança brusca, que para alguns precisa de um maior tempo de adaptação. A essa mudança são associadas novas relações e imagens que são absorvidas na vida diária, no percurso tomado entre o lugar e os outros lugares. Esses novos fatos vividos e apreendidos vão dar o sentido de real e de verdadeiro às imagens concebidas nesta relação. Para Lowenthal (1985), o que nos parece real e verdadeiro depende de dois tipos de conhecimento intrinsecamente conectados: do que sabemos sobre nós mesmos e do que conhecemos sobre o mundo exterior.

No tocante à situação prévia, ou seja, antes da mudança para as escolas do centro, o que prevalecia em seus mundos pessoais dentro da escola do bairro, segundo o depoimento dos ex-alunos, era a existência de um clima de proximidade e familiaridade que lhes dava segurança e bem estar. Havia a facilidade e a simplicidade no convívio com os professores, alguns moram no próprio bairro, com os colegas e funcionários. Tudo era perto, o tempo estava a favor, podia-se ir a pé para a escola, ir à casa dos colegas para conversar ou para fazer os trabalhos escolares. Sentiam falta dessa convivência que não era mais possível na outra escola.

Sinto falta das amizades, do convívio, das brincadeiras, das palhaçadas, dos professores, de todo mundo, .... Agente ta na outra escola, no outro lugar, mas não é a nossa casa... aqui agente ta perto de casa, agente vinha pra cá, agente freqüentava... indo pro outro lugar o tempo não permite... agente já vai 11:00 horas, meio dia, chega sete e meia (da noite), devido ao trânsito. Antes agente tinha mais tempo... já estudar no centro não, já é outros colegas. É claro que agente procura outros amigos, tem um convívio, também, mas não preenche o que o Temístocles demonstrou pra gente. O que o Themístocles proporcionou pra gente. Mas, o tempo... tinha muito tempo pra gente. O tempo passava e agente nem percebia (Jordana, 20 anos, ex-aluna).

Daqui eu sinto falta de tudo mesmo, professores, amigos, alguns funcionários que agente tinha intimidade. Tudo. Mas realmente o tempo... agente ta com saudade de alguém da nossa atual escola e o tempo não permite ir a casa deles, porque tem que pegar ônibus, às vezes tem de pegar até barco pra chegar. Aqui não agente pode ir a pé mesmo, nada impede agente... (Gustavo, 16 anos, ex-aluno).

O tempo é, portanto, um dos grandes desafios que impõe uma nova dinâmica em suas vidas. O foco de suas relações muda do bairro para o centro, para alguns jovens tudo começa a girar em torno desse outro lugar. Os seus interesses, estudo, lazer e até mesmo práticas religiosas como a frequência a igrejas, vão ser direcionados para o centro, porque assim se aproveita melhor o tempo e as opções que estão próximas à nova escola.

Aqui não tem nem um lugar que eu frequente. Antes eu participava da comunidade da igreja Santa Maria Goretti (católica), mas há oito meses não frequento mais devido ao tempo. Agora estou frequentando a Catedral do Centro, a Matriz, e o Largo de S. Sebastião (Natália, 17 anos, ex-aluna).

No entanto, para a maioria dos jovens, as relações com o novo lugar são bem limitadas, e embora haja a presença de grandes atrativos de lazer no centro, as dificuldades econômicas lhes impedem de frequentar espaços como o teatro ou fazer lanches em locais que consideram muito caros. Então, a participação na vida do novo lugar se restringe aos passeios com amigos, a conversa na praça e um lanche com um preço mais acessível. Esses pequenos momentos de lazer ocorrem quando não têm alguma aula. De outro modo voltam para casa imediatamente quando termina a última aula, para não chegar muito tarde em casa.

Algumas outras situações foram relatadas como a dificuldade em fazer novas amizades, o que causava isolamento dos outros colegas; o dinheiro para as passagens de ônibus; a longa distância a ser vencida por um serviço deficiente de transporte coletivo e ainda o trânsito caótico. Principalmente esses dois últimos problemas foram relacionados como sendo os maiores transtornos que enfrentam diariamente. A distância, por outro lado, também se impõe como um empecilho quando necessitam fazer os trabalhos escolares, e aí está uma “situação trágica” no dizer de um deles, uma vez que precisam executar esses trabalhos em função das avaliações dos seus professores. Os colegas moram longe, precisam pagar o transporte e às vezes precisam até se deslocar para casas de amigos do outro lado do rio Negro. No horário de retorno para casa, no final da tarde, os ônibus lotados numa barulhenta e frenética presença de alunos de várias escolas que terminam no mesmo horário. Se não querem enfrentar a confusão, esperam outro ônibus e chegam bem tarde em casa. Essas dificuldades, disseram, são obstáculos para uma maior dedicação aos estudos. Já chegam cansados na escola, e quando voltam para casa, depois de enfrentar tudo de novo, estão ainda fatigados e não encontram a força para estudar.

Eu tive dificuldade em tudo... Quando eu estudava no Themístocles, eu chegava e tinha disposição pra estudar, agora quando agente vai pra escola no Centro, já é

aquele desânimo, quando agente vem já ta suada,... (e quando chega na parada de ônibus) o ônibus já foi embora, o cabelo já todo amarrotado, a blusa ta um horror... e também não é aquela festa... Até você chegar no colégio... e também se você sair num horário e chegar lá num entrar, aí... Você gasta dois reais, ida e volta, (e não entra)... o ônibus na volta é cheio demais, e pra evitar aquele pessoal da bagunça, o 650, é um horror... Porque até você sair da escola, quinze pras seis, porque tem o sexto tempo, e pegar o ônibus da bagunça e chegar em casa com dor de cabeça... então prefiro pegar o das sete, vou chegar tarde em casa, não tão cansada e com dor de cabeça (Hortência, 19 anos, ex-aluna).

Apesar dos inúmeros problemas que enfrentam decorrentes da escolha de estudar no centro, estes jovens estão de algum modo satisfeitos com o novo ambiente. Orgulham-se da organização, da qualidade de ensino e dos eventos das suas escolas. Até a rigidez e a formalidade como é conduzida das normas das escolas são motivos de orgulho, porque identificam nelas a seriedade, a segurança e um padrão de ensino melhor.

[...] tem, também, o fardamento escolar, que é usado diariamente, e tem o fardamento da educação física. Lá nas escolas do centro é padronizado. O diretor verifica, o porteiro verifica, não pode entrar com qualquer sacola, tudo é verificado. Tem todo um sistema, tem câmeras, tem um horário de entrada, não pode extrapolar o horário. Então é tudo organizado. Eu adorei estudar no centro (Guilherme, 17 anos, ex-aluno).

Portanto, os valores e os significados dados à nova realidade emergem da experiência pessoal que vem da possibilidade de estudar em uma escola organizada, que faz aumentar auto-estima, e da experiência social trazida pelas novas relações interpessoais que se criam no novo ambiente escolar. Nessa situação a intersubjetividade é a ponte entre a experiência individual e a experiência social que designa valor e significado ao ambiente ou ao lugar (BUTTIMER, 1974, apud: HOLZER, 1992). Nesse sentido, as relações interpessoais se ampliam e é evidenciada na conduta de vida criada no contato com novos professores, colegas e funcionários. Implica, ainda, na vivência de novos tempos e lugares. Portanto, a mudança para estudar nas escolas do centro é vista de uma maneira muito positiva, mesmo que isto comporte situações diversas e mais complexas do que aquelas vividas no bairro. A referência de vida, no entanto, é sempre o lugar de origem, é nele que está o real significado dado às coisas e situações, onde o parâmetro para a valoração da nova realidade vivida está sempre em relação ao seu próprio lugar. Porém a teia de relações se amplia e os novos lugares adquirem, de algum modo, significado existencial ainda que circunscrito a um período de tempo, o tempo de um turno de aulas, e de localizações espaciais com percursos bem definidos para o ir ao colégio e voltar para casa, com possíveis e raras oportunidades para momentos de lazer nas praças, lanchonetes e espaços culturais do centro.

Um lugar é o centro de ação e intenção, ele é um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência. De fato, eventos e ações são significativos somente no contexto de certos lugares, e ganham tonalidades e são influenciados pelo caráter desses lugares, ainda que contribuam para esse caráter... (RELPH, 1976, apud: HOLZER, 1992, p. 251).

Ampliando este seu pensamento sobre o lugar como fonte das intenções humanas, Relph (1976), afirma que os lugares são os contextos para objetos intencionalmente definidos ou para grupos de objetos ou eventos, ou podem ser eles mesmos, objetos da intenção. Os lugares são focos da intenção. Importa-nos, então, compreender que este mundo de relações com outros lugares que foi exposto pelos jovens, só pode ser entendido tomando como referência as experiências, as intenções e os significados dados por eles a partir do seu lugar.

### **3 DO LUGAR NO MUNDO A UM LUGAR NO MUNDO**

No capítulo anterior apresentamos a geograficidade dos jovens, expressa pelo significado afetivo e referencial de vida que o lugar e a escola têm para eles, as representações e revelações que fizeram do bairro com os seus mapas mentais e as suas relações com os outros lugares. Abordaremos neste capítulo a importância da valorização desses aspectos para a identificação com o lugar e inserção no mundo. Compreendemos, portanto, que para evidenciar a identidade com o lugar e estimular a participação cidadã dos jovens é importante, também, entender o que lhes deixa mais vulneráveis, como apresentam essas fragilidades vividas no cotidiano do seu bairro, e ainda quais são as suas resistências e expectativas. Torna-se essencial, nesse sentido, apreender suas percepções das imagens que os outros fazem do seu lugar, como procuram desconstruir as imagens que são negativas, escutar suas idéias sobre si, a que grupos estão ligados e como atuam.

#### **3.1 FRAGILIDADES NO LUGAR**

Falar e abordar as fragilidades de uma pessoa, de um grupo ou de um lugar não é decerto uma tarefa fácil. A delicadeza da questão nos impõe um cuidadoso e respeitoso tratamento ético tão necessário para que haja o encontro, não o domínio, com a realidade do sujeito e assim poder trazer à luz o conhecimento do seu mundo vivido. Dentre tantos aspectos que implicam em fragilidades, trataremos do mal-estar e da insegurança gerada diante da violência e da circulação de drogas no bairro, que deixam marcas e tragédias profundas na vida das pessoas. A pesquisa demonstra também, as percepções dos jovens do bairro Jorge Teixeira sobre as imagens que foram construídas do seu bairro pelos outros moradores da cidade. Para compreendermos este problema que foi um dos fios condutores deste trabalho, tomamos como base as informações das entrevistas com alunos e ex-alunos da escola, e depreendemos daí as explicações que eles deram para a formação dos estereótipos e preconceitos em relação ao bairro e à Zona Leste.

##### **3.1.1 A violência como imagem negativa do bairro**

Dentro do bojo das vulnerabilidades no cotidiano dos jovens do bairro, e que são uma ameaça à sua cidadania, está, como ocorre em outros lugares do Brasil e do mundo, a situação



de insegurança e de medo provocada pelo constante crescimento da violência e do tráfico de drogas nas áreas urbanas. Esta realidade atinge diretamente os jovens, que compreendem a ocorrência da violência no bairro, porém existe um esforço em demonstrar que o lugar deles não é só um meio violento. Nesse contexto da violência apresentaremos a seguir, num primeiro momento, algumas falas mais relacionadas às reações de medo e insegurança vinculadas a locais que não gostam de frequentar. Em seguida apresentaremos seus argumentos para desconstruir essa imagem negativa formada sobre o bairro.

Para alguns a violência é um fator limitante nas suas mobilizações no bairro, ficando por vezes restrita a ida para a escola e retorno a casa. Também foi relatada a oferta de drogas durante o percurso pelas ruas, o que os deixam muito inseguros e receosos com estes ambientes. Mas, deixemos que eles nos falem dessas dificuldades:

Este bairro é muito violento. É cara a gente só veio morar aqui por causa dos nossos pais. Não nasci nesse bairro... Não gosto de nenhum lugar desse bairro, porque tenho medo de sair de casa. Saio só para vir para a escola e da escola para casa. Não tenho amigos na rua, meus amigos é tudo dentro de casa (Patrícia, 15 anos).

As drogas, que eu sei que é proibido, de que adianta? O que mais tem aqui é droga. Eu fui passar ali e um homem me deu uma bala, eu não peguei e veio um menino e pegou, nós fomos abrir e era uma droga purinha, uma ruma de pozinho... eu achei aquilo a coisa mais horrível, pra mim foi espantoso, foi a primeira vez que eu vinha pra cá e fez isso comigo (U., 16 anos).

A proximidade com atos de violência, segundo os jovens, acontece quase sempre nas ruas, na pracinha do bairro quando há alguma festa ou show, nas lan house quando ocorre a presença de “galerosos”, ou em assaltos nos estabelecimentos comerciais. Observa-se, nas batidas policiais que acontecem no bairro, nas quais se age também com a violência; as brigas, os assassinatos, são mais sentidos e impactantes, como se poderia esperar, quando atinge um parente próximo ou um amigo. Deixam sempre um sentimento de insegurança, medo, revolta e impotência, principalmente quando acontece de matar por engano uma vítima inocente.

Tem um colega, um amigo meu, perto lá de casa, que ele morreu por nada... deram um facada por engano... por engano. Ele não fez nada, só porque ele tinha um cabelo moicano que o menino matou ele, deu duas punhaladas nele. O maior tempo da minha vida eu passei com a minha avó no Alvorada (bairro). Vinha aqui só visitar, passar final de semana e eu moro aqui há três anos. Em casa e na minha rua é o único local que gosto, que é mais tranquilo, mas seguro. Evito quase todo o bairro (Thiago, 16 anos).

A violência me dá medo, porque acabam matando as pessoas que a gente mais gosta, tipo meu irmão, de 26 anos, que mataram aqui na Compensa [bairro] (Maria, 14 anos).

Um aspecto também muito sentido, evidenciado em vários relatos, como causa de insegurança é o pagamento de pedágio nas pontes improvisadas sobre os igarapés. Em algumas existe uma espécie de norma local, na qual os conhecidos, ou moradores da localidade, não pagam. Os outros para passar, encurtando o caminho para casa, têm que pagar ou então são espancados. Para os jovens estes locais, principalmente à noite, são considerados perigosos, no entanto, para alguns é necessário passar. Apesar do transtorno, a insegurança e o medo que trazem para a vida dos moradores, esta situação faz parte do seu cotidiano, sem que haja a presença do poder público para controlar este problema.

[...] Sabe aquelas três pontes ali, é onde os caras pedem pedágio lá. Porque uma vez eu fui passar com o meu tio lá e paguei R\$ 5,00 reais para passar. E desde lá meu pai não deixa mais passar não. Um irmão da minha vizinha que morava lá, ele não pagou e levou porrada, ficou com o olho todo roxo. Só na de ferro tinha três homem lá, e nunca ninguém chama a polícia, nunca vi polícia lá (Jackson, 16 anos).

A este sentimento relacionado ao medo que os lugares provocam, Yu-fu Tuan chamou de Topofobia, que é o sentimento contrário da topofilia, ou seja, um conceito que nos conduz à noção de paisagem do medo (TUAN, 1979, apud: AMORIM FILHO, 1999). Esse sentimento diante de um perigo real ou imaginário é direcionado a alguns lugares do bairro aos quais os jovens têm algum tipo de temor e os evitam. As reações dos jovens quanto ao medo dos lugares é muito variada, e não é concordante entre todos. Para alguns, a pracinha, praça de alimentação do bairro, algumas esquinas onde ocorre tráfico de drogas e ruas escuras são ambientes a ser evitados. Para outros, não é tanto assim, e citam ainda algumas lan house como locais perigosos, porque são frequentados, também, por “galerosos” (gangues de rua) e traficantes. Portanto, nem sempre a conotação de perigo é a mesma para todos os que foram entrevistados. No entanto, um elemento muito comum em seus depoimentos foi à questão dos limites dos horários para sair à noite. Ficando o horário entre 20h30 e 21 horas, o mais evidenciado como possibilidade limite para se estar fora de casa com segurança. Após este período de tempo ficam muito expostos às situações desfavoráveis encontradas nas ruas e em locais de diversão. Neste sentido a família, segundo alguns relatos, também participa desse controle, impedindo a saída deles para locais distantes de suas casas.

Um local bastante citado no bairro como ponto de atração, para alguns, ou local a ser evitado, para outros, foi a praça do Jorge Teixeira (Praça Odivaldo Marques da Silva), também conhecida como Chapelão ou simplesmente “a pracinha”. Ela tem um palco e uma quadra, onde ocorrem festas, shows e manifestações religiosas. No seu entorno se encontram

bares, restaurantes e várias lan house. Ela se constitui um grande chamariz, ao qual confluem muitas pessoas nos finais de semana.

Eu evito a pracinha, é a praça de alimentação. Tem muito galeroso lá em qualquer hora. Pra lá mataram um colega do meu cunhado que era motorista, aí pediram pedágio dele e aí ele não deu e mataram com um tiro (Edney, 17 anos).

No meu ponto de vista a parte boa é lá na praça de alimentação do Jorge Teixeira. Tem pagode e dá pra todo mundo se divertir, mas a partir da meia-noite só rola confusão (Júlio, 16 anos).

### **3.1.2 “A área vermelha não é só aqui”**

Esta frase indicativa dita por um entrevistado expressa bem o que trataremos em seguida: as imagens negativas do bairro e a formação de estereótipos e preconceitos. A “área vermelha” referida pelo aluno possivelmente é relativo às áreas perigosas da cidade. Estas áreas são definidas pela Secretaria de Segurança do Estado, como áreas onde ocorrem tráfico de drogas e violência. Queremos partir do problema detectado, ou seja, das dificuldades impostas pela violência evidenciadas anteriormente pelos jovens, como o consumo e o tráfico de drogas, os atos violentos dos “galerosos” e o medo, presentes nas ruas do bairro. A essa realidade, dar a voz aos jovens para que apresentem as suas concepções das imagens negativas sobre o bairro, que se formam na cabeça dos outros habitantes da cidade. É nossa intenção, ainda, expor as suas tentativas de compreender como se forma as associações das imagens de violência e drogas com estereótipos e preconceitos relacionados ao bairro Jorge Teixeira. Salientamos que esta questão nos foi manifestada pelos próprios alunos quando iam estudar no Centro da cidade e se defrontavam com essas referências negativas sobre o Jorge Teixeira que seus colegas de outros bairros expressavam.

As imagens que se formam nas nossas cabeças, nas quais estão implícitas as experiências adquiridas nas relações interpessoais e com o lugar, as informações recebidas e apreendidas, os domínios da imaginação e da memória, podem revelar-se como verdadeiras ou falsas, embora façam parte do domínio comum. Muitas vezes, as imagens, são influenciadas por representações construídas socialmente, e, embora tenham aspectos comuns e façam parte da visão compartilhada de mundo, não exprimem completamente o horizonte vivido nas fronteiras desconhecidas de um lugar. É necessário, portanto, partir com o olhar de quem está dentro das fronteiras da vida cotidiana, da experiência e da aprendizagem diária (LOWENTHAL, 1985).

Portanto, ao indagarmos qual a opinião dos jovens sobre a percepção que os outros habitantes da cidade têm sobre o bairro e tirar daí as suas consequências, queremos lhes fazer refletir sobre o seu ser no mundo em relação com outros e com o seu lugar. Acreditamos que fazendo assim, conscientes das fragilidades e de como se formam as imagens, se fortalece e se vivifica a identidade com o lugar. Com esta base se pode transmitir aos outros um conhecimento mais próximo do vivido, uma outra verdade desconhecida, resultado de uma perspectiva existencial do habitar o lugar. Ou, como afirmava Buttimer (1985), a vida, a existência, apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construindo um lar que é símbolo do relacionamento diário com o seu meio ambiente ecológico e social. O futuro a que esta autora se refere, para nós tem o significado de mudança da realidade imaginária construída por meio de falsas representações e que pode ser conquistada pelo desvelamento dos anseios humanos, da valorização do lugar como lar, um símbolo do diálogo diário com o ambiente ecológico e social.

Quando Lowenthal (1985) trata das geografias pessoais, ou seja, dos mundos pessoais da experiência, aprendizagem e imaginação, considera que toda a estrutura da imagem compartilhada do mundo é relevante à vida de cada participante. E que, todo aquele que adere a esse consenso, pessoalmente adquiriu alguns de seus elementos constituintes. Portanto, o forte acento dado a questões relacionadas a assaltos, roubos, galeras (ganguês) e drogas na imagem geral que fazem do bairro os outros habitantes da cidade, de alguma forma fazem parte dos elementos que compõem a vida do bairro. Os moradores reconhecem a existência dessa realidade negativa no seu cotidiano, porém a dificuldade está em aceitar isto como uma única verdade sobre o bairro e generalizar as imagens negativas fazendo-as valer para todas as pessoas, colocando-as num mesmo patamar de marginalidade.

A esse propósito eis o que nos relatam:

Muitas das vezes o eu que escuto falar de mal desse bairro é verdade, de outras vezes não... Eu acho ruim né, porque nem todas as pessoas são violentas... é claro tem aquelas que estão na droga, o motivo que delas serem daquele jeito é por causa das drogas, porque as drogas que faz se tornaram daquele jeito (Sabrina, 15 anos).  
Algumas vezes eu concordo quando falam mal do bairro, como a violência e “boca de fumo” né? Eu não concordo porque eles misturam, falam assim ao todo, como se todo mundo fosse igual, mas ninguém é igual a ninguém (Iris, 14 anos).

Luan, 16 anos, por sua vez relembra o fato que as imagens do bairro ainda estão ligadas ao seu passado, quando ainda não tinha toda a estrutura atual e ainda não era considerado um bairro:

Já ouvi muita gente falar mal do bairro, mas nem tudo que eles disseram é verdade. O Jorge Teixeira tem lugares bons, lugares ruins... Mas nem tudo era verdade. Por exemplo, alguns moravam aqui e saíram daqui ficou aquele sentimento de quando morava aqui, mas depois que saíram daqui mudou muita coisa como a luz, muitas ruas iluminadas, policiamento passa, não todo dia, mas às vezes...

Essas imagens, portanto permaneceriam na cabeça de antigos moradores e não correspondem à realidade atual do bairro. Daí se pode deduzir que a imagem de um lugar pode ser “construída como um resultado de toda a experiência passada do possuidor da imagem. Ponte da imagem é a história da própria imagem” (LOWENTHAL, 1985, p. 139).

Existe nos jovens a consciência de que a violência está em toda parte da cidade, em outros lugares, e esta não corresponde, substancialmente, àquelas imagens pessoais que dão forma ao lugar do seu cotidiano e que o torna único. Uma Terra cónita pessoal, composta por mundos particulares que não são incorporados ao domínio compartilhado do conhecimento (LOWENTHAL, 1985). Esta consciência de seu mundo e a percepção da incapacidade dos outros habitantes da cidade de compreender com profundidade o que se passa dentro desses ambientes são muito frequentes em seus relatos. Como nos conta Ketlen, de 14 anos: “algumas pessoas dizem que é um bairro chato, que não presta e que só vive traficante. Mas, como elas podem julgar se nem moram [aqui] para saber a realidade”. Para Girlan, 15 anos, a conotação de periferia não é adequada àquele que ele considera seu lugar de vida, além disso, observa que as autoridades esquecem deste espaço na cidade: “As pessoas vêem meu bairro como uma periferia, um lugar esquecido pelas autoridades”. Já Aline, 14 anos, considera “bem legal [o bairro], mas tem a violência! Porém em todo lugar existe a violência, só que as outras pessoas de Manaus não vêem como eu”.

Segundo as afirmações dos jovens, não é fácil ouvir falar mal do próprio bairro. Ingrid, de 15 anos, diz que “é meio chato escutar alguém falar mal do bairro, é fácil a gente falar que o nosso bairro não tá bom, mas os outros falar é que chateia”. E entre outras imagens que se formam do lugar e que escutam falar, é que o bairro parece um interiorzinho pobre, que é muito longe do Centro e de outros lugares, que falta sempre água, que as escolas não funcionam, que acontecem muitos acidentes e não têm segurança. São imagens fortes e recorrentes nos relatos dos jovens. Porém, alguns não sabem dizer o que podem pensar os que não moram no bairro; outros apresentaram uma percepção positiva das imagens, que teriam estes outros habitantes de Manaus, ligadas à tranquilidade e à prosperidade do bairro. Considerado um excelente lugar para morar porque têm assistência médica, escolas nas proximidades e delegacia. Nestes últimos, as imagens positivas do bairro, estão reforçadas mais pelas referências locais de crescimento econômico e expansão dos serviços no bairro, do

que por referências de imagens formadas externamente em relação ao bairro. De fato, nos últimos anos o bairro tem apresentado um aparente crescimento econômico, evidenciado na inauguração de novos e variados estabelecimentos comerciais, instalação de serviços médicos, segurança e Correios entre outros. Logo, é este aspecto de prosperidade que os jovens gostariam que fosse percebido pelas pessoas que não moram no Jorge Teixeira.

Existe, ainda, uma intenção em criar uma imagem positiva e relacioná-la a um consenso mais geral da população, mesmo se essa, na realidade, não seja compartilhada com todos. Esta intenção, portanto, os conduzem às variações de visão pessoal, na qual estão impressas a finalidade, as circunstâncias da observação que alteram a realidade segundo o sentido que se quer dar (LOWENTHAL, 1985). Isto se pode perceber claramente na afirmação de Deiliane Martins, 14 anos, quando transfere a própria visão que tem do bairro para a percepção dos outros moradores da cidade: “as pessoas de Manaus vêem o nosso bairro excelente, porque tem o hospital Platão, tem muitas escolas nas proximidades, tem dois postos de saúde, temos uma delegacia no bairro, etc.”.

As imagens negativas formadas em relação ao bairro e à Zona Leste de Manaus são percebidas em contatos pessoais com amigos, colegas e parentes que moram em outros bairros. Também ao ouvir, ver ou ler as notícias apelativas do uso da violência e do tráfico de drogas no bairro apresentadas pelos meios de comunicação, ou em contatos com pessoas em sites de relacionamento, notadamente o Orkut e MSM, os mais citados. Ana, de 14 anos, quando está em contato com pessoas no MSN e diz que mora no Jorge Teixeira, escuta esta expressão de surpresa dos seus interlocutores: “Caramba! No Jorge Teixeira? E não é perigoso?” Por sua vez, Ingra, 15 anos, também em contatos com esse meio eletrônico, disse que tenta convencer aos seus amigos, quando afirmam que o seu bairro é perigoso, que isto acontece em todo lugar: “também dizem que é muito perigoso, mas cara todo lugar é perigoso, e não adianta ir pra outro que é a mesma coisa”.

Mas, que consequências, que implicações trazem essas imagens do bairro compartilhadas entre os moradores da cidade, na percepção dos jovens, para a vida deles e dos outros que ali habitam?

### **3.1.3 O enfrentamento dos estereótipos e preconceitos**

A visão compartilhada do mundo, segundo Lowenthal (1985), tem um caráter transitório, mudando a cada geração, e um caráter antropocêntrico, isto é, vai depender das intenções e preocupações humanas num determinado momento. Ela pode conter estereótipos

que influenciam a visão que se tem dos lugares e do qual emanam imagens similares que nos vem imediatamente à mente quando nos lembramos de um lugar. A educação e o tempo podem corrigir os estereótipos, mas nunca inteiramente. Como já dissemos no que foi evidenciado pelos jovens, é forte o estereótipo de lugar perigoso relacionado ao bairro Jorge Teixeira. Poderíamos citar aqui tantos relatos, mas vamos partir da associação do nome do bairro ao perigo, como nos disse Íris de 14 anos, “muitos habitantes (de Manaus) que acha que só pelo nome é perigoso, mas não é muito, pelo menos onde eu moro”.

Os estereótipos geram opiniões e preconceitos, a verdade sobre eles não está naquilo que é exposto, mas na roupagem que lhes é dada e que melhor lhe poderia caber (BRAIN, 1959, apud: LOWENTHAL, 1985). Ou seja, revelam uma intenção que se prende apenas à aparência dos lugares, e com esta lhes explica, lhes adjetiva: é um bairro perigoso. No entanto, é necessário olhar os lugares sendo “cuidadoso não somente do aspecto visual imediato [...], de sua história e costumes, de sua arte e pessoas, mas também de suas próprias relações a todos esses aspectos, a seu lugar simbólico e mítico em seu próprio mapa universal” (GREEN, 1955, apud LOWENTHAL, 1985, p. 138).

Eis o que nos relata Elisama, de 15 anos:

Algumas pessoas falam, pessoas que moram nos outros bairros e daqui mesmo, dizem que é um inferno, que o bairro é um desastre. O preconceito com o bairro vem pela má informação, a pessoa ouviu, mas ela tem que pesquisar se isso é verdade, porque nem todos são iguais, são diferentes do outro. E tem sempre essa trajetória de ida e volta pra casa, minha amiga já foi assaltada, mas isso não leva eu crer ou botar na minha cabeça que a Zona Leste, aqui, é a pior.

Ana Carolina, 14 anos, reforça o que foi dito pela Elisama, e acrescenta o aspecto da distância dos outros lugares como um aspecto negativo, mas ressalta que o preconceito com o bairro pode estar relacionado ao fato de que ele já foi uma invasão, porém não corresponde à realidade atual:

Já ouvi muita gente falando mal do bairro, [...] Mas também não é tão perigoso como as pessoas falam, porque todo lugar é perigoso. Então dizem: “é tão distante...” É isso que eles falam mal dele sem conhecer. Eu acho assim que é muito preconceito porque eu acho que o Jorge Teixeira foi uma invasão e tal, aí foi se transformando, mas acho que ele não ta, mas tão violento como antes. Acho que é muito mais pelo preconceito das pessoas.

E para os ex-alunos? Como ocorre essa realidade em seu confronto? Os jovens entrevistados neste grupo, todos são estudantes de escolas do Ensino Médio do Centro da cidade foram unânimes em afirmar a existência desse aspecto preconceituoso em relação ao fato de morar na Zona Leste. O preconceito se evidencia no dia a dia nas escolas do Centro na

forma de brincadeiras que menosprezam as origens, constringem e pode criar um certo mal-estar. O desafio dos nossos jovens é transformar o objeto da rejeição em motivo de orgulho e de auto-estima. Já no início do ano quando chegam para estudar naquelas escolas enfrentam as brincadeiras, os insultos dos colegas e, algumas vezes, vão se formando barreiras de exclusão que podem se criar com essas atitudes não amistosas. Assim vivenciou Patrícia, 16 anos, no ano em que chegou para estudar no Centro: “comigo não, mas com o restante dos meus outros colegas eles ficam xingando um ao outro. Quando eu cheguei lá, eu era novata, e aí passou um mês, dois meses, e houve aquela discriminação, aquela barreira”. Porém, à medida que o tempo vai passando eles aprendem a conviver com isto e a encontrar meios de afrontar a situação. Procuram não levar muito a sério o que dizem do seu bairro e de seus moradores, e a “entrar também no jogo”, brincando, para quebrar as possíveis barreiras que impedem os relacionamentos.

Jordana, 20 anos, ex-aluna da Escola Themístocles, afirma:

No ano passado [primeiro ano no Centro] eu senti isso, por exemplo, falavam assim “de onde são?” e a maioria são do Centro, do Educandos [bairro], próximos... e aí Zona Leste... e diziam: “onde só têm maconheiro” e tal, mas eu levava na brincadeira, na esportiva... mas eu senti isso no ano passado, esse ano não. Já é normal, todos aqui falaram que violência é em todo lugar.

Às dificuldades apontadas pela aluna citada acima, Gustavo, 16 anos, também ex-aluno, acrescenta sua percepção de como funciona a construção da imagem negativa relacionada ao bairro. Afirma com muita incidência o papel que da mídia em fomentar esse problema: políticos populistas usam seus programas de TV para manipular informações sobre fatos violentos e conquistar votos da população.

É assim em todo canto. Há aqueles que riem, ridicularizam o lugar que você mora. Na minha sala dizem “Ah! É lá do Jorge Teixeira!”, e eu digo Ah! Tu é lá da Compensa! Que não é nada barato também não. Acho assim, que você levando isso na brincadeira num vai haver resistência contra você... Mas se você levar pelo lado sério, com certeza você vai ficar desmotivado de estar lá pelas pessoas e o local. Mas existe o preconceito, é mais com a Zona Leste e Compensa. Acho que se relaciona a violência sempre com a Zona Leste, por causa dos índices mais altos. Com certeza a mídia influencia muito nessa imagem que se cria da Zona Leste, e com certeza, também aqui tem mais pessoas de baixa renda. Enquanto os lugares que têm alta renda e suas empresas, são os que patrocinam os programas deles [políticos populistas que possuem programas na TV] e só querem ganhar votos da Zona Leste sem se importar com as pessoas.

Também os atuais alunos da Escola Themístocles, evidenciaram muito fortemente o papel que os meios de comunicação têm na formação e manutenção dos estereótipos e



preconceitos. É impressionante a maneira consciente e centrada como tratam esse problema do uso da mídia na manipulação de imagens e busca de votos. Esta questão foi levantada por eles, e a colocaram como principal explicação para imagem negativa que se criou em relação ao bairro. Ficamos surpresos em encontrar neles a consciência desse conflito, e como sabem apresentá-lo com clareza.

Segundo as explicações dos alunos, a questão do preconceito, não é só com o Jorge Teixeira, mas com toda a Zona Leste da cidade de Manaus. Outros bairros têm seus problemas com falta de água e de energia, com transportes, com marginalidade, com as drogas e com a insegurança. Mas, criou-se em torno da Zona Leste uma imagem relacionada a esses fatos negativos. Para os jovens, essa parte da cidade, sendo uma área muito populosa, dá muitos votos e é muito visada por políticos que buscam articular formas para influenciar e captar eleitores. Uma das formas de atingir esse objetivo é uso da mídia, e em algumas redes de televisão de Manaus (assim como ocorre em outras capitais do país), foram criados programas apresentados por políticos com mandato ou por futuros candidatos a cargos políticos. Nestes programas mostram a violência do dia a dia na cidade, apresentando uma quantidade muito grande de fatos ligados à Zona Leste. E nesse sentido, também por ser muito populosa, afirmam os jovens, os casos de violência são mais frequentes nesta área que em outros bairros da cidade, não porque não tenha violência nos outros. Além de expor a violência de uma forma agressiva, nos quais se portam como defensores da população, promovem também outros tipos de programas populares mantidos também para fins eleitoreiros, onde se vê claramente a manipulação da miséria, da vida e dos sentimentos das pessoas, que são expostas de maneira que a sua dignidade não é valorizada. Outra questão referida pelos jovens que acontece no bairro, principalmente durante as campanhas políticas, é o surgimento de espaços que funcionam como centros de distribuição de comida para os pobres num visível assistencialismo com objetivo bem específico: o voto. Essas evidências foram levantadas e consideradas determinantes para se formar no imaginário popular a ligação da Zona Leste a fatos exclusivamente relacionados à pobreza, à violência e à insegurança. Conseqüentemente, a manipulação dessa realidade a torna um “celeiro” de votos para políticos populistas que têm os seus programas de TV direcionados aos problemas de populações carentes. Logo, o uso dos problemas da Zona Leste como plataforma de eleição é um trunfo nas mãos de políticos que exploram de uma maneira exagerada aquele quadro desfavorável à vida dos seus habitantes.

A esse respeito nos conta Girlan, de 15 anos:

Os outros bairros falam mal também da Zona Leste é porque onde mostra assalto, mostra gente morrendo mesmo. É mais na Zona Leste. Na televisão aquele canal, “Canal Livre”, esses programas assim. Eles mostram a desgraça do povo mais na Zona Leste, eles não mostram no Centro, problemas que acontecem no Centro, assalto ou alguma coisa indevida, diferente, sempre mostra na Zona Leste. E o que é que cria? Cria nos outros bairros, vamos dizer, um desrespeito assim à Zona Leste... acham que todo mundo que mora na Zona Leste é bicho. É bicho... por isso que tem bastante assaltante que fuma droga, porque o governo não investe no povo da Zona Leste. Eles tratam a Zona Leste como uma periferia, devido ser a zona maior de Manaus. Eles vê a Zona Leste como uma periferia, pra fora... não trata o bairro Jorge Teixeira como um bairro, isso é periferia, é a periferia...isso é um grande problema. A Zona Leste tá sendo praticamente separada dos outros bairros [...].

Thiago, 16 anos, que havia feito à consideração que a “área vermelha” não é só na Zona Leste, complementa a sua observação, fazendo referência aos programas assistencialistas dos políticos no bairro e nos canais de televisão da cidade:

Só porque é Zona Leste, não é um canto perigoso, área vermelha [...]. A área vermelha não é só aqui. Mas, é que aqui e na Zona Leste, a maioria das pessoas só são de classe média e de classe baixa, não tem classe alta. [...] Alguns políticos, só porque dão comida, estão humilhando as pessoas, distribuindo comida e depois dizendo, que ajuda, e isso que faz eleger porque estavam dando comida, esses tipos de coisa. E pra uma pessoa conseguir alguma coisa tem que se humilhar no programa deles.

Para Cristina, 15 anos, deve-se levar em consideração que em todos os bairros existem problemas, e, portanto, não se pode olhar a Zona Leste com o rótulo de perigo. Afirma, ainda, que a mídia contribui muito para essa imagem:

Eu acho assim: todos os bairros têm o seu ponto fraco, mas as pessoas dizem que só a Zona Leste que tem violência, ...que têm estupro... Não, cada bairro tem o seu ponto, no Centro e em todo bairro. A pessoa diz que só existe isso na Zona Leste, mas vai olhar no bairro dela... às vezes mora numa parte que é calma, que não tem e nunca presta atenção naquela parte que tem violência, que tem as bocadas, ...mas olha só a Zona Leste. Muitos desses bairros que tem esse pessoal que tem dinheiro, eles não põem na televisão, agora essas pessoas da Zona Leste que são de classe baixa, tão na primeira página do jornal. [...] Para os outros habitantes, aqui só mora marginal, gente de baixa renda, pessoas analfabetas... Mas, não é verdade, aqui tem gente de bem, pai de família e trabalhadores. O problema é que na TV só mostram a Zona Leste. As outras zonas [da cidade] não mostram os seus pontos negativos.

Não podemos cair no fatalismo de afirmar que a mídia é a única responsável por criar essa visão compartilhada de mundo. Existem outras influências já citadas pelos alunos, como a história do bairro ligada às invasões que ficou na memória dos habitantes da cidade, ou mesmo as rixas entre os lugares, como acontece em qualquer parte do mundo. Mas, também não podemos negar o seu poder na formação de imagens que fundamentam a leitura de uma

realidade. Portanto cabe sempre nos perguntar: quais os interesses dos veículos de comunicação? A quem estão ligados? Que informações querem passar?

Assim, o bairro Jorge Teixeira e a Zona Leste, entram neste contexto de manipulação nas mãos de políticos por meio da mídia. Nesse sentido, ela também contribui para a representação do lugar como um lugar inseguro e de sua população com estereótipos relacionados à pobreza e à marginalidade. Esta situação foi muito bem expressa pelas palavras de Edicley de 14 anos: “quando o nosso bairro passa na TV [dizem] que é um perigo, um lixo, que têm muitas ‘bocas de fumo’ e que é o bairro mais perigoso de Manaus. As pessoas ficam com medo de visitar o nosso bairro”. Portanto, pouco se sabe, fora do bairro, sobre a variedade de tipos, culturas e valores das pessoas que habitam esse lugar. Concretamente a mídia massifica, mascara a realidade, nega a este espaço a sua autenticidade e o seu sentido. Tem objetivos bem definidos: a obtenção e a manutenção do poder político.

### 3.2 RESISTÊNCIAS: O LUGAR, A IDENTIDADE E A CIDADANIA

As resistências no mundo juvenil frente às fragilidades apontadas anteriormente são concebidas nas suas atitudes que se descortinam nas relações com o bairro. Elas constituem modos de sobrevivência física e cultural que são criadas e os mantêm ainda firmes diante das adversidades que vivem. Portanto, “as resistências – orgânica e/ou cultural – são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. [...] Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos” (FREIRE, 2000, apud: MORETTI, 2008, p. 366).

Pensar a resistência nos remete também a uma outra concepção freireana que é vinculada a afirmação da consciência de si conjuntamente com os outros, que compartilham uma mesma condição de existência, um mesmo lugar e um mesmo destino. É com esta consideração que queremos, também, relacionar as resistências:

Mais que ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que reconhecendo a outra presença como um ‘não eu’ se reconhece como ‘si própria’. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 2007, p. 18).

Consideramos, nesse sentido, que a resistência mais eficaz é a consciência de ser presença no lugar. Esta consciência de si e dos outros no mundo pode ser relacionada à

própria identificação com o lugar, e na conseqüente valorização do seu espaço de vida cotidiana. Assim, compartilhamos com Freire (2007) a idéia do homem como uma presença atuante, dinâmica, consciente do inacabamento do ser, mas inserida num movimento em busca do ser mais, que tem esperança na mudança pessoal e do mundo. Esta atuação na vida cotidiana nos leva ao pensamento de Milton Santos (2007), que falava de um outro cotidiano pelo qual o homem redescobre a consciência e busca ampliá-la. Este cotidiano não se defende apenas pelas leis, mas igualmente, e mais frequente, pelas regras da convivência no lugar em que se vive.

É tão forte nos jovens o sentido de lugar, a sua identificação com ele, que não podemos concebê-lo apenas como um lócus, uma forma onde a cultura vai moldando a identidade. É muito mais que isso. Uma vez que o lugar é vivido, ele está dentro do indivíduo, faz parte dele, é intrínseco à sua existência. Poderíamos aqui exemplificar tantas expressões relatadas pelos jovens e que foram apresentadas quando tratamos das suas manifestações topofílicas no Capítulo II. Porém, queremos nos reportar apenas à de uma jovem que nos parece muito significativa, onde fala do seu relacionamento com o bairro exprimindo aconchego, filiação e apego. Para Livia, esta jovem de 16 anos, o bairro, “é tipo um ‘ninho’, aqui [...] você nasceu [...], tu brincou ali naquele campo de futebol, que tu viu crescer. [...] Então muitas das gente não sai daqui do Jorge Teixeira por causa disso, por causa da filiação que tem, ao apego”.

No lugar a construção da identidade pode ser expressa na busca da realização da proposição ser presença no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 2007). Compreendemos que isto se dá num processo que é concebido pelas experiências pessoais e pelas relações intersubjetivas que conferem à consciência de si e dos outros: não sou apenas um ser no mundo, mas sou com os outros e para os outros. A identidade, então, é individual e coletiva, ou ainda, podemos falar de várias identificações dentro de um lugar. Contudo, as circunstâncias vividas coletivamente quando se habita um mesmo lugar, fazem entrever pontos de convergência de interesses, intenções e problemas comuns, que lhes imprimem, também, uma identidade comum. Ou seja, habitar um lugar, experiênciá-lo, vivê-lo e com ele estabelecer uma relação de afeto, faz moldar nos indivíduos um sentido, neste aspecto, de identidade única, reflexo de sua geograficidade (aquela condição existencial de ligação com a terra). Esse sentido de lugar, de identidade, ocorre essencialmente naqueles jovens que ali nasceram, ou que construíram, com o tempo, relações profundas com o bairro onde moram.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (BRASIL, 1998), considera o lugar como a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria

identidade. É nele que se dá a cidadania, onde ocorrem as relações de consenso e conflito, dominação e resistência. E acrescenta, é a base da reprodução da vida, da tríade cidadão-identidade-lugar, da reflexão sobre o cotidiano, onde o banal e o familiar revelam as transformações do mundo e servem de referência para identificá-las e explicá-las.

Portanto, a identificação com o lugar pode se configurar em um fator fundamental de resistência dos jovens. É uma possibilidade de contrapor-se às questões de violência, de imagens negativas e possíveis estereótipos que se criam em torno dessa realidade vivenciadas e relatada por eles. Mas, existe um mundo a ser descoberto em suas relações no bairro, no qual outras resistências são compartilhadas em sua frenética necessidade de movimento e participação tão característica do ser jovem. Encontram no bairro espaço para a movimentação e a atuação em grupos, projetos sociais e ações cultural e esportiva promovidos por igrejas, associações, ONGs e órgãos do poder público, que ajudam a construir e fortalecer a sua identidade e seu estilo. Conseguem ser jovens de “atitude” como comumente afirmam orgulhosos. De fato, podemos constatar que aqueles jovens entrevistados que tinham mais “atitude” eram aqueles ligados a algum tipo de grupo ou de associação. Estes demonstravam uma linguagem mais crítica, espontaneidade e liderança.

### **3.2.1 A religiosidade como resistência**

É importante verificar, entre as formas de participação na vida do lugar, o peso e o significado das representações religiosas na modelagem da experiência que as pessoas têm do mundo e como estas influem sobre sua ação. Daí ser necessário conhecer as idéias e as articulações que as organizações religiosas oferecem como alternativas de inserção e ver como elas modelam a experiência e a ação das pessoas no mundo (CLAVAL, 1999). São pouquíssimos os jovens que durante a entrevista revelaram não possuir um referencial religioso, quase todos de alguma forma participam de atividades em igrejas evangélicas ou católicas do bairro, e encontram nelas, nos seus grupos destinados aos jovens, além do suporte para a dimensão espiritual em suas vidas, espaço de realização pessoal, da própria valorização e de formação da consciência, de lideranças e de alteridade. Funcionam, portanto como oportunidades de participação na vida do bairro.

Estas oportunidades se configuram em grupos de oração, de dança, de teatro, de louvor, bandas, corais e organização de “células” de jovens, onde, como nos diz Ana, de 13 anos, “a gente prega, canta, e às vezes no domingo a gente ensaia um coral; nos apresentamos na própria igreja”. Nestes grupos, espaços de referência religiosa, cultural, de lazer e de

relacionamentos de amizades, os jovens se estabelecem e conseguem ser multiplicadores do aprendizado e da vivência que ali encontraram. Assim, no repasse do dom aprendido para novos membros sentem-se protagonistas e a sua identidade como grupo religioso é fortalecida. É comum encontrar nos relatos afirmações como esta de Carol, de 15 anos: “Me identifico com os evangélicos, com o grupo da igreja e gosto de música gospel”. Por sua vez Bárbara, nos conta como é a sua participação em seu grupo: “Gosto muito de dançar, faço parte do grupo de dança da Igreja Universal na IV Etapa, aí eu ensino a pré-adolescentes de 11 a 15 anos, ensino a dançar... a gente apresenta... a gente ensaia segunda, quinta e sábado. No meu grupo de dança são dez e o nome é Juventude Universal”.

Os grupos de jovens das igrejas, segundo o que foi nos dito pelos entrevistados, ajudam a tirar o jovem do seu isolamento e a encontrar lugares onde se sentem seguros, onde podem exercer uma variedade de atividades. Neles encontram, também, a possibilidade de lazer em acampamentos e retiros fora da cidade, como nos conta Patrícia de 16 anos:

Participo da igreja Assembléia de Deus Tradicional. Participo de coreografia, quando não é peça [...] agora a gente vai apresentar uma peça sobre o Natal. Participo também de coral, de concurso de louvores, de gincana, de acampamento da igreja, de várias coisas.

Para Lívia, também de 16 anos, o grupo é fonte de entretenimento e de formação de amizades, gosta de participar para “não ficar pensando em outras coisas”. E Edcley, de 14 anos, acha importante a participação em grupos, e como se sente atraído por outros interesses assim divide o seu tempo: “eu gosto de participar assim, porque não tem nada pra fazer e aí me enterter com alguma coisa, descansar um pouco a cabeça assim e participar um pouco de cada. Um pouco de futebol, um pouco pra Cristo e um pouco pra escola”. E ainda, para Edney, 17 anos, o grupo serve como um lugar onde pode “falar na frente” sem medo de ser criticado por ter ali uma mesma identidade com todos: “Nesse grupo a gente ora, dança hip hop, fala na frente, canta. No Mateus são 50 jovens”.

Existem, também, projetos ligados às igrejas, onde os jovens se inserem e prestam serviços à comunidade. Como acontece com Gustavo, de 16 anos, que vê estas atividades como uma forma de participação na vida do bairro a partir do grupo da igreja que participa:

Eu participo bastante na igreja de São Francisco (católica). Participo do grupo de jovens, na igreja existe também os trabalhos comunitários, ...outro dia estávamos planejando as visitas aos outros jovens, convidar pra vir pra dentro da igreja. Possa ser até que a gente consiga tirar a pessoa das drogas, do álcool, do vício, e trazer pra dentro da igreja. O padre disse pra gente: “vocês são os jovens, e vocês podem evangelizar outros jovens”. Então basta a gente mesmo, eu digo por mim, eu

participo... Tenho vontade de participar de grupo e teatro, porque eu gosto de teatro, mas não tive essa oportunidade ainda. Então na igreja eu sou muito ativo mesmo, e ajudo o meu bairro referente à igreja.

Jordana, 20 anos, em seu relato nos conta o seu desejo de retornar às atividades nos projetos sociais de sua igreja com os quais encontra identificação: “eu participava da Santa Maria Goretti (igreja católica). Então eu era da catequese, da Pastoral da Aids, mas só que devido ao tempo, não deu mais pra mim frequentar. Mas, no decorrer do ano vou começar a frequentar a Pastoral da Aids e gosto dos projetos”.

Portanto, os grupos religiosos do bairro têm uma significação importante como contributo na formação de identidades dos jovens. A partir da própria experiência e da ação coletiva dos jovens eles conseguem interiorizar valores e com estes ajudam a construir um mundo melhor, mais humano e solidário.

### **3.2.2 Os grupos e as “tribos”**

Entre as ambiguidades existentes no mundo juvenil, comuns nesta fase da adolescência, onde procuram referenciais de vida individual e coletiva, estão a necessidade de afirmação da sua singularidade, como auto-afirmação do seu ser, e o reconhecimento como grupo, sentindo-se aceito e aceitando os outros. É muito importante para eles se afirmar como único, singular ou simplesmente diferente. No entanto, sentem a necessidade de estar em grupos identificados pelos mesmos tipos de interesses e valores, que se reflete também na aparência que desejam imprimir ao seu estilo de vida. Nesse sentido, os artistas, a moda e os movimentos culturais têm uma influência bem evidente.

No nosso caso, existe uma grande variedade de realidades entre os jovens entrevistados que resulta em graus de sociabilidade e identificações variadas em seu cotidiano. Em alguns é bem presente a mobilização em grupos e a frequência a espaços culturais e de lazer da cidade, porém em outros a articulação com os ambientes do lugar é comprometida, por não poder sair de casa impedidos pelos pais ou por outras circunstâncias sociais como a impossibilidade econômica. A estes, portanto, a vida cotidiana em suas relações se resume à escola, à igreja e à vizinhança.

Contudo, em todos se verifica uma identidade com alguma realidade presente no seu cotidiano. Em alguns a identidade é acentuadamente religiosa, para outros o processo de identificação se dá por influência de uma grande diversidade de grupos e “tribos urbanas”,

caracterizados por gostos musicais, movimentos culturais, estilos de vida e de idéias que lhes chegam com força sobre o seu cotidiano.

Recordamos aqui Claval (1997), na sua afirmação de ser no momento da adolescência, quando o jovem sai do processo que lhe constitui como indivíduo, que ele adquire uma identidade. Esta lhe confere a participação em um grupo e o faz existir diante dos outros. Logo, é fundamental para o jovem sentir-se parte de um grupo, e busca essas identificações num processo no qual existe uma espécie de flutuação, de mobilização à procura de valores que considerem válidos para sua existência no mundo. A permanência num grupo ou numa “tribo” pode ser momentânea ou duradoura, dependendo do nível satisfação e de conflitos pessoais e relacionais com aquele determinado grupo. O conflito de identidades também se dá entre as tribos e geram confrontos causados pelo fechamento dentro do estilo imposto como condição de participação e pela necessidade de afirmar a territorialidade nos espaços públicos como praças e shoppings. As palavras de Ketlen, 14 anos, expressam bem este dilema da busca da identidade nos grupos:

Antes como “tribo” eu só curtia nerd. Antes, porque eles são muito chatos, só vivem estudando. Pelo tempo que eu passei ali no Vasco (escola) a maioria dos meus colegas só vivia estudando. Eu gostava, mas não era tanto assim. E há um tempo atrás, umas três semanas, eu tava no have metal lá no Parque dos Bilhares. Agora já parou e eu só tou calma agora. Do have metal eu só gostava de participar do grupo, música mesmo não é tanto. Música que eu gosto é música gospel. Quando eu andava com os have metal eu não exagerava na roupa, só de vez em quando [...]. Eu abandonei o grupo de have metal porque no tempo que eu tava, tinha muita briga, violência... Porque antes, quando eu comecei a ir, eu passei uns três meses junto e não tinha tanto. No tempo que eu tava, outros punks, emos, lá dos Bilhares, vinham e começavam as brigas e discussões. E agente só fazia revidar. Os punks não são inimigos dos emos, alguns só, mas num são tantos não... Quem se aproximava mais dos have metal eram os punk, porque os emos eram nossos inimigos. Eram 25, trinta jovens nesse grupo e lá agente só queria passear, bagunçar e agente ficava no estacionamento.

Na realidade os jovens tendem a uma conformação com o coletivo que reflita as intenções e valores pessoais que interiorizaram e foram adquiridos no contato com a família, com a escola, com a sua religiosidade e com o meio cultural que o circunda. Apesar de buscar sempre o novo, de rebelar-se contra o antigo, de ver o diverso como resistência, no fundo existe a necessidade de valores que lhe dêem um sentido de segurança e felicidade. Querem apenas ser felizes como declara Thiago de 16 anos: “no momento quero ser feliz como toda pessoa quer, ser feliz!”



Alguns preferem dizer que não se identificam com “tribos”, ao invés se autodenominam de normais, naturais ou ecléticos. Sendo este último caracterizado por uma convivência simultânea de vários estilos e influências culturais.

Ingra, 15 anos, nos fala da variedade de gostos que não lhe permite se encaixar num rótulo de “tribo”:

A música eu gosto de tudo, quando gosto eu fico cantando e tal. Em moda eu visto qualquer coisa, roupa esportiva, mais social. Me visto de acordo que é pra vestir. Quanto a grupos eu já tentei ser roqueira mais não deu certo, mas sou eclética entendeu, não sou muito de cair em tribos. Sou dos normais. Eu gosto de Rock, de bastante pagode pra mecher o esqueleto. E se a música é triste eu começo a chorar, sou meio boba, mas gosto de qualquer música.

Contudo, para muitos jovens, existe um referencial definido pelas influências que recebem, e estas constituem, também, formas de se afirmar no mundo: são os roqueiros, forrozeiros, pagodeiros, punks, emos, sertanejos, metaleiros e seguidores do Movimento Hip Hop entre tantos. Cada segmento deste tem seu estilo, seus ídolos e até lugares prediletos onde se encontram. O gosto musical também se revela no vestuário que usam. É o que diz Luan, 16 anos, que se considera swingueiro/pagodeiro: “Eu gosto de me vestir do jeito garotão mesmo. Eu gosto de swingueira, pagode... eu me identifico com esses grupos e no modo de vestir, o corte de cabelo”. Por outro lado, Uslaine, 16 anos, que se considera do estilo sertanejo, que não encontrando amigos que compartilhem o seu estilo, encontrou numa comunidade virtual do orkut, uma maneira de sentir aceita em grupo:

Eu tenho um vestido meu, meio sertanejo, mas quando agente usa bota, ficam rindo da gente, aí a gente usa mesmo sandália, uma sainha, uma blusa. Gosto de música sertaneja, claro. [...] não participo de grupos, somente da comunidade (virtual) do orkut que eu gosto de sertanejo então tem vários sertanejos lá.

No entanto, para a maioria dos jovens a identidade com as “tribos” não é exclusiva. Dizer que simpatiza e valoriza aquele determinado estilo de vida, não significa necessariamente absorvê-lo inteiramente, mas, podem escolher algum aspecto que mais atrai e que adotam no dia a dia. O que pode ser a cor do cabelo, o tipo de roupa, a música ou outro aspecto qualquer que desperte no jovem a admiração, a conformação com o estilo da “tribo”, o desejo de dividir aquele elemento que pode ser símbolo do ser diferenciado, ou mesmo usar para ser aceito. Sobre este aspecto nos relata Ingrid, 15 anos:

Eu gosto mais de fazer meu estilo, eu num vou muito pela moda não. Eu gosto de ser diferente, não ta vestida igual a ninguém. Me identifico às vezes com os góticos e

com os emos. Por causa que eu gosto da franja e de preto. Às vezes eu gosto do rock romântico, que é um som mais leve. Eu gosto de Mxzero, que é tipo um rock, mas é umas músicas bacanas, mais românticas.

E ainda, Ingrid, com todo o seu ecletismo, após apresentar o que lhe atrai nos outros estilos de vida, fala de sua participação, desta vez efetiva, no Movimento Hip Hop:

Quando tem movimento, eu frequento [...] o grupo de Hip Hop que se chama Nativos Crion. Os nativos são uns vinte por aí. Sempre marcamos um lugar onde tem os eventos, às vezes é lá no Vivaldo Lima, até aqui mesmo na escola vinham treinar aqui, ou nas escolas, no programa escola aberta. O Nativos é do Movimento Hip hop do MHM (Movimento Hip Hop de Manaus).

É também significativa o papel da música e da dança como articuladores de resistências no bairro. Entre estas ações culturais está o Movimento citado acima, muito conhecido pelos jovens como forma de expressão e de articulação entre os jovens da cidade. Mateus, 15 anos, que participa de um grupo Hip Hop local afirma que,

A idéia desse grupo é trazer os jovens que vivem nas drogas, ver se tiram deste mundo através da dança ter uma outra oportunidade. Nesse grupo tem 11 ou 12 pessoas. O meu colega me chamou para participar e fui porque gosto das danças... não é um grupo da igreja, é um grupo do bairro organizado por um cara que foi candidato a vereador.

Outro estilo que se impõe e faz carreira entre os jovens no bairro é a possibilidade de estudar música, participar de uma orquestra e de concertos clássicos. Isso se tornou possível devido à fundação na Zona Leste do Centro Cultural, hoje Liceu de Artes Cláudio Santoro. Este espaço cultural já possibilitou para milhares de crianças e jovens, principalmente os mais carentes da cidade, o acesso às várias modalidades de fazer música. Aprendem a tocar violino, sax, oboé e outros instrumentos que vão se incorporando à fisionomia do bairro, com os sons dos seus acordes e imagens de jovens que os carregam pelas ruas. Contudo, apesar da experiência marcante de viver em um ambiente cultural diferenciado, em ensaios e concertos em teatros da cidade, os jovens não perdem a sua identidade original. Entre os jovens do lugar, convive o orgulho de viver em um mundo clássico, porém com a identidade de pagodeiro, forrozeiro ou outras. É o que nos conta Thiago, 16 anos, jovem músico que divide o seu tempo entre as apresentações com a orquestra e com uma banda de pagode:

Eu toco instrumento de sopro, metal, numa orquestra. Todos os sábados eu ensaio e também tem final de semana que toco numa banda, toco sopro. A gente tem uma banda mista, toca forró, pagode... aí eu gosto porque me sinto mais a vontade, ganho

e fico me divertindo. E também depende quando o cachê é grande a gente ganha R\$ 50,00 a 30,00 reais pra cada... aí dá pra ir comprando alguma coisinha. Moda pra mim é um estilo que cada pessoa tem. Às vezes tem pessoas que se influencia muito pela moda, tipo... corte de... cortar o cabelo... eu já fiz muita besteira com meu cabelo já que até hoje eu me arrependo. A pessoa diz “pó... aquele corte é bacana e tal... a pessoa corta. Mas aquele corte fica bacana pra aquela hora lá e pra pessoas do mesmo tope, 15, 16 anos e até adolescentes. Mas agora pra pessoas adultas... eu fui na orquestra, mas fui de boné que senão iam me enjoar lá... “pica-pau, pica-pau, num sei o que... eu cortei de moicano, aí bacana, mas quer saber vou deixar crescer... e ultimamente eu gosto de usar brinco. Eu sou um cara muito vaidoso. Eu me identifico com pagodeiro ou forrozeiro, porque eu toco quase todo tipo de música... na orquestra que eu toco só é música clássica, tipo Jonh Williams, essas coisas assim. Quando eu vou me divertir a gente toca pagodão, forró, swingueira... assim eu vou levando. Às vezes todo pagodeiro tem que ter aquele cordãozão e tal, tem que ser aquele estilo garotão. Agora vai pra tocar concerto e aí vai ter que ir todo mundo social. Eu tento dividir meu tempo, porque tem vezes que cai concerto pra gente tocar no dia que vou tocar com a banda... Aí eu penso assim que cada concerto lá do Cláudio Santoro, eu tô no terceiro trompete na orquestra, no caso tem quatro trompetes que são meu substituto e se eu faltar... em vez de eu pegar o dinheiro, que cada apresentação é sessenta reais, meu substituto pega. Então se eu for tocar com outra banda, só se for ganhar mais, porque ganhar menos eu vou tocar com o pessoal da orquestra que paga melhor. Sinto orgulho de tocar na orquestra, porque é um campo bem privilegiado em Manaus. Aqui só tem duas escolas de música, música profissionalizante que vai pra orquestra fora como a Amazonas Filarmônica, Amazonasband; são pessoas do Cláudio Santoro que saem formadas de lá e eu tô no nível três. Pra mim chegar no nível dez. Agora pra minha idade eu tô um pouquinho avançado pra o nível da música de trompete. Porque nem toda pessoa tem o mesmo desempenho, trompete é um instrumento difícil, a pessoa tem que saber ler partitura, tem que ter melodia, harmonia e tudo isso envolve, além de aula prática, tem aula teórica também. No entanto eu me identifico mais com o pagode, a música clássica é mais relaxado, quando eu vou tocar música clássica fico relaxado, o cara fica tocando e fica sei lá!

### 3.2.3 O esporte e as lan house: oportunidades de inserção no mundo

Assim como a religiosidade, os grupos, as “tribos”, a música e a dança, o esporte e o uso do serviço das lan house são outras possibilidades constituídas como resistências e formas de inserção no mundo.

Quanto ao esporte existem alguns campos de futebol no bairro, e alguns jovens que participam de projetos esportivos do Governo do Estado se dirigem aos bairros próximos como o São José, para praticar este esporte. Porém, segundo os jovens, as áreas esportivas do bairro não são suficientes, uma vez que o Jorge Teixeira é muito grande e não tem espaço para que os que gostam de futebol possam jogar e brincar. Resta, então, o lazer e o futebol improvisado nas ruas e em terrenos baldios, já que não se tem acesso às quadras, ou simplesmente, por não haver locais adequados nas proximidades das casas onde habitam. Como nos fala Lívia, 16 anos: “Gosto de ficar brincando de bola, perto lá de casa; queimada, barra-bandeira e outras brincadeiras do lado da minha casa, num campo, um terreno abandonado que agente usa de campinho lá. É o nosso lazer que a gente fica brincando lá”.

Além de locais improvisados para jogar futebol, alguns jovens encontraram no “Projeto Bom de Bola”, da Secretaria de Estado de Juventude, Desporto e Lazer (SEJEL/AM), uma oportunidade de praticar futebol e se integrar em torneios esportivos com jovens de variados bairros de Manaus. Este projeto, segundo informações do site da Sejel (AMAZONAS, 2009), tem como metas a inclusão social, o incentivo ao esporte, trazendo aos jovens a oportunidade de praticar futebol. Por meio deste projeto os jovens são estimulados ao estudo, ao aprendizado da prática esportiva e a competição saudável.

Edcley, 14 anos, relata como são as suas atividades neste projeto:

Gosto de jogar bola; tem um projeto perto lá de casa, nós treina lá, [...] aí na Esplanada (no último andar de um estabelecimento comercial) tem um campozinho, aí eu jogo bola lá, toda a sexta a gente vai [...]. No Projeto Bom de Bola tem tipo um treinador, e ele faz vários time e jogamos na segunda, quarta e sexta de manhã de 7 horas até meio-dia. Jogo no time dele e com o técnico do Nacional juniores, já fui jogar em vários bairros. E a minha vida é isso aí jogar bola e estudar.

Em relação ao acesso à da Internet para quase todos se dá por meio das lan house. Nestes locais podem se conectar com mundo, mesmo considerando o possível perigo que por vezes lhes circunda, já que alguns jovens falam que alguns destes estabelecimentos são também frequentados por “galerosos” que trazem certo clima de insegurança e medo. Contudo, funcionam como formas alternativas de participação e inserção no mundo virtual; foram os locais mais citados pelos jovens como espaços onde se divertem, pesquisam e estabelecem relacionamentos com amigos, parentes distantes ou com comunidades virtuais.

Entre as interfaces mais procuradas e usadas pelos jovens estão o “chat” a dois, ou a mensagem imediata disponibilizada pelo Windows, o MSN, o “chat” propriamente dito que é como uma sala aberta onde encontram os amigos e conversam juntos, e o site de relacionamentos “Orkut”. São instrumentos que servem para exprimir-se e comunicar que usam largamente: possibilitam compartilhar um estilo de vida distensivo, alegre, uma maneira de socializar-se, de estar virtualmente com os amigos e brincar com as palavras sobre os acontecimentos cotidianos, compartilhando entre eles até uma espécie de código de linguagem próprio com palavras abreviadas.

As lan house têm, também, um papel social, tornando acessível à Internet para quem não tem computadores e provedores em casa, além de tornar a comunicação, entre amigos e parentes distantes, mais eficiente e econômica. A este propósito Lívia, 16 anos, afirma que nas lan house pode acessar a Internet, entre outras coisas, para contatar com familiares distantes de uma forma mais econômica que o uso do telefone:

Eu vou na Internet porque tem familiares meus que moram para fora. Minha tia mora no Rio de Janeiro, então eu tenho telefone em casa, mas se é de eu pagar uma ligação que meu Deus 3 min. é o que eu pagaria um mês, então eu vou na lan house pagando 2 reais, eu pego mando recado pro orkut das minhas primas, falo com elas e ainda sobra tempo para responder pros meus amigos, falo no MSN, sobra tempo... então eu acho bom, acho importante a Internet pra gente.

Nós adultos vemos tantos perigos na Internet, nas redes de relacionamento e chats. Porém os jovens também percebem isto, e constroem suas próprias defesas no contato com estranhos driblando e escondendo informações que lhes coloquem em perigo. Eis como Ketlen, 14 anos, evita situações de perigo:

No momento estou indo numa lan house para MSN, Orkut e às vezes eu vejo sites. Eu gosto muito de lan house. Para me livrar de conversa perigosa na Internet eu digo que não simplesmente; os que eu mais converso pelo Orkut e MSN são pessoas de fora, são amigos de Orkut. Quando tem algo eu digo que não, não tem como evitar né. Eu não dou nenhuma informação minha, se dou é tudo falso.

Para Rodrigo, 15 anos, além de pesquisa e informações, usa a Internet para contato com várias pessoas, porém com o cuidado para entender quais são os seus objetivos:

Eu uso pra pesquisa, trabalhos, também dar uma olhada nos sites de notícias, jogos que estão acontecendo, os acontecimentos aí por fora. Conheço também por Orkut várias pessoas de fora de S. Paulo... Porto Alegre... para ver se uma pessoa não é legal, se é perigosa pra mim, eu vou vendo pelo tempo, como ela é, como é o jogo dela que ela quer fazer, o estado de vida dela.

Contudo, o ideal segundo Jeice, 15 anos, é adicionar em sua rede de amigos somente pessoas conhecidas: “uso bastante para pesquisa da escola, já que aqui não funciona a biblioteca. Mas o principal é o Orkut e MSN. Abro para conversa, mando recado, essas coisas. Eu só adiciono pessoas que eu conheço”.

### 3.3. EXPECTATIVAS: UM FUTURO MELHOR

Ao término deste capítulo, situando-nos nas expectativas dos jovens, procuramos esboçar suas esperanças e probabilidades relatadas por eles, sob o prisma existencial de sua geograficidade que exprime a sua ligação com a Terra e na qual tem um destino: realizar a sua condição terrestre. Este conceito dado por Dardel (2006), indica que entre o homem e a Terra se cria e se estabiliza uma série de cumplicidades no seu ser. Para reforçar esta afirmação, o autor recorda o pensamento de Konczwski: “os nossos dinamismos refletem em si mesmo o

mundo externo, implicado por assim dizer nas fibras da nossa sensibilidade” (apud: DARDEL, 2006). Logo, a resposta do homem, como expectativa em relação à sua existência no mundo, ou aqui poderíamos dizer lugar, seja refletindo o medo, a admiração ou a simpatia, se dá por meio de um acordo ou de uma desarmonia fundamental, ao ritmo do mundo que nos circunda (DARDEL, 2006). A expectativa como destino ou futuro possível reflete a consciência de si e do mundo, pode se configurar em anseios positivos ou negativos nos indivíduos e na coletividade.

Partindo da premissa acima, buscaremos em Lowenthal (1985), Tuan (1980), Buttimer (1985), e Relph (1992), os autores que com Dardel (2006) nos ajudaram a tratar este estudo sob uma perspectiva fenomenológica, as suas afirmações que se aproximam do argumento proposto da expectativa vinculada ao destino. Pensamos, ainda de acrescentar entre estes autores o pensamento do educador Freire (2008) a este propósito, porque este trabalho, também, está ligado às questões de educação e cidadania. Considerando ainda que este autor também foi influenciado pela fenomenologia. Segundo Zitzoski, Redin e Streck (2008), a perspectiva freireana, na qual fez uma síntese entre a fenomenologia e a dialética, tem como ponto de partida os fenômenos concretos que constituem o universo existencial de nosso povo.

Começamos por Lowenthal (1985), a sua proposição da transitoriedade da visão compartilhada do mundo, nos direciona à questão das mudanças de imagens formadas no decorrer de gerações que se alternam, que encontra novos fatos e inventa novas concepções de vida. Portanto, existe a procura de um devir a ser que se constrói dinamicamente no tempo e no espaço, que indica novos rumos e cria expectativas quanto a um futuro melhor.

Tuan (1980), por sua vez, indica que os seres humanos têm procurado um meio ambiente ideal. Nesta procura nos movemos de um lado para outro: do lar para a praça pública, do subúrbio para a cidade; dos feriados praianos para o deleite das artes sofisticadas; procurando um ponto de equilíbrio que não é deste mundo. A procura, portanto, indica uma ação presente de algo que ainda não se concretizou, de uma insatisfação existencial, e isto conduz a uma expectativa de realização futura. Neste sentido, o autor com a sua proposição da busca humana por um ponto de equilíbrio se aproxima da noção de destino e futuro que encontramos nos outros pensadores.

Esta busca de um lugar ideal para viver encontramos nas palavras de Deiliane, 14 anos, que diante de um mundo violento e com tantos problemas ambientais, não lhe resta que aprender a gostar do seu próprio lugar, já que em todos vê que existem dificuldades para morar:

O mundo está muito violento. Eu acho melhor mesmo é morar aqui no Brasil, morar pra, assim, outros países é muito ruim porque tem furacão... as pessoas não respeitam a natureza, destroem e depois se arrependem porque acontece vários desastres lá. E aqui é mais difícil acontecer. Mas em todo lugar é ruim de morar, porque em todo lugar tem assalto, em todo lugar tem morte, não tem um lugar que seja bom pra morar, mas eu prefiro morar aqui mesmo.

Podemos ver a noção de futuro em Buttimer (1985), quando ela trata do conceito de Habitação no sentido dado por Heidegger, como viver adaptado aos ritmos da natureza e da história. Ela nos impulsiona a ver, com esta afirmação, a vida da pessoa apoiada na história humana e direcionada para um futuro que é construído no diálogo cotidiano com o ambiente ecológico e social do homem.

Para Relph (1992), as esperanças, frustrações e confusões da vida estão inextricavelmente ligadas ao lugar e sentido de lugar. Aqui novamente vem em relevo a temática dos anseios, dos problemas da vida humana e da imprevisibilidade de um amanhã, marcado na vida do lugar com um elo muito forte.

O futuro para Freire (2008), é construído pelos homens com luta em um processo de aprendizagem contínuo: é “lutando aprendendo, uns com os outros a edificar este futuro, que ainda não está dado, como se fosse destino, como se devesse ser recebido pelos homens e não criado por eles” (apud PASSOS, p. 199). Logo, só existe futuro se pudermos compreender a nós e a história como inacabados, em processo de construção temporal que lança luz sobre a problematização do pensado-e-vivido do passado e do futuro, que compõem o presente (PASSOS, 2008).

### **3.3.1 Por um lugar no mundo**

Para os jovens as expectativas em relação ao futuro compõem relatos de problemas e situações que se referem à realidade local e mundial. Essas situações referidas são consideradas por eles como realidades do presente e que podem ou não alcançar soluções futuras. Alguns não conseguem expressar uma perspectiva futura de alcance mundial, se restringem à realidade local, muitas vezes sem conexão com o mundo exterior, ou às suas perspectivas pessoais. Outros se expressaram dando relevo à necessidade de mudanças de atitude e referenciam situações mais gerais. A um grupo quando perguntados sobre o que eliminariam do mundo responderam: a violência, as drogas e as armas. E o que

acrescentariam no mundo para melhorar, disseram que deveria ter mais responsabilidade, mais esperança, paz, uma lei mais severa e harmonia.

Todas essas situações relatadas refletem visões de mundo particulares e partilhadas, apreendidas do contato e da experiência diária. Revelam os anseios, inquietações, os dramas, as relações entre as pessoas, além de aspectos vinculados aos problemas ambientais, política, economia, religião e cultura.

Vejo um mundo de dificuldades. O que tá acontecendo agora no presente pode ser a destruição no futuro. Tá havendo vários problemas, a degradação do ambiente. O mundo tá se acabando praticamente porque nós humanos temos sempre aquela tendência de evoluir, avançar. E nesse nosso avanço nós podemos nos destruir e destruir tudo, porque bombas nucleares e tal. Tem atrito, tipo o Iraque com os Estados Unidos por causa da posse do petróleo. No meu ponto de vista se cada um fizer a sua parte, o mundo não estaria como ele está. Os nossos filhos e os nossos netos é que vão sofrer com o que estamos fazendo agora no momento (Thiago, 16 anos).

A minha esperança para o mundo é que todas as pessoas mudem, porque as atitudes vem d'agente mesmo. No futuro espero melhoras, que as pessoas comecem a conviver como se fosse uma família não em "pé de guerra" (Íris, 14 anos).

Com essa crise financeira, bancos falindo, dinheiro, me preocupo também com o trabalho das pessoas, porque as pessoas ficam sem empregos. Então me preocupo com o futuro das pessoas, não vai ter emprego, salário, um futuro (Ingra, 15 anos).

Espero que o meu futuro seja brilhante... tipo ser alguém realizada na vida, poder tá vovozinha lá sentada com os meus netos contando como eu fui jovem, da minha realização profissional e contar uma história não lamentada, mas feliz (Jeice, 15 anos).

A situação do mundo é muito ruim... tá acontecendo muita coisa e na Bíblia também diz que o mundo tá pra acabar (Raion, 14 anos).

Por vezes a perspectiva de um futuro mundial pode ser repassada com a recordação de uma imagem de uma fábula lida quando se é ainda criança. Porém associada a esta imagem vem uma visão negativa de futuro quando se pensa ao presente do mundo. É o que nos conta Patrícia, de 13 anos:

Quando eu vejo o mundo é uma bola imensa azul e cheia de formiguinhas, daqui a alguns dias não vai dar pra todo mundo morar aqui e ir para um outro planeta. Como eu vi num livro uma vez, um livro de criança. O mundo poderia ser bem melhor, sem poluição, aqueles carros a gás, gasolina, petróleo... isso tá acabando com essa bola. Os rios agora não tá ficando mais azul, tá amarelado, sujo... tá tudo muito ruim... não tenho esperança que mude. Acho que o mundo tá perdido, igual a mamãe fala... o mundo tá perdido. É eu acho que criaram isso daqui pra um dia acabar né?

Porém, quando se trata do seu futuro pessoal, Patrícia tem uma boa expectativa, mas com um pensamento bem original que se contrapõe ao que qualquer adolescente teria em relação a si em relação a uma família futura. Parece ser trivial para ela este ideal e almeja algo mais:



Eu espero do meu futuro que seja bom; não quero ter marido bonito, filhos. Acho bonita a profissão de cantora, mas sei que eu nunca vou ser. Mas eu queria trabalhar na área que mais amei, que usa mais a inteligência: eu queria ser intelectual, não quero trabalhar manual. Ou psicóloga ou com computadores. Quero um mundo sem violência, drogas, tudo isso tem que mudar muita coisa. Quero terminar minha faculdade, ter um emprego, minha própria casa e próprio trabalho.

Quanto ao futuro relacionado a questões pessoais o que vem em evidência são sonhos, planos e perspectivas relacionadas à escolha de uma profissão, terminar um curso superior, ter um bom emprego e ajudar a família. Ou ainda, almejam atingir objetivos para um futuro mais próximo, como passar na prova do Cefet (Centro Federal de Educação Tecnológica), do Senai (Serviço Nacional da Indústria), ou da Nokia. Estes cursos são muito visados pelos jovens, constituem possibilidades de ganhar uma qualificação técnica e assim poder trabalhar no Distrito Industrial. Além desses propósitos mais próximos, gostariam de terminar ou iniciar cursos de informática ou outros complementares, que habilitem possibilidades de trabalho em outras áreas, que não seja só a indústria.

Dessa necessidade de fazer cursos complementares nos conta Elisama, 15 anos:

Quero terminar meu curso que tou fazendo de Jornalismo, curso promovido por uma ONG para estudantes aqui no colégio nos sábados. Eu quero melhorar meu desempenho, porque tem uns que vão lá só por causa do certificado, mas não tão nem aí... Mas, para mim é a experiência. E quando terminar vai continuar com outros cursos e quero continuar até o final quando acabar.

E Fábio, 16 anos, fala dos seus sonhos para o futuro:

Hoje o meu interesse é estudar, ajudar meu pai, terminar meu Jiu-jítsu, e ajudar o meu pai, porque meu pai trabalha muito. Eu espero um futuro sem fome, sem violência. Um futuro melhor, mais oportunidades pra gente e mais pessoas estudando, que desistem muito por falta de oportunidades.

Para os jovens as oportunidades de inserção na vida do bairro se configuram na igreja, na escola, nos grupos a que estão ligados, na prática esportiva e no uso das lan houses. Estes, para eles, são lugares de convivência, de não violência, com os quais se identificam e possuem valor. Gostariam de construir no seu lugar uma identidade que não está na mídia, e é desconhecida por muitos na cidade. Através das suas atividades cotidianas, dos seus valores e atitudes demonstram uma identificação com o bairro e reforçam a desconstrução da imagem de “área vermelha” (violenta) vinculada ao lugar. O futuro para eles se configura como esperança e possibilidades.

A compreensão do mundo e suas possibilidades futuras são dadas a partir da consciência de ser no lugar de vida. Por vezes a consciência de si e do mundo é frágil e pessimista, em outras é forte na esperança de mudanças. Essas novas conquistas de um mundo melhor podem acontecer “na medida em que a juventude representa e interfere na cultura em que se desenvolve e da qual apreende seus valores e os vivencia na construção de sua identidade” (GRINSPUN, 2008, p. 33). Portanto, o destino do homem não é algo determinante, mas é uma possibilidade de construir um futuro melhor, que poderá acontecer ou não. Contudo essa suspensão não impede que haja uma esperança de concretizá-lo. Consideramos que “prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão” (FREIRE, 2007, p. 10). Em última análise, o destino humano é imbuído da esperança de sua realização nesta Terra como um ser que segue um percurso em sua história se constituindo, individual e coletivamente, em toda a sua plenitude com as dimensões, afetiva, social, religiosa, cultural e política. Ou como afirmou Dardel (2006, p. 36), “que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como um ser chamado a realizar-se na sua condição terrestre”.

## CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

A necessidade de construção de um processo educativo voltado para a cidadania e a melhoria da qualidade de vida tem sido uma preocupação constante do trabalho realizado pela escola pública, com o objetivo de atender as expectativas comunitárias em relação à função social da escola. Nesse sentido é de suma importância viabilizar que os habitantes de um lugar, vinculados por laços de vizinhança e situações comuns que os fazem sentir-se comunidade, expressem seu próprio conhecimento e participem na resolução de conflitos. É no lugar da vida cotidiana que os indivíduos desenvolvem a maioria das atividades relacionais, produtivas e criativas. Este constitui o meio com o qual se identificam e, portanto, nele podem manifestar opiniões e tomar decisões sobre iniciativas e situações que os afetam.

Nesta pesquisa nos apoiamos na perspectiva fenomenológica para compreender a geograficidade que se estabelece entre os jovens e seu lugar. Partimos do seu ambiente escolar para sondar suas percepções e experiências do seu mundo vivido. Encontramos nesta interpretação filosófica do pensamento geográfico a forma mais adequada, neste momento, de tratar este tema sem querer, contudo, nos afirmar fenomenólogos.

O resgate do conhecimento vivido dos jovens nos fez entender a sua ligação afetiva e consequente identidade com o lugar. Essa consciência de ser no mundo é fundamental para ações que possam configurar a participação no bairro, tendo em vista que a cidadania é realizada no lugar de vida, em comunhão com os outros lugares. É efetivada, portanto, a partir de um posicionamento crítico do próprio indivíduo frente ao contexto social, político e cultural do seu ambiente físico. Nesse sentido ressaltamos a relevância que tem o ensino da geografia, a partir da experiência e da significância que têm os lugares para a vida e para a construção de um mundo melhor: um mundo que reflita a beleza, a justiça e a fraternidade.

Diante do exposto, gostaríamos de fazer algumas precisões a propósito dos resultados obtidos nesta pesquisa:

Desvendar a geograficidade dos jovens nesse estudo nos possibilitou o encontro com outro, numa dinâmica relacional expressa pelo compartilhamento de saberes. Uma verdadeira aventura na descoberta do mundo vivido dos jovens; uma experiência que poderia ser sempre retomada a cada início de ano letivo com as novas turmas que chegam à escola. Poderíamos utilizar os mapas mentais e os grupos de diálogo aberto utilizados na metodologia deste trabalho para acolher novos saberes e percepções a serem desvendados.

A geograficidade apresentada por Dardel (2006), como condição existencial que liga o homem à terra e que marca o seu destino, nos conduz aos desejos e anseios dos indivíduos no seu ambiente geográfico. É necessário, portanto, ir ao seu encontro, colocar o seu conhecimento em evidência e expor a sua visão do mundo onde está inserido. O futuro, o destino, para nós tem o significado de esperança e de mudança.

Os aspectos relacionados à percepção dos jovens que trouxeram uma manifestação topofílica, ou a formação de elos afetivos com o bairro, foram evidenciados pelos relacionamentos com parentes e amigos das vizinhanças, por ser o local onde nasceram, pela proximidade dos locais que frequentam e pelo caráter festivo do lugar. Já os que trazem rejeição e mal-estar foram identificados nas situações que os jovens consideraram desfavoráveis ao bairro. Tais situações se cristalizam nos problemas considerados mais graves: a violência e as drogas, os serviços de água, energia e transporte, além das cheias e da poluição dos igarapés. Contudo, apesar dos problemas citados, pelos relatos pudemos verificar que existe uma ligação muito intensa com o bairro. Seria importante, então, levar em consideração as suas atitudes quando afirmam a necessidade de ir além das denúncias de problemas e propor soluções. Portanto, não esperar que políticos o façam com suas promessas nem sempre cumpridas, mas partir da própria mobilização em contatos com a associação de moradores, as igrejas, as escolas, ou outras formas de organização.

A escola ocupa, nas imagens e na valorização de sua simbologia, um espaço fundamental na vida dos jovens. Ela tem um significado muito forte, e a sua fragilização, percebida pela falta de estrutura e abandono, pode ser causa de mal-estar e baixa-estima, comprometendo o caráter estético do processo educativo. A consideramos como um lugar que acolhe a geograficidade existente em cada pessoa. Para ela confluem as relações com o lugar, que é fonte de conhecimento, e nela se estabelecem expectativas, sociabilidades e afetividades. É sempre um momento desafiador, e ao mesmo tempo atrativo, a mudança para as escolas do centro quando terminam o Ensino Fundamental no bairro. São novos os lugares e as realidades a serem enfrentados e incorporados ao seu cotidiano. Os espaços se ampliam, porém a referência é sempre a identidade com o próprio lugar.

Verificamos, também, que as matrizes culturais e os valores dos jovens são bastante tradicionais e estão na base da sua identidade pessoal e com o bairro. Esses valores se configuram nas suas relações e na fisionomia dos grupos em que se organizam no bairro e na cidade. Valores como a fé, a família, a amizade, o estudo e o trabalho convivem paradoxalmente com outros imersos num contexto global. Esses se expressam em novos hábitos e costumes, na moda, nos grupos ideológicos das “tribos urbanas”, dos ambientes e contatos virtuais nas lan house e outras novidades que forjam estilos de vida. Aqui poderia estar uma questão a ser aprofundada em outro estudo: qual o significado das culturas contemporâneas e a sua relação com valores tradicionais na fisionomia do lugar. Esta questão nos veio à mente quando abordamos o papel significativo da religião, com seus grupos de jovens, e das lan house na identidade dos jovens e nas formas de participação na vida do bairro.

Em relação ao uso da Internet, nas lan house ou em casa, não custa lembrar que apesar de os jovens afirmarem os cuidados que têm com os relacionamentos virtuais, seria oportuno que os pais acompanhassem que tipos de contatos estão tendo os seus filhos, assim poder-se-ia evitar problemas como os contatos com pessoas indesejáveis e a dependência do mundo virtual. Os contatos no mundo virtual podem se tornar uma oportunidade de crescimento e de protagonismo real da própria vida. E nós, educadores, em conjunto com a família, temos a possibilidade de ajudá-los a desfrutar as suas capacidades, criatividade, fantasia e talentos para preencher a Rede de coisas significantes que no fundo desejariam, porque os seres humanos têm sempre em si valores como o bem, o belo, o justo, o respeito, a paz, a amizade, o amor. Convidá-los a viver estes valores e combater as operações negativas que se encontram na Rede com ações positivas.

Quanto à questão da identidade com o lugar, somente a consciência dela não basta. É necessário saber o que fazer com ela. Que a identidade com o lugar ajude a encontrar o próprio lugar no mundo. Pensar identidade, portanto é pensar em cidadania. Nesse sentido as fragilidades expostas pelos jovens, relacionadas à violência e à imagem estereotipada que se criou em relação ao bairro, deixam uma herança, um fardo muito pesado a ser carregado. Esses jovens, além de lutar por respostas pessoais à própria condição de fragilidade vivida nesta etapa da adolescência, têm que arcar com o enfrentamento da violência, estereótipos e preconceitos. Logo, quando acentuamos o valor da identificação com o lugar, pensamos com isto poder ajudar a criar resistências, a construir coletivamente a esperança de mudanças.

Então, como ponto de partida, no combate aos estereótipos e preconceitos é necessário reconhecer o conflito. Isto foi feito de uma forma muito clara e crítica pelos jovens, que se

esforçaram em desconstruir à imagem negativa formada sobre o bairro e a sua população. Portanto, foi fundamental promover as associações de idéias e experiências vividas por eles no contato com este problema, fazendo-os refletir sobre a sua interferência na reprodução de estereótipos, sem receio de sofrer preconceitos ou exclusão, ou seja, abordar claramente o mal-estar que esta situação causa.

Quanto à participação da mídia – evidenciada na condução de programas de caráter populista e de cunho eleitoreiro – na construção de imagens negativas do bairro, é necessário acompanhar as pautas desses programas, dar sugestões, criticar e organizar resistências sociais. Fazer chegar a opinião sobre os temas tratados pode ajudar a mudar os quadros apresentados de manipulação da pobreza e da violência.

Como possibilidades queremos ainda oferecer – no tocante às representações gráficas do bairro que os jovens fizeram – um mapa síntese das referências contidas nos seus Mapas Mentais. A esse mapa, demos o título: “Síntese das Referências dos Mapas Mentais dos Jovens no Mapa do Bairro Jorge Teixeira – Manaus/AM” (Mapa Síntese colocado no final dessas considerações ). A ideia de elaborá-lo surgiu da necessidade de agrupar num único mapa as situações, simbologias e representações que os jovens fizeram do bairro. É importante frisar que esse mapa síntese não é um Mapa Mental. Ele foi organizado a partir de uma base cartográfica do bairro. Poderia ser utilizado como recurso didático para professores de escolas do bairro, pois é útil para localizar e abordar os problemas apontados pelos alunos, conhecer mais profundamente a sua percepção do bairro e encontrar meios de abordar os problemas por meio da elaboração de projetos solidários e de caráter interdisciplinar.

Outra possibilidade seria fomentar a formação de grupos de diálogo entre saberes, formados por professores, técnicos, funcionários, alunos e pais, para a apreensão da realidade pessoal e do lugar, com o objetivo de influir no entorno diante das situações problema identificadas.

A relevância em identificar nos jovens a sua geografia, as suas relações com o bairro, a escola, os outros lugares da cidade, e a formação de imagens compartilhadas destes lugares, não está em apresentar a realidade que vivem como um fato absoluto e estagnado no tempo e no espaço. A realidade é dinâmica e muda nas gerações que se sucedem, e os elementos comuns que foram percebidos podem não ser os mesmos em tempos que se seguirão. Como nos lembra Lowenthal (1985), as intenções e preocupações humanas estão em constante mudança. Consideramos então que a relevância deste trabalho está em valorizar a concordância básica a respeito dos aspectos universalmente aceitos sobre o mundo. Permite que o conhecimento revelado pela experiência e pelo mundo vivido seja somado e acumulado

dentro da ciência, do saber popular e do senso comum. Direciona-nos para aquele sentido de compartilhar saberes como fonte de verdade, aprofundamento e cientifização. O estudo de geografias vivas.

SÍNTESE DAS REFERÊNCIAS DOS MAPAS MENTAIS DOS JOVENS NO MAPA DO BAIRRO JORGE TEIXEIRA-MANAUS/AM

LEGENDA

Educação

- 1 Esc. Mun. Themístocles P. Gadelha
- 2 Esc. Mun. Helena A. Walcott
- 3 Esc. Paulo Pinto Nery
- 4 Esc. Rosa Sverni
- ★ Projeto Jovem Cidadão

Comércio e Serviços

- 1 Bemol
- 2 Freeler
- 3 Casa do Marceneiro
- 4 Mercadinho Sena
- 5 Jane Variedades
- 6 Feira
- 7 Padaria
- 8 Lan House
- 9 Posto de Saúde

Bolas (rotatórias), áreas de lazer e esporte

- 1 Bola da Feira do Produtor
- 2 Bola do Jorge Teixeira
- 3 Praça de Alimentação
- 4 Campo da Casinha Branca
- 5 Campo do Jorge Teixeira

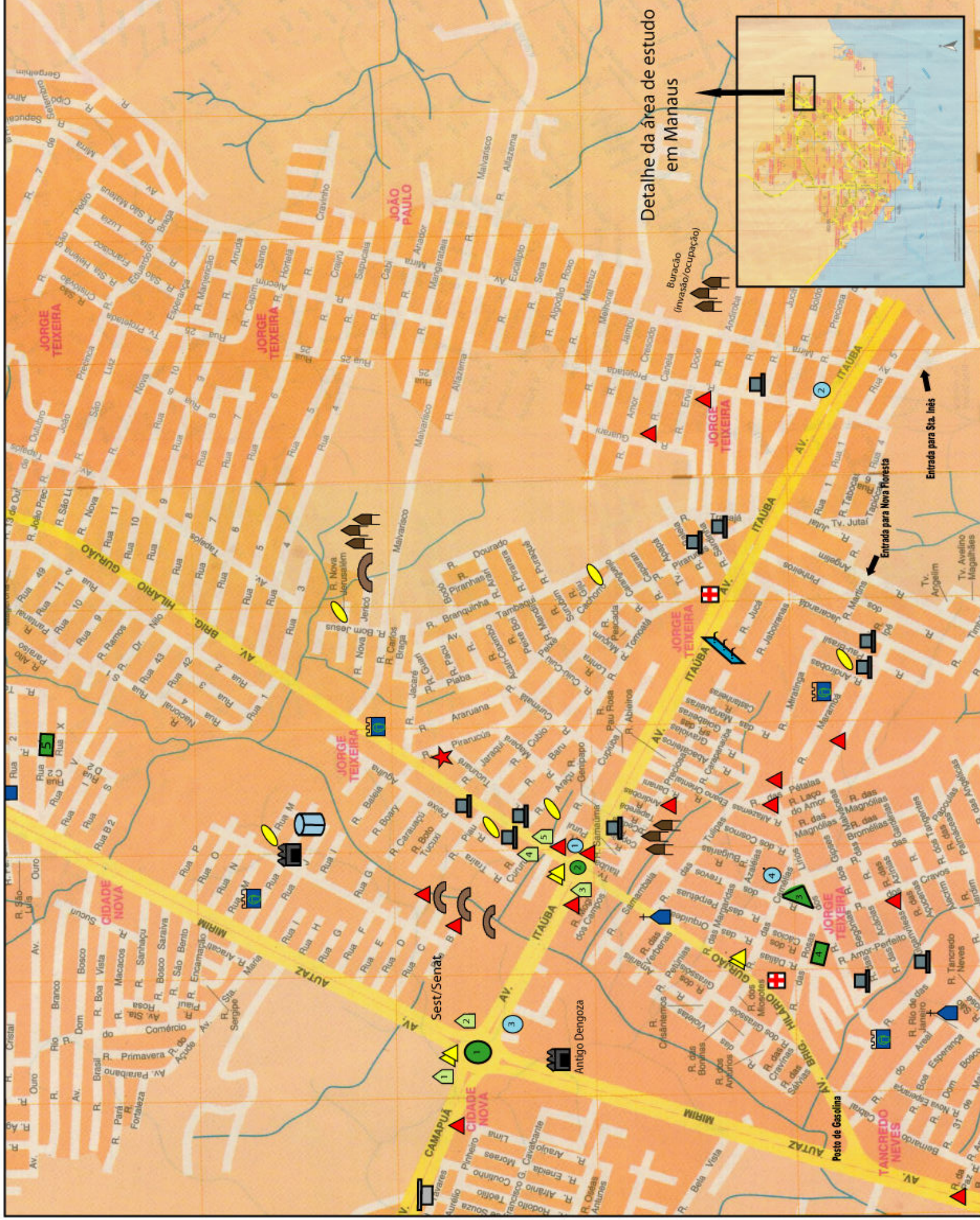
Religiosidade

- + Igreja Católica
- + Igreja Evangélica

Situações problema

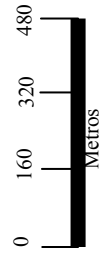
- ▲ Ruas perigosas (drogas, trânsito, falta de iluminação)
- 🌉 Pontes sobre igarapés
- 📄 Plano emergencial de águas
- 📦 Caixa d'água comunitária
- 🚏 Terminal 4 (transporte)
- 🏠 Casas em áreas alagadas e ocupações

- 🗳️ Galpões utilizados para campanhas políticas (assistencialismo)



Fonte: Mapas mentais do bairro Jorge Teixeira, elaborados pelos alunos da Escola Municipal Themístocles P. Gadelha, obtidos em trabalho de campo (2008) sobre a base dos mapas 16 e 17 da Lista Publicar Listel Amazonas 2009/2010, elaborados por FVMV Computação Gráfica Ltda. Elaborado por Marcos Castro de Lima - outubro/2009. Orig: Francisco José Corrêa Costa - outubro/2009

ESCALA APROXIMADA





## REFERÊNCIAS

AMAZONAS (Estado), Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas. *Desenvolvimento Humano em Manaus – Atlas Municipal*. CD-ROM .Manaus: SEPLAN, 2006.

AMAZONAS (Estado), Secretaria de Estado de Juventude, Desporto e Lazer – Projeto Bom de Bola. Disponível em: <<http://www.sejel.am.gov.br/>> Acesso em: 04 set. 2009

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG. In: DEL RIO. Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: temas transversais*. Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2002.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985.

CASTELLO, Lineu. A percepção em análises ambientais: o projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: DEL RIO. Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *A geografia cultural*. Trad. Luiz Fugazzola e Margareth de Castro A. Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DARDEL, Eric. *L'uomo e la terra: natura della realtà geográfica*. Trad. Clara Copeta. 3. ed. Milano: Unicopoli, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. Escola. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, Raquel Paiva de. *Ambiente e saúde na cidade de Manaus: percepção dos moradores no bairro Jorge Teixeira*. 118f. Dissertação ( Mestrado em Ciências Ambientais) – Centro de Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2005.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

GRINSPUN, Mirian Paura S. Zippin. A razão dos afetos. In: revista *O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta*. Ed. 4. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HERBERT, Sérgio Pedro. Cidadania. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Wherther. *A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. 550f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. Wherther. A Geografia Humanista anglo-saxônica: de suas origens aos anos 90. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 109 – 146, jan./dez. 1993.

\_\_\_\_\_. Wherther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985.

MACHADO, Lucy Marion. Paisagem valorizada: a serra do mar como espaço e lugar. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MANAUS, Prefeitura Municipal de Manaus, Secretaria Municipal da Infância e da Juventude – SEMINF. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Manaus: PMM, 2005.

MENEZES, Eugenia; WANDERLEY, Vernaide. Do espaço ao lugar: uma viagem ao serrato brasileiro. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MORETTI, Cheron Zanini. Resistência. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. *Percepção e representação gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*. 181f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). *Geografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In: GALENO, Alex; SILVA, Aldo A. Dantas da (orgs). *Geografia ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PASSOS, Luiz Augusto. Futuro/Futurível. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTALAMAZONIA. *Jorge Teixeira, bairro de Manaus*. Manaus: s/d. Disponível em <[http://portalamazonia.globo.com/artigo\\_amazonia\\_az.php?idAz=501](http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az.php?idAz=501)> Acesso em: 02/10/2007.

REDIN, Euclides. Boniteza. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Milton. *O espaço cidadão*. 7.ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. Trad. de Laura T. Motta. São Paulo: Schwarcz, 2007.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TUAN, Yu-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

WATARAI, Felipe; ROMANELLI, Geraldo. *Trabalho e identidades de adolescentes do sexo masculino*. In: I simpósio Internacional do Adolescente. 5, 2005, Anais, São Paulo: Sielo, 2008. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200089&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200089&script=sci_arttext)> Acesso em: 26 ago. 2008.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A – Roteiro para entrevistas**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – Aspectos a serem contemplados:**

#### **1- IDENTIFICAÇÃO – ( A \_\_ )**

Sexo:

Idade:

Origem (onde nasceu):

Se nasceu em Manaus qual a origem da família:

#### **2 – ASPECTOS NORTEADORES DA ENTREVISTA COM ALUNOS DA ESCOLA:**

- Descrição do ambiente em que mora (deficiências, ameaças, fragilidades e oportunidades do bairro em relação à realidade juvenil);
- Descrição do ambiente escolar (aspectos positivos e negativos);
- Motivos que leva a gostar de morar no bairro e a temer, e a estudar nesta escola;
- Valores, consumo, interesses e lazer;
- A participação na vida da escola e na comunidade (grêmio ou outra atividade no âmbito escolar, grupos (religiosos, esportivos, culturais, ONGS, outros);
- Como se sente valorizado(a) na família, na escola e na comunidade;
- As dificuldades que encontra (diversidade, violência, saúde, trabalho, estudo, família, acesso à vida cultural e de informação, outros);
- Como vê o mundo atual (se sente de fora ou inserido no contexto de um mundo globalizado ou somente nas realidades locais do bairro e da cidade);
- O que se espera do futuro.

#### **3. ASPECTOS A SEREM TRATADOS EXCLUSIVAMENTE COM OS EX-ALUNOS:**

- Ainda mantêm alguma relação com esta Escola (Themístocles P. Gadêlha)?
- Sente falta desta Escola? De que mais sente falta?
- Ao mudar da Escola do bairro de sua residência para a do centro, você sentiu dificuldades? Quais?

- Você vê resistência por parte dos novos colegas para se relacionar com ex-alunos de escolas da zona Leste? Que tipo de resistência?
- Quanto aos professores há formas de tratamento diferenciado por parte deles em relação aos alunos que vêm dos bairros?
- Você participa de atividades no bairro, como grupos de teatro, de igreja, de esporte, de dança ou de lazer? Identifica-se com algum tipo de “tribo” (grupos ideológicos de jovens)?
- Você participa ou já participou de movimentos de reivindicação ou de associações? Quais? Como foi ou é sua participação?
- A escola do bairro contribuiu ou ainda contribui para a sua inserção nesses movimentos?

## **APÊNDICE B – Oficinas com Mapas Mentais**

### **OFICINAS COM MAPAS MENTAIS**

**(Mapas que ajudam a explicar o mundo vivido; o nosso lugar.)**

#### **Introdução**

O fundamento principal desta atividade é a compreensão do mundo a partir do olhar daqueles que nele vivem. Nela os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental como sujeitos adolescentes, são os atores principais desta ação pedagógica, através da elaboração dos mapas mentais de seus lugares de vida. A construção da própria Geografia a partir de informações e experiências vividas no lugar (bairro) e que revelam a geograficidade como condição existencial em cada pessoa.

Os Mapas Mentais são representações, mapas das imagens mentais que fazemos da nossa percepção dos lugares vividos experienciados. Estes mapas captam a vida onde ela está acontecendo, nas pessoas e nos grupos, onde vivem, aprendem, sofrem, temem, se relacionam e produzem. Fazem entender o lugar a partir de um olhar que pode refletir uma profunda verdade que é independente da exatidão de uma representação geométrica. É um recurso que pode viabilizar a participação na construção do saber geográfico e estimular a compreensão de si mesmo como sujeito de direitos, como foi promulgado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ao estimular a participação cidadã desses jovens é importante, também, evidenciar o que lhes deixa mais vulneráveis, e ainda como apresentam essas vulnerabilidades e quais são as suas resistências. Torna-se essencial, portanto, escutar suas idéias sobre si, seu tempo e seu espaço, a que grupos estão ligados e como atuam.

#### **Objetivos**

Por meio dos Mapas Mentais, analisar como os alunos percebem o seu bairro e como o representam a partir de sua vivência no lugar.

#### **Conceitos**

- Percepção
- Lugar
- Mapas Mentais



### Tempo estimado

Três aulas (aproximadamente duas horas e quinze minutos)

### Material Necessário

- Papel A3; lápis; lápis colorido; borracha; régua.

### Estratégias

1. Introduzir a atividade apresentando que as diversas formas de olhar e perceber um lugar vai depender da pessoa e da ligação e do interesse que ela tem com este local:
  - 1.1. **Engenheiro:** construção, nivelamento de terreno, desmonte de encostas, desmatamento, etc. → **mapa topográfico**;
  - 1.2. **Turista:** vê somente o que foi lhe vendido através de pacotes; é um olhar quase sempre superficial. → **mapas turísticos** (pontos turísticos);
  - 1.3. **Político:** mapeamento do número de eleitores em função de votos. → **mapa da distribuição dos eleitores por bairro (“currais eleitorais”)**;
  - 1.4. **Agricultor:** preparo da terra, plantio, etc. → **mapa de sua terra** com as delimitações com terrenos vizinhos;
  - 1.5. **Policial:** policiamento, prevenção, etc. → **mapa dos locais de violência**, pontos. De venda de drogas, etc.;
  - 1.6. **Habitante do Lugar:** os locais que lhe viram crescer; o amor ao lugar; o medo do lugar; o traçado das ruas; as casas da vizinhança; o bate papo na esquina; a padaria; os problemas do bairro; a praça; o culto e a missa nas igrejas; a escola com professores e colegas. Etc. → **Mapa Mental** da memória, do sentimento e da vida no lugar (bairro).
2. **Fazer a pergunta:** Qual o olhar mais completo? Qual o que mostra que tem mais ligação com o lugar?
3. **Apresentar brevemente os conceitos de percepção, lugar e mapa mental;**
4. **Que tal agora desenhar o lugar onde você vive?**
  - O que você enxerga no seu lugar? desenhe em seu mapa mental todos os locais que são importantes para você; cite os seus nomes;
  - Coloque tudo o que você observa desde o que você vê (o real e visível) e o que você não enxerga (situações que ocorrem no bairro e que você percebe no seu dia a dia);
  - Localize no seu mapa mental os problemas do seu bairro;
  - Se você fosse contar para alguém sobre o Jorge Teixeira o que você mostraria deste lugar?
  - Coloque o seu primeiro nome e idade no canto da folha.

### **Explicação e interpretação dos Mapas Mentais**

Numa conversa informal, deixar que cada aluno apresente e explique seu Mapa para toda a turma (se algum não quiser, não insistir e depois verificar pessoalmente). Fazer anotações dos aspectos abordados pelos alunos.

- Como os outros habitantes de Manaus falam do seu bairro? O que você acha da opinião dessas pessoas?

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/ICHL

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Francisco José Coringa Costa e Amélia Regina Batista Nogueira, pesquisadores da UFAM, departamento de Geografia, ICHL, Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, cujo telefone de contato é (92) 3647.4402, vamos desenvolver uma pesquisa cujo título é **“A Geograficidade dos jovens e o sentido de lugar na sua experiência cotidiana”**.

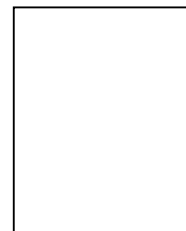
O objetivo deste estudo é de compreender a geograficidade do jovem nos bairros da cidade, tomando como referência a escola, para entender como ele se relaciona e identifica-se com o lugar, e necessito que o Sr(a). autorize que seu filho(a) a participar da pesquisa por meio de uma entrevista respondendo a perguntas sobre o bairro e a escola.

O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar. Informo ainda que não existirá despesas para o participante, e ele pode se retirar a qualquer momento da pesquisa de acordo com a resolução 196/06.

Diante do que foi afirmado acima pelos pesquisadores, ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, sem despesas para mim, com garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Portanto, concordo voluntariamente em permitir a participação do(a) meu(minha) filho(a) deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pai (mãe) ou responsável

Manaus, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_



\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Manaus, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**APÊNDICE D – Convite aos responsáveis dos alunos para assinatura do TCLE****CONVITE**

Caro(a) Senhor(a)  
Responsável \_\_\_\_\_ pelo(a)  
aluno(a) \_\_\_\_\_

Eu, Francisco José Coringa Costa, professor de Geografia desta escola em licença para estudo, e a Professora Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, vamos desenvolver uma pesquisa cujo título é **“A Geograficidade dos jovens e o sentido de lugar na sua experiência cotidiana”**. O objetivo deste estudo é compreender a percepção geográfica do jovem dos bairros da cidade, tomando como referência a escola, para entender como ele se relaciona e se identifica com o lugar.

Para isto estamos lhe convidando para uma breve reunião para explicar a importância desta pesquisa e pedir que o Sr(a). autorize que seu filho(a) participe de atividades como: o desenho de um mapa do bairro e a responder uma entrevista. Estas atividades serão realizadas em sala de aula da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadelha, no horário da aula de geografia, com a devida autorização e colaboração da nossa Diretora e do Professor Rodrigo, atual professor de geografia.

A nossa reunião será no dia 16 de outubro 2008, na próxima quinta-feira, às 15:00 horas, no(a) Auditório, da Escola Municipal Themístocles P. Gadelha.

Desde já contamos com a sua presença e agradecemos a sua participação.

---

Francisco José C. Costa  
Professor

**APÊNDICE D – Termo de anuência****TERMO DE ANUÊNCIA**

Autorizo Francisco José Coringa Costa, pesquisador da Universidade Federal do Amazonas, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas e Letras, para realizar nesta escola a pesquisa que tem como título **“Geograficidade e cidadania do jovem na periferia: uma abordagem a partir da experiência da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadelha”**. Estou colocando a sua disposição uma turma de 8º ano do ensino fundamental, turno vespertino, para dar informações que servirão para a pesquisa. Fui informada ainda que só serão tiradas fotografias da escola com o meu consentimento e que o objetivo da pesquisa é compreender a geograficidade do jovem de periferia, tomando como referência a escola, a partir da sua percepção e identificação com o lugar.

Estou ciente de que as informações a serem prestadas se darão em quatro etapas com atividades distintas predispostas a seguir:

- I etapa: Produção cartográfica do espaço vivido pelos jovens: mapas mentais (atividade em sala de aula com os alunos da turma escolhida);
- II etapa: Aplicação de entrevistas com roteiro aos alunos da turma (cópia do roteiro anexa a este termo a ser aplicada em sala de aula);
- III etapa: Aplicação de entrevistas com roteiro com dez ex-alunos (cópia do roteiro anexa a este termo que será aplicada em sala a ser disponibilizada);
- IV etapa: Pesquisa nos livros de ocorrências (sala dos técnicos) para verificar quais são as maiores dificuldades e conflitos enfrentados pelos alunos.

A realização destas atividades necessitará da presença do pesquisador nesta escola. Neste sentido asseguro que estou informada da pesquisa e autorizo a sua permanência no tempo que for necessário para o andamento da pesquisa. Se for necessário falarei com o pesquisador através do Departamento de Geografia/UFAM, situado na Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, ou pelo telefone (92) 36474402.

Manaus, 14 de agosto de 2008.



*Helis Maria*  
Diretora da Escola Municipal Themístocles P. Gadelha

## APÊNDICE E – Folheto /convite para a apresentação do trabalho na escola (frente)

### AGRADECIMENTOS

A Deus, à minha família e ao Movimento dos focolares pelo apoio e força sempre presente;

A Universidade Federal do Amazonas, e à CAPES/FAPEAM pelo apoio financeiro;

A Secretaria Municipal de Educação de Manaus-SEMED, que por meio do Projeto Qualifica me autorizou o afastamento para estudo e acompanhou todo este período;

A Profª. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, minha orientadora pelo acompanhamento constante;

A Secretária e coordenação do programa PPG-GEOG pelas informações e orientações sempre precisas;

Aos professores do programa e ao Professor Ms. Marcos Castro pela valiosa colaboração;

Aos diretores(as), professores, funcionários da Escola Municipal Themistocles Pinheiro Gadelha, pelo incentivo e por ter possibilitado e viabilizado a pesquisa nesta escola;

Aos meus ex-alunos (as), com os quais aprendi um pouco mais de suas geografias de vida, sobretudo os alunos do 8º ano e 9º ano de 2008 que participaram das entrevistas e da oficina com mapas mentais.

### AS CIDADES

Imagina se essas ruas  
Onde sempre caminhas  
Te fizessem sentir como em tua casa  
Se fossem os bancos das praças  
Onde as vezes descansas  
A acolher-te mesmo se não és daqui

Eu gostaria que fosse assim  
A minha cidade  
Uma casa pra ti

Imagina se mesmo as casas  
Se enfeitassem de festa  
Pra dar vida ao belo que existe em ti  
Se os muros caíssem por encanto  
E pudessem passar  
Onde nunca poderias nem pensar

Mas se quiseres, será assim  
Sabes que hoje, estou aqui

As cidades são mais  
Que suas construções  
Sobretudo elas são  
Feitas de pessoas

Com o teu respiro  
Com o meu respiro  
Com teus pensamentos  
Nos meus pensamentos

E não é só um sonho  
Basta que o queiras  
Se pode trazer luz  
Para minha cidade

Imagina ainda experimentar  
Um novo modo de estar com as pessoas  
Fazer aos outros o que queres para ti

E então com certeza as pessoas  
No início surpresas  
Teriam esse jogo junto a nós  
Se o quiseres, será assim  
Sabes que hoje, estou aqui

Autora: Chiara Grillo



**UFAM 100 anos**



**PALESTRA**  
**A GEOGRAFICIDADE DOS JOVENS E O SENTIDO DE LUGAR NA SUA EXPERIÊNCIA COTIDIANA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PPG-GEOG / MESTRADO EM GEOGRAFIA

Orientadora: Profª. Dra. Amélia Regina B. Nogueira

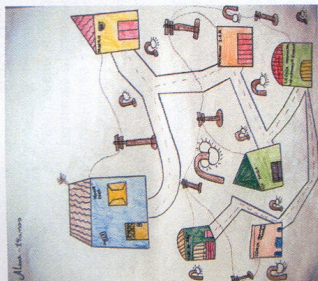
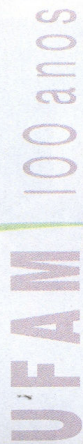
Foto: Mariana Zolnerow

Local: Escola Municipal Themistocles P. Gadelha  
Horário:  
Data:

**Verso do folheto/convite:**

**APRESENTAÇÃO**

Com base nos requisitos exigidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, e sobretudo, pela importância de se divulgar o trabalho de pesquisa para a sociedade. Nesse sentido, a possibilidade de apresentar o tema: **A geografia dos jovens e o sentido de lugar na sua experiência cotidiana**, vinculado à linha de pesquisa: Território, espaço e cultura na Amazônia, em escola pública do Estado do Amazonas é fundamental para tentar levar os resultados alcançados durante o processo que sucedeu a pesquisa.



Mapa Mental de Aline – 14 anos

**RESUMO DO TRABALHO**

O contínuo processo de exclusão de jovens nos bairros da cidade e a necessária valorização da percepção desse espaço nos motivaram nessa pesquisa a estudar o tema da geografia dos jovens e o sentido que o lugar tem para eles na sua experiência cotidiana. Buscaremos compreender qual a geografia desses jovens e o seu espaço vivido, e como eles constroem sua identidade. Partimos da seguinte problemática: a valorização da geografia, que se reflete nas várias maneiras como os jovens sentem e conhecem seus ambientes, o lugar, a rua, a escola, a igreja, locais de lazer, e outros referenciais que lhes são importantes, contribui para a identificação com o lugar e inserção no mundo. A compreensão dessa questão se dará por meio da abordagem cultural na geografia numa perspectiva fenomenológica. Como sujeitos da pesquisa, uma amostragem representativa de alunos e ex-alunos de ensino fundamental, da Escola Municipal Themistocles Pinheiro Gadelha, no bairro Jorge Teixeira, Zona Leste de Manaus (AM).

Palavras-chave: Percepção, geografia, lugar e identidade.

**OBJETIVOS**

1. Divulgar os resultados alcançados durante o processo da pesquisa;
2. Apresentar o Objetivo Geral e Específicos da pesquisa:  
**Objetivo geral:** Compreender a geografia que se estabelece entre os jovens e o seu lugar, tendo como referência a percepção deles. O lugar de partida será a escola.  
**Objetivos específicos:**
  1. Buscar a aproximação teórica com conceitos e categorias na abordagem cultural da geografia numa perspectiva fenomenológica;
  2. Identificar como os lugares vividos pelos jovens são percebidos e concebidos por eles;
  3. Abordar o papel da escola como lugar de confluência da geografia dos jovens em relação ao seu espaço vivido;
  4. Verificar como os jovens do bairro percebem os outros lugares e como vêem a percepção que os outros tem do seu próprio lugar, analisar como isso ocorre quando se vai estudar nas escolas do centro;
  5. Aportar suas fragilidades, suas resistências, a visão de mundo e suas expectativas



Mapa Mental de Caroline – 15 anos

**ANEXOS**



**ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UFAM)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UFAM

**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

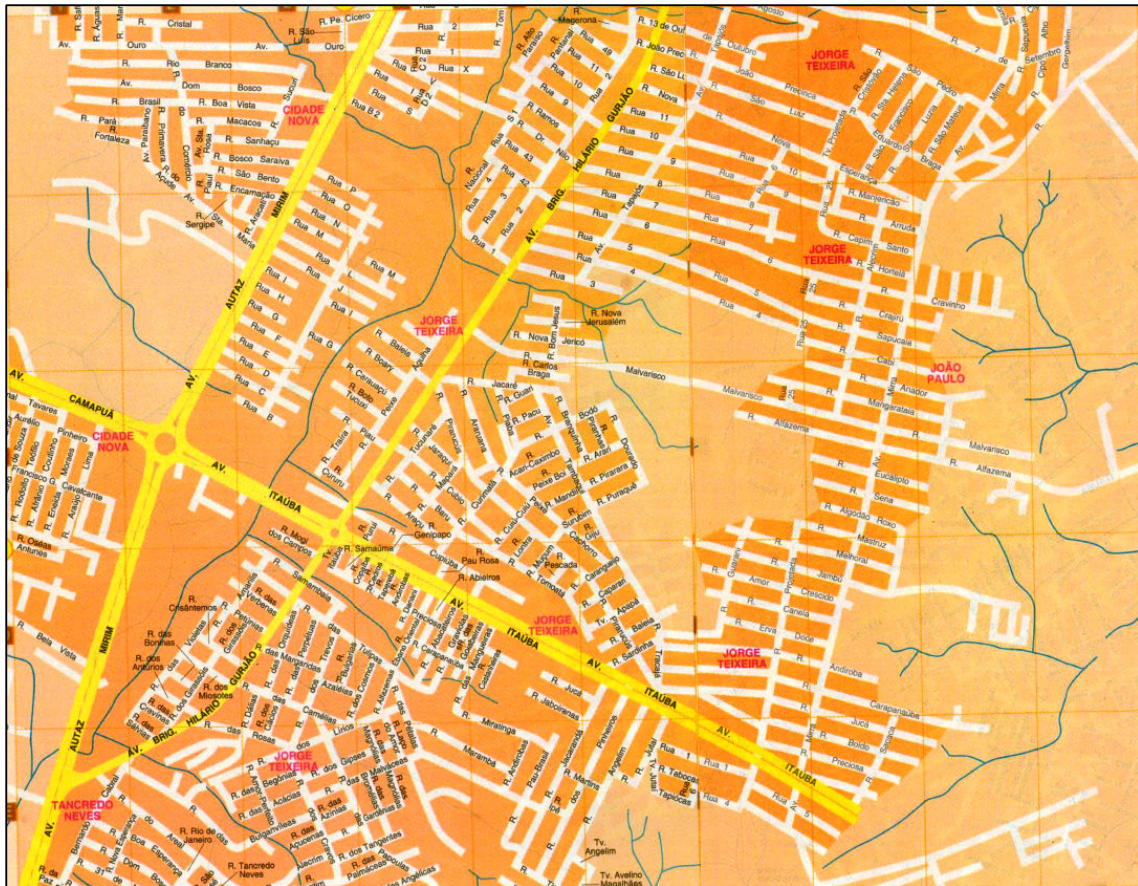
O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o projeto de pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0206.0.115.000-08, intitulado: **“Geograficidade e cidadania do jovem na periferia: uma abordagem a partir da experiência da Escola Municipal Themístocles Pinheiro Gadêlha”**, tendo como Pesquisador Responsável Francisco José Coringa Costa.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus (EEM) da Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, em 10 de setembro de 2008.

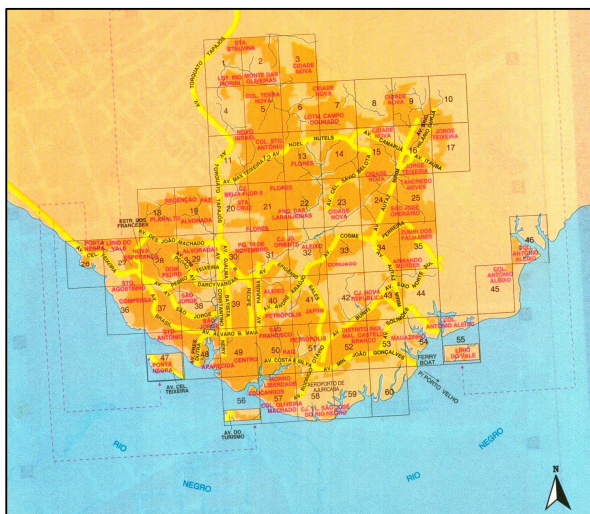
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
Comitê de Ética em Pesquisa CEP / UFAM

Prof. MSc Plínio José Cavalcante Monteiro  
Coordenador

**ANEXO B – Mapas utilizados como base cartográfica para a elaboração do mapa síntese.**



**Fonte:** mapas 16 e 17 da Lista Publicar Listel Amazonas 2009/2010, elaborados por FVMV Computação Gráfica Ltda.



**Fonte:** Lista Publicar Listel Amazonas 2009/2010, elaborados por FVMV Computação Gráfica Ltda.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)